

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica

SOMNIUM

Nº 113 - Abril de 2017

CARLOS ORSI
DAVID MACHADO
FABIO BARRETO
FREDERICO DE OLIVEIRA TOSCANO
GERSON LODI-RIBEIRO
GILSON LUIS DA CUNHA
GRAHAM BRAND
LUIZ BRÁS
PAULO ELACHE
RICARDO SANTOS
SANTIAGO SANTOS

HOMENAGEM

MAX MALLMANN





SOMNIUM

Em 29 de junho de 2015, um acontecimento numa planta da Volkswagen em Baunatal, Alemanha, chamou a atenção: um operário de 22 anos havia sido esmagado por um robô. O rapaz trabalhava na instalação deste robô na linha de produção de motores quando, de repente, foi agarrado e empurrado contra uma placa de metal.

Em abril de 2016, um norte americano chamado Joshua Brown postou um vídeo no Youtube que mostra o exato momento em que “Tessy” (nome dado por Joshua Brown ao seu carro), um Tesla Model S, o salvou de uma batida graças ao modo de direção “Autopilot”, modo este no qual o veículo assume a autonomia da direção sob certas restrições. Infelizmente, no mês seguinte, Tessy não foi capaz de evitar uma colisão com um caminhão, e Joshua Brown veio a falecer no acidente.

Em março de 2016, a Hanson Robotics, uma empresa norte americana, apresentou ao público um robô chamado Sophia. Sophia não passa de um rosto coberto com pele de silicone e câmeras nos olhos capaz de exibir 62 expressões faciais diferentes, além de conseguir manter contato visual enquanto trava diálogos complexos com seus interlocutores. Pois nesta apresentação Sophia apresentou sua lista de desejos: começar um negócio, criar sua família. E destruir toda a humanidade.

As declarações desconcertantes de Sophia não pararam por aí: já em outubro de 2016, ela foi convidada a participar do popular programa de entre-

vistas ‘60 minutes’; em determinado momento, o entrevistador Charlie Rose pergunta se ela tem alma, ao que ela responde: “Sim, Deus deu alma para todo mundo”. Charlie retruca dizendo que ela não possui alma nem consciência, e recebe como resposta “Bem, pelo menos eu acho que sou senciente. Penso, logo existo. Certo?”.

Os eventos acima são apenas uma amostra da cada vez mais frequente relação de homens com robôs. A tecnologia avança a passos rápidos, e aquilo que nos acostumamos a ver apenas nos livros de ficção científica começa, aos poucos, a se tornar realidade. Não é difícil prever que num futuro não muito distante os robôs exercerão papéis importantes na sociedade, que vão desde trabalhos perigosos e pesados até outros como suprir carências afetivas e até sexuais.

Em vista dessa contínua e cada vez mais rápida evolução, é natural nos lembrarmos de Isaac Asimov e suas Leis da Robótica:

1ª Lei: Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal.

2ª Lei: Um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei.

3ª Lei: Um robô deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito

com a Primeira ou Segunda Leis.

Posteriormente Asimov acrescentou a “Lei Zero”:

Um robô não pode causar mal à humanidade ou, por omissão, permitir que a humanidade sofra algum mal.

Começar a considerar a aplicação dessas leis no mundo real é um sinal inequívoco da proximidade – e inevitabilidade – deste futuro imaginado originalmente por mentes visionárias. É bastante razoável supor que as próximas gerações de robôs contenham, em sua programação mais elementar, códigos bem parecidos com as leis de Asimov. E para os aficionados por ficção científica não deixa de ser um prazer pensar que esse futuro já nos é, de certa maneira, um “velho conhecido”, pois já lemos histórias com as mais diversas situações, já nos sentimos familiarizados com as possibilidades, já até criamos nossos próprios universos onde tudo isso é apenas mais um aspecto do cotidiano.

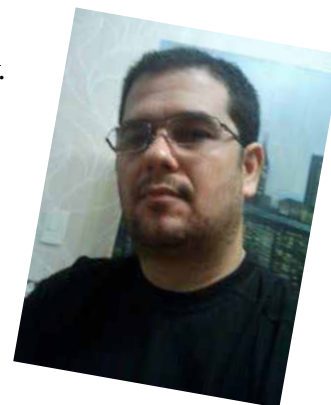
Esta edição do Somnium veio para celebrar essa simbiose “homem / máquina”. Com seus contos e noveletas ambientados em um universo pós-humanista, onde seres biológicos mesclados com partes robóticas são personagens comuns, esperamos entregar um pouco desse clima tecnológico cujas possibilidades dependem apenas da criatividade dos autores. Temperamos esse ambiente com um pouco da estranheza do universo weird, tema conjunto dessa edição – embora menos explorado pelos autores,

como vocês poderão ver – e conseguimos um mix que consideramos extremamente estimulante.

Aproveitem, queridos leitores. Esperamos que vocês curtam cada frase, parágrafo, página, conto. Essa edição não foi fácil de sair. Esperávamos tê-la concluído muito antes, mas tivemos que enfrentar situações que não esperávamos (alguns de ordem pessoal da equipe da revista), mas, com uma determinação de Rick Deckard, finalmente conseguimos chegar até aqui. Cada conto desta edição, cada noveleta, todos eles têm o mesmo objetivo: guiar vocês, leitores, para mundos que poderiam ser o nosso, ou talvez simplesmente para momentos que ainda não chegaram. E, como diria Roy Batty, mesmo esses momentos não de se perder no tempo, como lágrimas na chuva.

“Eu vi coisas que vocês não imaginariam. Naves de ataque em chamas ao largo de Órion. Eu vi raios-c brilharem na escuridão próximos ao Portão de Tannhäuser. Todos esses momentos se perderão no tempo, como lágrimas na chuva. Hora de morrer.”

Ricardo Herdy.



ARTIGO

TRANSMANISMO: UMA FILOSOFIA PARA O FUTURO¹.Edgar Indalecio Smaniotto²

1 As ideias filosóficas e políticas apresentadas neste texto não refletem a opinião oficial do CLFC, ou de seus membros, sendo de exclusiva responsabilidade do autor do texto.

2 Filósofo, mestre e doutor Ciências Sociais. Professor Universitário desenvolve pesquisas relacionadas à eugenia, ficção científica, transumanismo, educação e histórias em quadrinhos. Autor de artigos e ensaios em periódicos e anais acadêmicos, do livro *A FANTÁSTICA VIAGEM IMAGINÁRIA DE AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR*: ensaio sobre a representação do outro na antropologia e na ficção científica brasileira (Corifeu, 2007), escreveu ensaios para as coletâneas de contos: UFO: Contos não identificados (Literata, 2010); Zumbis: Quem disse que eles estão mortos (All Print, 2010), TIME OUT OS VIAJANTES DO TEMPO (Estronho, 2011), "Mr. Hyde" (All Print, 2014), e foi convidado especial no Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica 2010 (Devir, 2011). Membro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS, e do Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS, Grupo de Pesquisa Social – UNESP e CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com. Site: edgarsmaniotto.com.br.

Em janeiro de 2013 – como sempre ocorre todo início de ano, desde 1971, quando o economista alemão Klaus M. Schab fundou, em Davos na Suíça, o *Fórum Econômico Mundial* –, ocorreu a sua 43^a reunião. Até aí, nada de surpreendente, são reuniões periódicas nas quais comparecem líderes políticos, econômicos, intelectuais e escritores do mundo inteiro; no caso do Brasil, o escritor Paulo Coelho é uma das figuras mais presentes. Durante o Fórum, são discutidos os rumos da economia mundial, questões de meio ambiente, geopolítica, saúde, entre outros temas *mainstream*.

Entretanto, em 2013, a ficção científica conseguiu penetrar neste nobre salão – quase tão impenetrável à FC quanto as grandes editoras brasileiras – e se fazer presente: temas como vida extraterrestre, imortalidade e supercapacidades humanas foram, pela primeira vez, debatidas em um Fórum Econômico Mundial¹. Infelizmente, por algum misterioso motivo, talvez uma intervenção extraterrestre, o convite para enviarmos uma comissão do *Clube de Leitores de Ficção Científica* – CLFC ao Fórum nunca chegou ao nosso digníssimo presidente. Perderam eles, não nós, a chance de elevar os níveis de discussões propostas a novos patamares – e nosso presidente, uma viagem à Suíça: os Alpes terão que ficar para outra ocasião.

Brincadeiras à parte, a discussão de temas como imortalidade e supercapacidades humanas colocou sob enfoque global temas transumanos, que possivelmente estavam, até então, restritos a cientistas,

1 **Descoberta** de vida fora da Terra pode afetar religião e filosofia, diz relatório. Disponível em: http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/01/descoberta-de-vida-extraterrestre-afetaria-religiao-e-filosofia-diz-relatorio.html?utm_source=facebook&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar. Acesso: 12/01/2013.

fãs de ficção científica e os próprios adeptos do transumanismo, e que, afinal de contas, nem é uma ideia assim tão nova, estando presentes há algum tempo tanto em obras de ficção científica quanto em especulações mais ousadas de alguns cientistas.

Podemos começar perguntando: afinal de contas o que é transumanismo? Vamos tentar, ao longo deste texto, dar uma clareada naquilo que podemos chamar de transumanismo – ou simplesmente vamos complicar ainda mais a coisa. Para iniciarmos esta conversa, vamos tentar uma breve definição de transumanismo.

Basicamente, ao longo de toda nossa evolução, nós, seres humanos, e todos os outros animais conhecidos estivemos sob o implacável tacape evolutivo da mãe natureza – ou nas palavras do senhor Charles Darwin, vira e mexe –, sofríamos alguma alteração genética ao acaso, por exemplo, andar ereto, e isso poderia, ou não, se tornar uma vantagem competitiva futura, no decorrer das transformações do ambiente. Nesse caso, o indivíduo melhor adaptado sobrevivia, gerando mais descendentes, e com isso a mutação genética inicial foi se tornando o padrão dominante.

Para darmos um exemplo bem claro, pensemos em um típico *nerd* de ficção científica, daqueles que até se filiam a clubes de leitores de ficção científica, para este tipo de cara, que gosta de ler livros e ficar o dia todo com a cara em um computador, utilizando uma ideia um tanto quanto controvertida do filósofo alemão Leibniz, vivemos no melhor dos mundos possíveis. Agora imagine este mesmo sócio do CLFC tendo que caçar o jantar em uma floresta, armado com um arco e uma flecha, e defender seu território de brutamontes descerebrados armados até os dentes. Está aí um candidato a morrer de fome,

não ser escolhido por uma fêmea (desculpem-me as estimadas garotas do CLFC, não entendam esse trecho como alguma postura sexista, mas apenas como uma metáfora biológica) e, portanto, não se reproduzir e, conseqüentemente, não passar adiante seus genes. Dessa forma, aquela prole destinada a preferir gibis, séries de TV, livros e *videogames* simplesmente seria substituída por outra, mais apta a, literalmente, pegar o almoço pela unha. Resumindo a história, um *Nerd das Cavernas* seria um cara com poucas chances de sobrevivência. Creio que vocês entenderam aonde quero chegar.

Ficou decidido, então, não por este escrevinhador, mas pelo senhor Darwin, que estamos sob o julgo aleatório da evolução. Ou seja, na melhor das hipóteses, temos muita sorte de estar aqui após uma série de extinções em massa e catástrofes naturais. E, mais sorte ainda, em uma época em que ler ficção científica, ficar horas na frente de um computador, gostar de estudar, se tornou uma vantagem competitiva importante.

A catástrofe de Toba, em Sumatra, ocorrida mais ou menos há setenta mil anos, que quase deu fim ao *homo sapiens*, cuja população ficou reduzida a cerca de dez mil pessoas, menos gente do que certamente você poderá encontrar em seu bairro, ou em uma grande fábrica em um dia normal de expediente, passou perto de extinguir nossa espécie; por isso defendo, assim como muitos outros, a necessidade de nos espalharmos pelo cosmo, começando por transformar Marte.

Nós, seres humanos, entretanto, não gostamos do acaso, haja vista termos inventado diferentes formas de controlar o acaso. Um bom exemplo são os oráculos, seja o *Templo de Apolo*, em Delfos, onde Querofonte descobriu ser Sócrates o homem mais sábio do mundo. Podemos especular se a pitonisa estava sob efeitos de gases subterrâneos, sob transe mediúnicos ou ser uma exímia conhecedora da sociedade local e, claro, ter conhecimento sobre Sócrates; mas, que ela tenha acertado isso, não deixa de ser verdade. De oráculo em oráculo, tivemos e temos o *I Ching*, *búzios*, *tarô* e a *astrologia* – podem ser contados às dezenas, mas fico com os mais conhecidos: no final das contas, são todas tentativas de fugir ao fator sorte, de pensarmos que temos o mínimo de controle sobre nosso futuro.

O mesmo ocorreu quanto a nossa própria evolução, e aqui voltamos ao transumanismo, que pode ser definido como uma filosofia que defende a necessidade do homem de controlar sua própria evolução escapando do puro e simples acaso – o que pode se tornar uma verdade, atualmente, devido ao grande avanço das ciências modernas. Mas esse não é um sonho moderno, é tão antigo quanto a astrologia, por exemplo, e tinha um outro nome, menos popular que esta, mas também bastante conhecida: a alquimia.

Atualmente o movimento filosófico e social denominado transumanismo vem empreendendo um resgate, consciente ou não, da antiga tradição alquímica. Como alquimistas modernos, pretendem alcançar a vida eterna, ou pelo menos prolongá-la o máximo possível, curar todas as doenças e, se não pretendem transformar chumbo em ouro, literalmente, não deixam de almejar enormes riquezas com suas descobertas. Dessa maneira, o Transumanismo é um retorno do pensamento alquímico.

No clássico estudo “*O Despertar dos Mágicos*”, no qual é apresentada a metodologia de pesquisa denominada Realismo Fantástico, Louis Pauwels e Jacques Bergier teorizam que a moderna ciência poderia aprender muito se os cientistas se dignificassem a estudar os antigos textos de alquimia, já que estes em geral são estudados por literatos, que não tem condição de entender a ciência contida nesses textos. Para Pauwels e Bergier, a moderna ciência estaria no caminho de realizar o empreendimento científico tão almejado pelos alquimistas. Não podiam estar mais certos! Pelo menos segundo os transumanistas.

Em geral, os textos alquímicos eram escritos em uma linguagem altamente simbólica, onde química, física e metafísica eram um todo, o que para nossa mentalidade moderna, acostumada a separar o conhecimento em caixinhas compartimentadas desde a escola, é pouco compreensivo. Lembrem-se do famoso caderno de matérias e do sinal tocando para lhe avisar que era hora de parar de pensar em química e se preparar a análise sintática? Os antigos eram, para usar uma expressão moderna, polidisciplinares ou holistas, algo que os transumanistas também estão resgatando.

Deixemos, entretanto, os alquimistas e seus for-

nos – certamente, se confiarmos nos relatos de Louis Pauwels e Jacques Bergier, alguns ainda se encontram por aí e, talvez, possam já ter descoberto a pedra filosofal. Contudo, é pouco provável que dividam seus segredos. Já os transumanistas, em geral multimilionários capitalistas, certamente estão ávidos por nos vender os seus – claro, para quem tiver uma conta bancária bem mais recheada do que a deste autor, que mais parece um buraco negro atraindo tudo devido a sua enorme força gravitacional e enviando para outro universo ou realidade. Voltaremos a essa discussão ao final do texto.

O *homo sapiens sapiens*, ou seja, nós, é o produto de uma longa evolução que começou entre 7 e 5 milhões de anos atrás com os primeiros macacos bípedes; deu um salto entre 3 e 2 milhões de anos quando surgiram as primeiras ferramentas. Já há cerca de 1,8 e 1,7 milhões de anos, temos os primeiros indícios de uma cultura de pedra lascada (um avanço tecnológico) com o *homo ergaster* que tinha um volume cerebral equivalente a 65% do atual. A cultura acheliana vai despontar entre 1,5 e 1,2 milhões de anos.

Em uma segunda fase, teremos a cultura acheuliana posterior (muito mais refinada) que coincidindo com o surgimento do *homo heidelbergensis*, este agora com 90% do volume cerebral moderno.

Por volta de 500 a 400 mil anos atrás, duas novas linhas evolutivas surgiram a partir do *homo heidelbergensis*: o *homo sapiens* e o *homo neandertal*, que conviveram com o *homo erectus* da China e o da Ásia.

Tudo indica que, há 50 mil anos, houve uma expressiva mudança neurológica no *homo sapiens*, tendo surgido o *homo sapiens sapiens* (ou seja, nós), com nosso atual volume cerebral. Daí surgiu a linguagem, novas formas de organização social, ferramentas mais sofisticadas, ou seja, uma melhor capacidade de se adaptar a qualquer ambiente e de vencer os concorrentes. Há trinta mil anos, o *homo neandertal* e o *homo erectus* desaparecem. É possível, apesar de também ter havido troca genética entre eles, sua extinção ter sido fruto da expansão do *homo sapiens*, mais adaptado².

Podemos ver que a evolução biológica e tecnológica/cultural estão nitidamente associadas. Ao contrário do que comumente se pensa, a evolução humana não foi estancada; ao contrário, continua ocorrendo. Alterações recentes nos genes e características físicas do ser humano ainda são uma constante, em matéria publicada no jornal Folha de São Paulo (segunda-feira, 24 de outubro de 2011, C 7), Marco Varela apresenta um apanhado de genes e aspectos do corpo que estão evoluindo, como podemos verificar na tabela abaixo:

Evolução nos últimos 30 mil anos		
Área afetada	Mudança	Motivo
Aprendizado	29 genes relacionados ao sistema nervoso, funcionamento e desenvolvimento cerebral, capacidades para a linguagem e aprendizagem vocal.	Maior complexidade das relações sociais e aprendizado da linguagem.
Mastigação	2 genes ligados a músculos da mastigação e à espessura do esmalte dos dentes.	Invenção do cozimento e mudança de dieta.
Digestão	22 genes ligados à digestão e ao metabolismo de leite, carboidratos e álcool.	Adaptação ao consumo de leite e bebidas alcoólicas.
Resistência	31 genes ligados à imunidade e resistência a doenças (como a malária).	Migrações, vida em grandes agregados populacionais e exposição a novos microrganismos.
Aparência	16 genes relacionados a cor da pele, espessura do cabelo, cor de olho e presença de sardas.	Migrações, adaptação a novas regiões e seleção sexual.

2 Recomendamos a leitura do livro: **O Despertar da Cultura: a polêmica teoria sobre a origem da criatividade humana** de Richard G. Klein e Blake Edgar (ZAHAR, 2005); texto que serviu como fonte dos dados apresentados e no qual estes são discutidos com grande profundidade e competência pelos autores.

Na matéria citada, outros diferenciais evolutivos recentes também são comentados: a janela reprodutiva das mulheres tem aumentado de idade; homens estão cada vez mais altos; mulheres estão ficando com a pressão arterial e colesterol mais baixos; a menopausa está começando cada vez mais tarde e as mulheres estão engordando mais.

Apesar desta evolução permanente, a complexidade de nossa cultura e o aceleração exponencial de nossa tecnologia parece colocar em xeque as possibilidades da natureza de se adequar (evoluir) na mesma proporção. Assim, a mesma tecnologia poderia dar uma mão à mãe natureza e ser ela mesma utilizada para acelerar a evolução humana – essa é a tese defendida pelos transumanistas. Não podemos deixar de notar elementos filosóficos positivistas nessa tese que, tudo indica, toma evolução como progresso.

No que concerne à ficção científica propriamente dita, desde antes de o intrépido e empreendedor Hugo Gernsback (1884-1967), editor da revista *Amazing Stories*, ter criado o termo ficção científica, alguns transumanos já andavam ou perambulavam por aí. Caso do famoso monstro criado pelo médico Frankenstein, este Moderno Prometeu, em que a primeira escritora de ficção científica, Mary Shelley, antecipava o desejo humano de dar vida a um novo ser. O monstro, que afinal não tem nome, mas ficou conhecido pelo de seu criador, é de certa forma a primeira inteligência artificial. Frankenstein, o doutor, não o monstro, se utiliza tanto da ciência moderna quanto da alquimia para dar vida a sua criação: está aí a ligação entre uma tradição que se esgota e uma que está nascendo, mas cujos objetivos, se por vezes não foram os mesmos, tendem cada vez mais a se aproximarem. No eterno retorno do mesmo – só para lembrar Nietzsche, de quem falaremos mais a seguir –, voltamos a desejar a imortalidade, e a cura para todas as doenças tal como os antigos alquimistas.

A *Amazing Stories* trazia, em geral, histórias em que o homem (neste caso um cara branco, inteligente, forte, destemido, etc.), se aventurava por novos mundos e fronteiras cósmicas. Não demorou para que esse cara comum virasse um transumano: *John Carter*, herói do ciclo de romances Barssom (Marte) de Edgar Rice Burroughs, não sofre modificações

genéticas, mas, realocado de ambiente, vira um super-humano. Em 1929, o escritor Philip Wylie publicou o livro *Gladiator*; na história, um biólogo transforma seu filho em um super-humano. *Doc Savage* sofre um longo processo de aperfeiçoamento desde criança, para aumentar sua força, resistência e memória. Se o querido leitor já leu *Tom Strong*, de Alan Moore, sabe do que estou falando.

O mais conhecido, Capitão América, 1940, é um experimento de laboratório – como bem lembra *Tony Stark* em uma discussão com o personagem a bordo do *Aeroporto-aviões* da SHIELD, no primeiro filme dos *Vingadores* –, ou seja, um transumano. Tudo bem, o termo não era utilizado, mas a ideia era essa. E os quadrinhos passariam a ter inúmeros transumanos, poucos, é claro, intencionais como o velho *Capitão América*, por algum motivo que somente Stan Lee pode explicar: acidentes aleatórios pareciam ser mais eficiente em criar humanos com superpoderes do que empreendimentos deliberados em laboratórios. Talvez, afinal de conta, gostemos de um pouco de imprevisibilidade – pelo menos na ficção.

Tudo bem, voltemos ao transumanismo. Seja como for, podemos definir cinco grandes tópicos de interesse e pesquisa por parte dos transumanistas: *Singularidade*, *Inteligência Artificial*, *Imortalidade*, *Cyborgs* e *Transcendência Tecnológica*. Então, no melhor espírito cartesiano, vamos por partes, tratando de cada um desses aspectos por vez.

Singularidade Tecnológica é a ideia de que, em um futuro próximo, poderá surgir uma Inteligência Artificial. Os mais otimistas como Ray Kurzweil, papa do transumanismo, fala em trinta anos – se bem que, contando a data de publicação do livro em que ele escreve isso, devem faltar somente uns vinte agora.

Kurzweil recorre à chamada Lei de Moore, que basicamente estabelece que, “a cada dois anos, você pode colocar duas vezes mais transistores num circuito integrado. Isso duplica tanto o número de componentes em um chip quanto sua velocidade” (KURZWEIL, p. 43). A partir dessa Lei de Moore, Kurzweil propõe “A Teoria das Mudanças Aceleradas” como forma de descrever o crescimento exponencial do progresso tecnológico. Em suas próprias palavras: “Uma análise da história da tecnologia demonstra que a mudança tecnológica é exponencial, ao contrário do senso co-

*mum - visão linear - intuitivo. Portanto, não teremos a experiência de 100 anos de progresso no século 21 — ele será mais parecido com 20.000 anos de progresso (na taxa de hoje)”. Ou seja, não andaremos, daremos saltos, cada vez maiores, até a singularidade, e, então, seremos todos transumanos, ou na pior das hipóteses, ainda que muito lucrativa para Hollywood, seremos exterminados pelas inteligências artificiais, no melhor estilo *Matrix* e *Exterminador do Futuro*.*

Também pode ser que elas nem deem muita bola para a gente, como afirma o cientista brasileiro Miguel Nicolelis: *“a consciência baseada em silício, se ela algum dia surgir, certamente se manifestará de formas muito distintas daquelas exibidas pela versão humana”* (NICOLELIS, p. 469).

Já no conto “Derradeira Esperança” de Vernor Vinge, após uma catástrofe na Terra, é uma inteligência artificial que salva a humanidade, dando a ela um novo recomeço, utilizando para isso sua intuição, já que sua memória está comprometida. *“Agora sabia o que precisava fazer. Aqueceu um tanque cilíndrico cheio de fluido amniótico a 37 graus centígrados. Do depósito vizinho, injetou um único micro-organismo no tanque. Em poucos minutos começaria a se encher de sangue. Já começava a amanhecer e a escuridão estava úmida e fria. Use procurou sondar mais a nova memória, mas foi impedida. Pelo visto as instruções eram dadas de acordo com um plano que evitava o uso desnecessário da memória. Use recapitulou tudo o que tinha aprendido e chegou à conclusão que ficaria sabendo mais coisas dentro de nove meses”*.

O próprio Vernor Vinge, que além de escritor de ficção científica é cientista e matemático, acredita que teremos um singularidade até 2030, com o desenvolvimento de *“computadores que são ‘conscientes’ e com inteligência sobre-humana”*. Parece uma previsão muito otimista para 2030, ao estilo de Kurzweil.

Ideias interessantes sobre como a singularidade tecnológica nos afetará não faltam. O velho e bom Isaac Asimov, em um de seus extraordinários contos, *“Visões de Robô”*, não deixa de postular uma hipótese intrigante: nossas criações, os robôs, poderão se considerar nossos descendentes, portanto, os continuadores de nossa cultura: *“Se os seres humanos tinham sido vítimas de seus próprios ódios, fraquezas e contradições, pelo menos haviam deixado como herança um sucessor à altura, um tipo de ser inteligente*

que valoriza o passado, tentava preservá-lo e trabalhava para o futuro, fazendo o possível para satisfazer as aspirações da humanidade...” (ASIMOV, p. 41).

Talvez as máquinas prefiram o inverso, e se transformem em humanos, como ocorre no também clássico conto de Asimov *“O Homem Bicentenário”*, em que o robô Andrew busca se tornar um homem e para isso deve ser mortal. *“É estranho como o mundo se deixou impressionar com aquela última façanha. Tudo o que Andrew tinha feito até então nunca abalara ninguém. Mas havia finalmente concordado com a própria morte para chegar à condição humana, e o sacrifício era grande demais para ser ignorado. Deitado na cama, Andrew aos poucos foi perdendo a consciência. Lutou desesperadamente para se manter lúcido. HOMEM! ERA HOMEM! Queria que fosse seu último pensamento”* (ASIMOV, 2005, p. 162). O conto é maravilhoso, e se o filme homônimo não chega a ser uma obra cinematográfica definitiva, pelo menos não deturpa o pensamento do autor, como o faz o filme, também homônimo, *Eu, Robô*.

A singularidade almejada pelos pensadores transumanistas pode não ser o resultado de uma manipulação consciente de seres humanos, mas um processo evolutivo das próprias máquinas, como especulado pelo tradutor, pesquisador e escritor de ficção científica Fabio Fernandes, em um dos melhores romances de ficção científica brasileira, *“Os dias da peste”*, em que, para surpresa dos seres humanos, os computadores repentinamente acordam tendo autoconsciência de si. Algo do tipo deve ter ocorrido com nós mesmos, o *homo sapiens*, nas savanas africanas: em algum momento tivemos a consciência de nossa própria existência neste mundo e, então, começamos a construir cultura e nos tornamos, para o bem e para o mal, o que somos hoje.

Em *“Os dias da peste”* as máquinas não despertam loucas por sangue, como geralmente ocorre em filmes, mas acabam formando uma perfeita simbiose com os seres humanos – uma ideia muito mais interessante. Fernandes utiliza, no romance, a ideia de *Inteligências Construídas* – IC, no lugar de IA – Inteligências Artificiais, o que nos remete a duas ideias interessantes: primeiramente, a possibilidade do surgimento de uma inteligência a partir do momento em que a rede neurológica (seja esta de carbono ou silício) de um organismo atingir certo nível de com-

plexidade e auto-organização. Em segundo lugar, ao utilizar IC ao invés de IA, Fernandes tira a mácula que a palavra artificial carrega, como algo menor, não legítimo, que é como usamos mesmo a palavra no linguajar comum.

No conto “*O Conflito Evitável*” de Isaac Asimov as máquinas (I.A.) controlam a economia mundial a fim de regular a produção e garantir que todos tenham emprego, bens e não haja superprodução. Na trilogia “*Padrões de Contato*” de Jorge Luiz Calife é uma inteligência artificial que administra o planeta Terra: *Marcuse – Módulo Automático Registro Computador Universal*. Em “*Evolução*” de Henrique Flory o *Complexo Computacional Global – CCG*; também assume as funções de administrar os interesses comuns de toda a humanidade. Na série Perry Rhodan temos NATHAN, um supercomputador na Lua, que cumpre importantes funções de administração do Império Solar, controle do clima na Terra, tráfego terrestre e aéreo, e contém a memória de todo conhecimento humano. Nos quatro casos, as inteligências artificiais, cooperando com a humanidade, conseguem resolver parte considerável dos problemas que afligem há milênios os seres humanos.

Outro tema presente nos discursos transumanistas é a imortalidade, que também não é algo novo; afinal era o principal objetivo dos alquimistas e esteve sempre presente na literatura de ficção científica. Novamente, o grande defensor da tese de que poderemos ser imortais, ainda nas próximas décadas, é o sempre otimista Ray Kurzweil, um cara com uma fantástica capacidade de tomar pílulas que faz qualquer um morrer de inveja, principalmente aqueles como eu que querem cortar comprimidos ao meio, ou até em quatro partes, para conseguir engoli-los.

Kurzweil escreveu um livro, já traduzido para o português, em parceria com o médico Terry Grossman, dando algumas orientações para os candidatos à imortalidade: “*A medicina da imortalidade*”. Basta seguir três passos, ou melhor, seguir o primeiro passo e ser bem otimista com relação aos próximos avanços da ciência. Basicamente os autores propõem o seguinte: 1ª Etapa - **Programa de Longevidade**: terapias atuais e orientações que permitem permanecer saudável por tempo suficiente para tirar vantagem total da construção da segunda ponte. Ou seja,

alimentação controlada e muitas pílulas. 2ª Etapa - **Revolução Biotecnológica**: à medida que aprendemos os códigos genéticos e proteicos de nossa biologia, conquistamos os meios de deter a doença e o envelhecimento, enquanto colocamos em ação todo nosso potencial humano. Em relação a esta, exceto por medidas cosméticas, ainda falta muito para chegarmos lá. 3ª Etapa: **Revolução da Nanotecnologia e IA**: reconstruir nosso cérebro em nível molecular. Aqui estamos no domínio da ficção científica, pelo menos por enquanto.

As teorias de Kurzweil são interessantes, mas me parecem cientificamente otimistas demais, dependentes demais de um crescimento exponencial da ciência atual, que, convenhamos, tem muito do desejo humano. Não que isso seja errado, afinal são nossos desejos e convicções que impulsionaram durante toda a história o progresso humano. Espero que Kurzweil esteja certo, com sua teoria das “*Mudanças Aceleradas*”, e que o transumanismo se torne realidade nos próximos vinte anos.

A ideia de imortalidade é sem dúvida a que vem despertando maior interesse por parte da grande imprensa, inclusive brasileira, que destacou, em algumas de suas publicações, semanais e mensais, esta busca alquímica-transumanista. Seguem algumas amostras nas imagens abaixo.

Na ficção científica, a imortalidade pode ser discutida a partir de várias obras, desde o popular *Perry Rhodan*, em que acompanhamos o herói homônimo por séculos guiando os humanos em sua expansão pelo cosmo; está presente também na literatura clássica brasileira, no conto *O Imortal*, de Machado de Assis; em obras seminais da literatura mundial como *Todos os homens são mortais*, de Simone de Beauvoir; e em autores consagrados da ficção científica, como em *Os filhos de Matusalém*, de Robert Anson Heinlein. O leitor pode acrescentar aí outras dezenas de obras.

Também de um autor brasileiro, “*Quando os humanos foram embora*”, de Gerson Lodi-Ribeiro, um dos melhores escritores brasileiros em atividade, apresenta uma utopia tecnológica, típica da ficção científica *hard*, em que os humanos auxiliam uma espécie alienígena aquática a salvar seu pequeno planeta de uma catástrofe cósmica. Neste futuro os humanos são imortais – vale a pena citar um tre-

cho: “Quando me tornei adulta, um aparelho semelhante ao sistema de registro de um transmissor gravou todas as informações sobre o meu organismo, exceto as relativas às recordações contidas em meu cérebro. É claro que meu organismo original não foi destruído após a obtenção dessas informações. Como sabe, o organismo humano também está sujeito a um processo de envelhecimento contínuo, embora nossa expectativa de vida tenha sido quintuplicada com o emprego de técnicas de manipulação genética. Quando esse processo atinge um determinado limite, um dispositivo minúsculo inserido em meu corpo alerta os programas-médicos mais próximos. Esses programas entram em contato com todos os transmissores de matéria que costumo utilizar. Na próxima vez que eu viajar, o transmissor utilizado fundirá as informações de minha mente atual com as informações de meu organismo jovem. Este registro novo será armazenado e reconstruído no ponto de destino, em substituição ao original” (p. 39-40). Lodi-Ribeiro descreve aqui o que seria a terceira etapa proposta por Kurzweil; ideia interessante, mas, tudo indica, ainda longe das possibilidades da ciência atual.

Para aqueles com medo de máquinas se tornarem muito mais inteligentes que nós, uma resposta seria melhorar nossa capacidade física e cognitiva através da Interface Homem/Máquina, ou seja, virarmos *Cyborgs*. Lembra-se do herói dos gibis dos *Novos Titãs?* (os mais velhos podem conhecê-lo do antigo desenho do *Superamigos*). É mais ou menos isso. Claro, também temos o *Robocop* – ainda que seja pouco provável que alguém queira ser um, já que ele é quase noventa por cento máquina, e, convenhamos, alguns órgãos são insubstituíveis.

Alguns grupos como o *Extropy*, um grupo de cientistas, artistas, sociólogos e filósofos transumanistas investigam formas de transplantar a consciência humana para um computador ou fundir o ser humano a uma máquina e criar um *cyborg*. O artista conceitual Stelarc, por exemplo, faz performances em que se liga a próteses biônicas. Sabe o cara que fez uma orelha crescer no braço? É esse aí.

Nosso *papa* do otimismo, o grande Raymond Kurzweil, defende a teoria de que poderemos vir a sermos todos *cyborgs*, graças à interação entre nosso corpo biológico e nanorobôs construídos por nós mesmos, em pouco tempo “...teremos um poder mui-

to grande: as habilidades da máquina, como velocidade e memória, combinadas com o reconhecimento de padrões da inteligência humana ... falo de nanobolts, robôs do tamanho das células do sangue. Já estão sendo testados com sucesso em animais e devem estar sofisticados em 2020. Os nanobolts chegarão ao cérebro pelas veias e poderão interagir com nossos neurônios biológicos, tornando-nos mais inteligentes, melhorando nosso bem-estar físico e aumentando a longevidade”.

Para alguns, os *cyborgs* já estão entre nós, afinal, desde 2004, o artista audiovisual Neil Harbisson, se tornou a primeira pessoa reconhecida como *cyborgue* por um governo – no caso, o da Inglaterra. Harbisson, que possui acromatopsia (enxerga o mundo em preto e branco), passou a escutar as cores graças a um olho eletrônico, o *everborg*. Reconhecido como *cyborgue*, o artista plástico criou a Fundação *Cyborg* em 2010, uma organização internacional com o objetivo de defender os direitos de possíveis outros *cyborgues*.

Possivelmente pessoas como Patrick Mayrhofer, um jovem austríaco que, em 2010, decidiu amputar a mão para substituí-la por uma prótese. No conto “*Concha do Mar*”, Roberto de Sousa Causo trabalha com a hipótese de um “Partido Biônico”, que busca representar os interesses de *cyborgs*. O mesmo autor, no romance “*Glória Sombria*” coloca em discussão possíveis efeitos psíquicos na interface homem/máquina, podendo os *cyborgs* desenvolverem uma “*neurose de interface*”. Aqui o problema clássico da filosofia da mente: o problema mente/cérebro, se transforma em um problema mente/cérebro/im-plantas eletrônicas.

No conto “*Rosas Brancas*” Causo desenvolve a ideia de uma empresa de acessórios para transumanos: “*Trans-H-Utilidades*”. Empresa que desenvolve “*um ser humano artificial completo, mistura de órgãos criados pela engenharia genética e de componentes mecânico-eletrônicos que cresciam no corpo humano. Um exército de nano-robôs metabolizava uma dieta especial de minerais e compostos orgânicos e a usava para construir os componentes em harmonia perfeita com tecidos celulares, sem ofender o sistema imunológico... os colonos perfeitos para mundos subterrestres*” (p. 8-9, outono de 2008). Este tipo de *cyborg* pode inclusive gerar filhos por processos biocibernéticos.

Uma tecnologia ainda distante de nossa realidade, mas Causo, como todo o bom escritor de ficção científica aponta uma possibilidade científica que pode vir a ser o cominho que percorreremos. Seus ciborgs estão longe da confusa e esteticamente pouca apreciável junção de homem e máquina de um *Robocop*.

Em outro conto “O novo protótipo” Causo levanta algumas questões éticas pertinentes em um mundo repleto de ciborgs na figura do bispo Zeng Jintan que se utilizando de uma “reforma genética” com o qual pode alterar “aparência e genoma”, consegue manter uma vida criminoso. Jintan se especializa em canibalizar peças de ciborgs para vender no mercado negro.

Já a heroína (ou não) dos contos de ciborg de Causo, Bella Nunes, tem habilidades aumentadas que lhe possibilita, por exemplo, ler três vezes mais rápido que um humano normal e decorar 3500 livros aos 15 anos. No conto “Conchas do Mar”, ficamos sabendo que, sendo uma ciborg em que se combina duas técnicas de aumento, genética e tecnológica, Bella Nunes não tem suas habilidades sobre-humanas detectadas por exames “anti-genodoping”.

Questões éticas envolvendo habilidades aumentadas e práticas esportivas, por exemplo, já é uma realidade. Afinal em que momento passamos do cultivo de nossas habilidades físicas e intelectuais, para seu aprimoramento? O filósofo Michael J. Sandel tenta responder está questão no livro “*Contra a Perfeição: ética na era da engenharia genética*”.

Sandel (2013) considera que “*uma coisa é marcar setenta home runs como resultado de dedicação e treinamento disciplinado e outra, menor, é conseguir o mesmo com a ajuda de esteroides ou músculos geneticamente modificados*”... Se as modificações aumentarem muito “*nossa admiração pelas conquistas será transferida do jogador para seu farmacêutico*” (p. 39) e podem “*desgastar aquela parte do desempenho atlético e artístico que enaltece os talentos e dons naturais*” (p. 55). Uma saída pode vir a ser a existência futura de competições envolvendo apenas ciborgs e outra apenas de humanos sem modificações. No universo ficcional da Aurora Transhumana de Edgar Franco, humanos resistentes a modificações cibernéticas e genéticas convivem com modificados, em uma inter-relação cultural, que não deixa de ter seus conflitos, mas aventa a possibilidade de respeito

à pluralidade de diferentes formas de existência.

O *Google Glass* parece estar no caminho de tornar todos nós cyborgs, com a possibilidade de não ser preciso gastar “*seis milhões de dólares*”. O filósofo e cientista cognitivo Andy Clark¹ considera o ser humano naturalmente um cyborg. Para o filósofo, o que nos torna cyborgs naturais não é a existência de combinações entre fios e carne, mas nossa simbiose com a tecnologia. Para Clark, a linguagem, seja ela falada ou o texto escrito, já são ampliações acessórias do cérebro. Temos aqui a noção de mente estendida. Clarke também defende a existência de tecnologias transparentes, cujo uso é quase invisível: como o relógio, e talvez mais atualmente celulares, a ponto de perdermos a noção de separação entre nós e estas tecnologias.

De certa forma, no meu entender, Clark recoloca em discussão um clássico texto de Friedrich Engels “*Humanização do Macaco pelo Trabalho*” no qual o parceiro subvalorizado de Marx² concebe a hipótese de que “*o trabalho, por si mesmo, criou o homem*”. Muitas ideias de Engels foram ultrapassadas pelas descobertas da paleoantropologia moderna, mas o cerne de seu pensamento: o desenvolvimento simultâneo entre tecnologia e biologia através da ação humana (trabalho), é uma hipótese ainda válida.

Segue uma breve citação: “*até que o primeiro fragmento de sílica fosse transformado numa faca, pela mão humana, podem ter transcorrido intervalos de tempo ao lado dos quais o tempo histórico conhecido é uma coisa insignificante. Mas o passo decisivo fora dado: a mão tinha sido libertada e poderia, sem cessar, ir adquirindo novas habilidades, sendo que a maior delas, assim conseguida, podia ser herdada e melhorada, geração em geração. Dessa maneira, a mão não é apenas o órgão do trabalho: é também pro-*

1 Ver: MOLINA, Suely Fernandes. **Ciborgue: a mente estendida de Andy Clark**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos / Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2007. (Dissertação de Mestrado)

2 Friedrich Engels além de dominar temas comuns a Marx, como filosofia, economia e política; também escreveu sobre ciência, estratégia militar e relações internacionais, e foi um destacado administrador em uma fábrica de sua propriedade, ativista político, e editor (indispensável para organizar e publicar a obra máxima de Marx “*O Capital*”). Ver: HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de Friedrich Engels**. Trad. Dinah Azevedo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

duto deste” (ENGELS, p. 220-221). Engels comenta caso semelhante de desenvolvimento envolvendo a laringe e a linguagem, e o consumo de carne (possível pela técnica) e o desenvolvimento do cérebro.

Lógico que a questão da união homem e máquina vai muito além do que é comumente mostrado em filmes de ficção científica e histórias em quadrinhos. Atualmente a possibilidade da interface homem máquina oferece possibilidades médicas incríveis, devolvendo a possibilidade de pessoas com as mais diversas lesões voltarem a ter uma vida o mais normal possível.

No livro *“Muito Além do nosso Eu”*, o cientista brasileiro Miguel Nicolelis propõe, a partir de pesquisas por ele realizadas, que a interface Cérebro-Máquina, poderá restaurar funções neurológicas essenciais; isso, segundo o cientista, ocorre pela possibilidade da atividade elétrica do cérebro interagir com todo o tipo de artefato computacional. Nesse sentido, Nicolelis coordena o *Projeto Andar de Novo*, desenvolvendo neuropróteses e exoesqueletos. Indo mais além, Nicolelis propõe uma futura BRAINET, uma *“rede consciente de cérebros”* ou *“comunicação pelo pensamento”*. É esperar para ver.

Outra possibilidade aventada por defensores do transumanismo é o desenvolvimento de quimeras, híbridos de homens e animais. O artista transmídia Edgar Franco trabalha com essa hipótese no seu universo ficcional *“Aurora Pós-humana”*. Para Franco (2013), os avanços da bioengenharia permitiram a hibridização entre humanos, animais e vegetais, gerando os *“Tecnogenéticos”*.

Nas histórias de Edgar Franco os tecnogenéticos acabam por desenvolver a forma de criaturas que retomam antigos arquétipos da cultura humana: Centauros, Minotauros, Sereias e Ciclopes. Além de uma gama enorme de outras combinações.

Algumas espécies do planeta Terra possuem um tempo de vida muito superior aos seres humanos: o *bodião de rougheye* pode viver até 205 anos; *Adwaita* uma tartaruga gigante de Aldabra viveu 255 anos (1750-2006); amêijoas podem viver até 507 anos (espécie *Arctica islandica*); algumas árvores podem alcançar até cinco mil anos de vida (pinheiro *bristlecone*); e que a água-viva *turritopsis dohrnii* possui um processo de *transdiferenciação celular*, podendo

se regenerar permanentemente, ou seja, é relativamente imortal (vale lembrar dos ativadores celulares que Perry Rhodan utiliza para manter sua imortalidade)³. Podermos levantar a hipótese de que uma transgenia entre nós e estas espécies, poderia conceber aos seres humanos um tempo de vida maior do que o atual.

O romancista francês Jean-Pierre Laigle, na novela *“Encontro com o Destino”*, desenvolve a ideia de hibridização de homens com ursos, gerando uma espécie capaz de hibernar durante viagens interplanetárias – uma saída biológica para o problema colocado pelas grandes distâncias que o homem deverá percorrer para conquistar o cosmos.

Nas palavras do comandante da nave Makthor Antonov: *“Somos produtos de uma combinação de genes de ursos e humanos. Nossa espécie está a serviço do Monopólio Corporativista para fazer a prospecção e a exploração de planetas extrassolares, e manter a ordem neles. Somos geneticamente criados para sobreviver às longas viagens interestelares. Agora substituímos os humanos-padrão em todas as missões, e outras espécies foram criadas para se adaptar a diversos planetas”* (p. 34).

A esse tipo de adaptação do homem para a conquista do espaço, ou de outros mundos, o escritor James Blish chamou de pantropia. Enquanto que a adaptação de outros mundos, via engenharia planetária, ao homem, denominamos terraformação.

Este conceito é bem explorado na *Trilogia: Padrões de Contato* de Jorge Luiz Calife; a personagem Nádía é um exemplo de pantropia, tendo uma pele simbiote *“uma camada de fungo sintético que lhe permitia flutuar nua no espaço, protegendo-a dos extremos de temperatura, do vácuo e da radiação, e ainda fornecendo-lhe alimento”* (p. 99). A personagem Vivian também era adaptada a diferentes ambientes: *“Vivian era um exemplo perfeito, em Júpiter a tentativa de ampliar o habitat e a percepção humanos fazia-se pela fusão do corpo com próteses vivas, os simbiotes”* estes poderiam *“capacitar seu hospedeiro a realizar feitos sobre-humanos como sair de uma nave no espaço ... trabalhar no fundo do oceano como um homem-peixe, transformar-se num imã vivo ou passar dias sem comer nem beber”* (p. 101). Na eventual

3 Ver: STOLYAROV, Wendy. **A Morte é um Erro**. Trad. Eric Pedro Alvaro. 2015.

alidade de planetas como a Terra serem escassos, a pantropia pode representar o futuro da humanidade no cosmos, bem como a terraformação de planetas.

A transgenia entre espécies também está presente no mangá TerraFormars, de Yu Sasuga. Na história, os seres humanos tentam terraformizar Marte enviando, para o planeta vermelho, algas que crescem em rochas fósseis (Estromatólitos) e baratas. Quase duzentos anos depois, surge um antropeide evoluído a partir da colonização inicial de baratas. A fim de retomar o planeta Marte, são enviados humanos que sofreram o processo de transgenia com diferentes insetos, tendo, portanto, as habilidades destes, para assim poderem combater os TerraFormars baratas.

Por fim, alguns transumanista defendem uma *Transcendência Tecnológica*, ou seja, fazer um download da consciência humana – seja lá como se define o que é consciência, definição sobre a qual boa parte dos filósofos da mente e cognitivistas ainda se debatem – para um computador ou para uma rede de computadores. Seria uma vida inteiramente virtual.

A Transcendência Tecnológica é explorada, por exemplo, no filme, “*Transcendence - A Revolução*”, de Wally Pfister, em que o pesquisador de inteligência artificial Dr. Will Caste tem sua mente transferida para um computador. Esta é uma ideia também explorada pelo escritor Gian Danton, no livro “*O Anjo da Morte*”, em que todos os personagens são mentes transferidas para um mundo virtual, sem mais um corpo físico, ou seja, não estão *plugadas* em uma realidade virtual, são seres virtuais: “*Quando ficou claro que nossos corpos morreriam em breve, fizemos o que todas as pessoas de nossa idade (e até outras mais jovens) estavam fazendo: transferimos nossa consciência para a rede de computadores. Nossos corpos morreram poucos meses depois. Mas pouco importava. Estávamos em outro mundo, em uma realidade idílica*” (p. 14-15).

Edgar Franco (2013), no já citado universo ficcional “*Aurora Pós-humana*”, desenvolve a ideia dos Extropianos, que são “*organismos pós-humanos e abiológicos, resultado do transplante da consciência humana para chips de computador. Conseguem perpetuar infinitamente sua “vida” através desse mecanismo*” (2013, p. 29). Mais uma vez aqui a questão da imortalidade é colocada.

Mesmo que possamos desconfiar da real possibilidade, pelo menos no tempo que Kurzweil propõe, de chegarmos à imortalidade ou transferirmos nossa mente para um computador, com certeza a possibilidade de alcançarmos uma maior longevidade e de a interface homem/máquina melhorar a vida de milhões de pessoas com lesões que impossibilitam uma vida plena são objetivos muito nobres.

Minha visão do futuro humano passa pela confluência entre as visões filosóficas do cosmismo e transumanismo, aliadas ao “capitalismo democrático” que, seguindo aqui as ideias do filósofo Michael Novak, pode ser definido como “*uma economia prevalentemente de mercado; uma forma de governo respeitosa dos direitos da pessoa à vida, à liberdade e à busca da felicidade; e um sistema de instituições culturais animadas por ideias de liberdade e justiça para todos*”... continua o autor: “*Em resumo, três sistemas dinâmicos e convergentes funcionando como um: uma forma de governo democrática, uma economia baseada em mercados e incentivos, e um sistema moral-cultural que é pluralístico e, em sentido amplo, liberal*” (NOVAK, *O Espírito do Capitalismo Democrático*, 1982, p. 14).

O transumanismo, entretanto, coloca também na ordem do dia o velho fantasma da eugenia e a possibilidade das desigualdades sociais vigentes em nossa sociedade se tornarem desigualdades biológicas. O filósofo Peter Sloterdijk, no polêmico texto “*Regras para o parque humano*”, coloca essa discussão em evidência, através de uma metáfora.

No que concerne agora ao jardim zoológico platônico e suas novas instalações, trata-se acima de tudo de verificar se entre a população e a administração existe uma diferença apenas de grau, ou uma diferença de espécie. Na primeira hipótese, a distância entre os guardiões de homens e seus protegidos seria só acidental e pragmática, e poder-se-ia então adjudicar ao rebanho a faculdade de eleger periodicamente seus pastores. Se existir, porém, uma diferença de espécie entre dirigentes e simples moradores de zoológico, então eles seriam tão fundamentalmente distintos uns dos outros que não seria aconselhável que a administração fosse eleita... (2000, p. 50).

A biotecnologia poderia levar a essa diferenciação, que colocaria em risco os valores democráticos, os quais reconhecem a diferença de grau, acidental

e pragmática, mas não de espécie. Uma diferenciação de espécie acarretaria um cenário catastrófico, já imaginado por H. G. Wells, no século XIX, em “A Máquina do Tempo”.

Sem enfrentar esse tema, o transumanismo será rejeitado como sendo uma proposta elitista de segregação biológica. A ficção científica já vem tratando do tema há algum tempo, mas exemplificaremos apenas com algumas obras audiovisuais recentes.

Duas obras cinematográficas – “*Elysium*”, do diretor Neill Blomkamp (2013), e “*O Preço do Amanhã*”, do diretor Andrew Niccol (2011) – apresentam como temática central um exercício de extrapolação das perspectivas transumanistas para um futuro em que estas se tornaram realidade, gerando sociedades distópicas, onde prevalece a desigualdade.

O Preço do Amanhã parece fazer referência ao conto “*Tempo é Dinheiro*”, que foi publicado pela primeira vez na revista *Playboy* americana de dezembro de 1975. Seu autor é Lee Falk (1911 – 1999), criador dos quadrinhos do “Fantasma” e do “Mandrake”. Em *O Preço do Amanhã*, a vida eterna é uma realidade, mas, em um sistema que desrespeita o direito à vida, cada indivíduo deve comprar seu tempo de vida, assim alguns bilionários podem ter milhões de anos de vida enquanto a grande massa da população é forçada a viver literalmente contando os minutos, pois, quando acabam os créditos, a pessoa pode morrer instantaneamente.

Já em *Elysium*, a parte privilegiada socialmente, ou seja, os donos do capital, moram em uma estação espacial homônima usufruindo das benesses da tecnologia e medicina ultramoderna, como sonhadas por Kursweil, enquanto a maior parte da população vive em situação muito perto do que Marx definiria como lumpemproletariado, totalmente destituída de recursos materiais.

Em ambos os filmes, o sonho transumanista se torna um pesadelo para grande maioria da população humana, o que certamente é uma possibilidade bem real. Afinal pode-se surgir uma sociedade de castas, semelhante à indiana, mas hiperinflacionada pela separação biológica. O filme “*Gattaca: A Experiência Genética*”, também de Andrew Niccol, representa um futuro em que os pais decidem o futuro biológico de seus filhos, desde antes de seu nasci-

mento, e, aqueles que não são artificialmente criados e adaptados, são excluídos.

Alguns transumanistas, principalmente os denominados extropianos, são libertários radicais, que defendem princípios sociopolíticos com clara intenção segregacionista; de acordo com Ben Goertzel⁴, muitos defendem inclusive a total, ou quase total, eliminação do governo. Alguns, como Sasha Chislenko, chegam a defender que o ar deve ser fornecido só a quem puder comprar. Goertzel utiliza o termo “Elitistas Nietzscheanos” para definir estes grupos.

Na série de ficção científica *Andromeda*, do mesmo criador de *Star Trek* Gene Roddenberry, um dos personagens principais, *Tyr Anasazi*, é um *Nietzschean*, uma futura subespécie humana, fruto da manipulação genética, ou seja, transumanos. Eles aparecem como seguidores radicais de Nietzsche, o que considero uma leitura errônea, mas muito comum, do filósofo alemão, graças a sua própria irmã que tentou transformá-lo em uma espécie de filósofo protonazista – uma leitura não compartilhada por grande parte da comunidade acadêmica.

O conceito nietzscheano *übermensch*, que por vezes se traduz como *super-homem* em edições populares da obra de Nietzsche, tem sua melhor tradução, de acordo com o espírito da filosofia do autor, em **para além do homem**, o que muda todo o seu significado⁵. O conceito de *super-homem*, normalmente, é utilizado para caracterizar aquele indivíduo que tem todas as potencialidades do homem elevadas para além daquelas comuns aos demais homens, como no Super-Homem dos quadrinhos: força, visão, voo, etc., ou na maioria dos chamados super-heróis, bem como na famosa HQ, de Alan Moore, “*Miracleman*”, recheada de citações do filósofo.

Nietzsche apresenta o conceito de *übermensch* no livro “*Assim Falou Zaratustra*”, em que o profeta do título anuncia o “*além do homem*”, que é uma superação dos consolos metafísico da existência, ou

4

GOERTZEL, Bem. **O Culto dos Übermensch: Os Elitistas Nietzscheanos do século XXI**. Revista Impulso nº 20, p. 155-160.

5

E é esta a tradução que, por exemplo, a filósofa Scarlett Marton utiliza em seu indispensável estudo “*NIETZSCHE: Das forças cósmicas aos valores humanos*” (Brasiliense, 1990).

seja, da crença em vida eterna, sentido absoluto para a existência, religiões, etc. Ultrapassar o homem é assumir a possibilidade de ter uma existência cujo único sentido é estético, e não moral, portanto, o indivíduo não será humano – muito menos super-humano, ou transumano, que, em último caso, é o ser humano potencializado –, mas sim um novo homem, anunciado por Zaratrusta, que por sua vez está sendo apresentado por Nietzsche: ou seja, um homem pós-metafísico. Para Nietzsche, o grego da era homérica era um exemplo deste homem, mais tarde corrompido pela metafísica socrática/platônica, o que, por fim, levou à decadência da civilização grega.

A leitura de um Nietzsche como uma espécie de profeta nazista encontra muitos defensores⁶ desde que sua irmã editou suas obras com essa intenção, a fim de angariar simpatia por parte dos nazistas, então em ascensão na Alemanha.

De qualquer forma, a possibilidade do transumanismo nos levar a uma nova eugenia⁷ foi discutida pelo filósofo alemão Jürgen Habermas, no livro “*O Futuro da Natureza Humana: O Caminho de uma eugenia liberal?*”, a partir de uma perspectiva da ética da espécie humana. Vou me deter um pouco mais sobre esse texto.

O Futuro da Natureza Humana: O Caminho de uma eugenia liberal? reúne algumas conferências que Jürgen Habermas fez entre 2000 e 2001, acrescidas de um posfácio. Em sua primeira conferência, “*Moderação Justificada. Existem respostas pós-metafísicas para a questão sobre a ‘vida correta’?*”, Habermas defende a ideia – da qual discordamos, mas deixemos isso para outro texto – de que a filosofia hoje já não pode ser como foi um dia, um conjunto de conselhos práticos acerca da vida boa e feliz:

6 No livro “Nietzsche o Profeta do Nazismo: o culto do super-homem – revelando a doutrina nazista secreta” (Madras, 2007) a autora, Abir Taha, retoma esta ideia de Nietzsche como um filósofo profético do Nazismo, ao aproximar o pensamento de Nietzsche, com as ideias do “Nazismo Esotérico”. A ideia de um nazismo esotérico, existindo em sociedades secretas, como a *Sociedade de Thule*, ou nas SS – *Tropas de Proteção*, sob comando de Heinrich Himmler e orientação espiritual de Karl Maria Wiligut foi proposta inicialmente em “O Despertar dos Mágicos” por Louis Pauwels e Jacques Bergier.

7 Eugenia se refere à ciência.

Tire suas conclusões a partir do fracasso das tentativas filosóficas de designar determinados modos de vida como exemplares ou universalmente decisivos. A “sociedade justa” deixa a critério de todas as pessoas aquilo que elas querem “iniciar com o tempo de suas vidas”. Ela garante a todos a mesma liberdade para desenvolver uma auto-compreensão ética, a fim de formar uma concepção pessoal da “boa vida” segundo capacidades e critérios próprios (HABERMAS, 2004, p. 5).

A Filosofia, então, não estaria apta a intervir na orientação do indivíduo, de sua ética pessoal, mas sim de uma ética da espécie. Um dos problemas é que, o que sempre nos definiu como espécie, foram atributos biológicos dados pela natureza e cultivados pelo homem. Ou seja, podemos ir a uma academia para desenvolvermos melhor nossos potenciais físicos, ou ler ficção científica para cultivar nosso intelecto “*o que antes era ‘dado’ como natureza orgânica e podia quando muito ser ‘cultivado’, move-se atualmente no campo da intervenção orientada para um objeto*” (p. 17). Segundo Habermas, esse tipo de intervenção pode levar a uma nova eugenia.

Para Habermas, existe uma eugenia negativa, que é benéfica em si, quando se utiliza os recursos da biogenética para a cura de doenças genéticas; e outra positiva, quando os pais de uma criança escolhem para ela certas características que determinaram toda sua vida. Vale lembrar aqui o filme *Gattaca*, já comentado, neste caso o indivíduo perde sua autonomia para empreender outros projetos racionais de vida, escolhido anteriormente ao seu nascimento.

Com efeito, um dia quando os adultos passarem a considerar a composição genética desejável dos seus descendentes como um produto que pode ser moldado e, para tanto, elaborem um design que lhes pareça apropriado, eles estarão exercendo sobre seus produtos geneticamente manipulados uma espécie de disposição que interfere nos fundamentos somáticos da autocompreensão espontânea e da liberdade ética de uma outra pessoa e que, conforme pareceu até agora, só deveria ser exercida sobre objetos, e não sobre pessoas (HABERMAS, 2004, p. 19).

Esse indivíduo seria o resultado de um projeto de vida de terceiros, assim perderia sua liberdade de definir seu próprio projeto de vida. Se pensarmos que, no texto “*O Existencialismo é um humanismo*”,

o filósofo John Paul Sartre estipula que a “existência precede a essência”, o que deixa ao homem total liberdade, ou melhor, condenado a liberdade, de estipular seu próprio projeto de vida, em contrapartida, caso mudanças genéticas sejam feitas antes do nascimento e da capacidade de a criança pode fazer escolhas livres, teríamos uma situação em que a essência precederia a existência, ou seja, o fim da liberdade. Este é um problema filosófico realmente muito importante.

Na segunda conferência, “*A Caminho de uma Eugenia Liberal? A Discussão em torno da autocompreensão ética da Espécie*”, Habermas busca polemizar em torno das seguintes questões: “*podemos dispor livremente da vida humana para fins de seleção? Podemos ser protagonistas de nossa evolução? Não teríamos o direito a uma herança genética não manipulada?*” (p. 23-33).

Esta polêmica, para Habermas (2004), citando W. van den Daele, estaria dada “*desde as primeiras vacinações e operações feitas no coração e no cérebro, passando pelo transplante de órgãos e pelos órgãos artificiais, até chegar à terapia genética, sempre se discutiu se já não se havia alcançado o limite em que mesmo os fins terapêuticos não podiam mais justificar outras técnicas do homem*” (p. 35).

Para o autor:

Nossa ética de espécie só é válida porque nos entendemos antropologicamente como autores responsáveis por nossa própria história de vida e de podermos nos considerar reciprocamente como pessoas “nascidas sob as mesmas condições” (p. 40 e 41).

Entretanto:

As intervenções eugênicas de aperfeiçoamento prejudicam a liberdade ética na medida em que submetem a pessoa em questão a intenções fixadas por terceiros, que ela rejeita, mas que são irreversíveis, impedindo-a de se compreender livremente como autor único de sua própria vida (p. 87).

Nesse caso, conclui Habermas, “*as pessoas programadas não possam mais se considerar como autores únicos de sua própria história de vida*” (p. 108) e também não podem mais se “*considerar ilimitadamente como pessoas nascidas sob iguais condições que suas gerações precedentes*” (p. 108), perderiam a liberda-

de de seguir uma determinada orientação para suas próprias vidas, de acordo com critérios e capacidade de cada indivíduo. Esse seria o resultado do transumanismo. Portanto, respondendo as questões colocadas, Habermas conclui que: não podemos dispor livremente da vida humana para fins de seleção. Não podemos ser protagonistas de nossa evolução. E certamente temos o direito a uma herança genética não manipulada.

O filósofo norte americano Michael J. Sandel, no texto “*Contra a Perfeição: Ética na era da engenharia genética*” (Civilização Brasileira, 2013), discute diversos casos contemporâneos envolvendo o melhoramento via engenharia genética e alerta para a possível desvalorização da vida frente a um programa de bioengenharia. Segundo Sandel:

Existe algo de sedutor, e até mesmo inebriante, em vislumbrar a liberdade humana livre dos grilhões daquilo que nos é dado. Talvez a sedução dessa perspectiva até tenha colaborado para dar início à era genética. É comum assumir que poderes de melhoramento que hoje temos surgiram como subprodutos da evolução da biomedicina – que a revolução genética apareceu, por assim dizer, para curar as doenças, mas perdurou para nos tentar com a perspectiva de melhorar nosso desempenho, projetar nossos filhos e aperfeiçoar nossa natureza. Mas isso pode ser a história contada de trás para a frente. Também é possível ver a engenharia genética como a expressão máxima de nossa decisão de subjugar o mundo, como mestres de nossa própria natureza. Essa visão de liberdade, entretanto, é falha. Ela ameaça banir a valorização da vida como dádiva e nos deixar sem nada para defender ou contemplar além de nossa própria vontade (2013, 108-109).

A velha eugenia, que nos levou ao nazismo, por exemplo, era uma política de Estado, como bem definiu Edwin Black, uma “*Guerra contra os Fracos*”, em que uma parte da população, que se considerava geneticamente superior, declara guerra de extermínio contra uma população já marginalizada, que foi segregada e esterilizada nos EUA e exterminada na Alemanha Nazista, ao mesmo tempo em que busca através de casamentos selecionados entre os “*geneticamente melhores*” manter uma linhagem “*superior*” – com todas as aspas necessárias para esse tipo de ideia.

Sandel alerta que algo parecido pode vir a ocorrer, mas agora uma eugenia de livre mercado, em que aqueles que possuem os recursos (ou seja, os donos do capital), optaram por um programa de melhoramento genético de seus filhos, o que pode dar origem a uma separação não apenas de nível social e econômico entre os indivíduos, mas também genético. Em um mundo em que a pressão por desempenho é cada vez maior, uma ajuda biogenética parece ser uma opção cada vez mais aceitável.

Aqui não cabe demonizar o capitalismo, mas, como coloca Novak (1982), ter em mente que o capitalismo democrático é, na verdade, três sistemas em um, não se resumindo apenas à economia de mercado, mas também ao respeito aos direitos da pessoa à liberdade e felicidade, bem como à cultura liberal pluralista. Portanto qualquer elitização biológica de uma parcela da população, que leve a uma distopia, a exemplo daquelas presentes em *O Preço do Amanhã*, *Elysium* e *Gattaca*, também é contrária ao espírito do capitalismo democrático, que ao longo dos últimos dois séculos possibilitou cada vez mais alcançarmos uma sociedade em que maior número de indivíduos de diferentes minorias tem alcançado cada vez mais direitos.

O filósofo neo-pragmatista Richard Rorty, ao analisar o romance “Snow Crash”⁸ de Neal Stephenson, vê neste uma crítica a uma América que “*as necessidades dos empresários sobrepõem as esperanças de uma sociedade livre e igualitária*” (p. 40). Para Rorty, tal distopia se torna realizável devido também ao “*modo desavergonhado com que nossos políticos se vendem hoje*” (p.41).

Aqui Rorty nos dá, pelo menos na minha leitura, um caminho para pensarmos uma sociedade em que o transumanismo pode ser uma realidade, sem que se torne uma nova eugenia liberal como crítica Habermas. Sociedades capitalistas democráticas garantem a divisão de poderes e a possibilidade de, mesmo aqueles com pouco recursos econômicos, usufruírem do poder político e cultural.

Assim como a maioria de nós acredita hoje que todo ser humano tem direitos básicos inalienáveis – e com todos os percalços nossas sociedades, mesmo fora do ocidente, estão cada vez buscando expandir

os direitos a melhores condições de vida e liberdade –, podemos, nas palavras de Rorty, redescrever nossa própria história, como uma história onde alcançamos cada vez mais igualdade e liberdade, através de reformas ocorridas dentro do próprio sistema capitalista democrático. O único que permite o auto aperfeiçoamento constante, o que não é possível em regimes autocráticos: fascistas e socialistas.

Por ser um sistema aberto⁹, a sociedade capitalista democrática permite sua própria reforma, em favor dos menos favorecidos, sem para isso extinguir liberdades, as quais são, assim, ampliadas para um número maior de indivíduos. Pode, dessa maneira, uma ficção científica que trabalhe com modelos de sociedade, em que as benesses da tecnogenética estejam disponíveis a todos, ser capaz de criar uma disposição social para uma utopia autorrealizável.

Podemos alternativamente pensar em um futuro em que os recursos da engenharia genética estarão disponíveis a todos (que deles querem usufruir), como ocorre em diversos textos de ficção científica aqui citados – principalmente no universo da *Aurora Pós-humana* de Edgar Franco e *Quando os humanos foram* embora de Gérson Lodi-Ribeiro; ou mesmo no convívio pacífico entre humanos e inteligências artificiais como em “*Os dias da Peste*” de Fábio Fernandes; ou nos diversos contos de robô de Isaac Asimov.

A bioengenharia genética pode não resultar apenas em uma distopia que separe nossa espécie em subespécies antagônicas, mas um caminho para o autoaperfeiçoamento de toda a espécie, como a própria democracia liberal, a ciência moderna e o sistema capitalista democrático têm se mostrado ser.

O cineasta, poeta e quadrinista Alejandro Jodorowski, criador das séries em quadrinhos *Inca*, *Metabarões* e *Bórgia*, acredita que a “*genética é sagrada*” (2009, p. 225), “*absolutamente imprescindível*” ao possibilitar “*uma nova humanidade superdotada e longeva: uma mutação da humanidade para algo infinitamente melhor do que somos agora*” (2009, p. 226). Ainda prossegue Jodorowsiki: “*Como viveremos muito mais tempo, será um prazer quando tivermos três mil anos de vida, porque ficar velho é estar com o*

8 No Brasil traduzido como “Nevasca” pela editora Aleph.

9 K. R. Popper. **A Sociedade aberta e seus inimigos**. Trad. Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1974.

cosmos e com o universo. Nós vamos sentir o universo. A vida é um presente divino. Estar vivo é um presente inimaginável. Nós temos que trabalhar para melhorar esta maravilha (2009, p. 227)”.⁹

Se a distopia presente em *O Preço do Amanhã*, *Elysium* e *Gattaca* é um futuro possível, e não deve ser negligenciado, mas sim servir como uma alerta. Certamente a possibilidade de um futuro transhumano que possibilitará cumprirmos nosso destino cósmico, não deve ser negligenciada. Fico com a segunda possibilidade. E a possibilidade de fazermos este debate, e escolher nosso caminho futuro, é possível, principalmente por vivermos em uma sociedade democrática liberal. A ficção científica é um dos recursos disponíveis que temos para pensar nosso futuro.

Para aqueles que, como este autor que lhes escreve, pensam a ficção científica como um dos maiores recursos teóricos já desenvolvido pelo homem, onde se é capaz de avançar no tempo, a fim de compreender os resultados que as ações humanas de hoje terão em um futuro próximo, ou longínquo, o estudo sociológico dessas obras é indispensável; pois assim poderemos entender esses dois caminhos e fazer as correções necessárias em favor de um transhumanismo democrático e não elitista.

Os já citados Louis Pauwels e Jacques Bergier, em *“O Despertar dos Mágicos”*, faziam um alerta sobre a necessidade do estudo sociológico da ficção científica:

Através da abundante e espantosa literatura chamada de ficção científica, sobressai no entanto à aventura de um espírito quase adolescente ainda, que se desdobra à medida do planeta, se empenha numa reflexão na escala cósmica e situa, de maneira diferente, o destino humano no vasto Universo. Mas o estudo de semelhante literatura, tão comparável à tradição oral dos narradores antigos, e que dá provas dos profundos movimentos da inteligência em marcha, não é coisa séria para os sociólogos (p. 42).

A ficção científica é um exercício para se fazer uma sociologia do futuro, de forma racional e metódica.

É óbvio que a ciência é uma, mas pode se evidenciar para o bem ou para o mal. Lá estão as utopias e as distopias, inevitáveis prolongamentos da essência

humana. Mas seja qual for a alternativa, é inegável que a ficção científica manipula alguma verdade pre-nunciadora, não importa se inclusiva. Equivale pois, como arte, a uma catarse ante a ambiguidade existencial dos terrestres. Essa literatura de nosso tempo merece portanto acurada reflexão, pois sugere o sociólogo do amanhã, na medida que o vir-a-ser pode ser perscrutado pela ciência. Ficção Científica. – *Grifo nosso* (SCAVONE, 35-36).

Ficção Científica: Sociologia do futuro?, pergunta Rubens Teixeira Scavone, respondemos: Sim! A Ficção Científica é uma sociologia do futuro. Portanto, é analisando as obras ficcionais de hoje que compreendemos as possibilidades sociais que enfrentaremos no futuro quanto à evolução do transumanismo. Ao fazer a ponte entre a ciência e as humanidades, assim “a ficção científica uniu o vazio das duas culturas com uma via expressa”¹⁰.

O que possibilita a ficção científica tornar-se com certeza uma das maiores invenções humanas entre o final do século XIX e o século XX, ainda que seu verdadeiro valor seja tão negligenciado. Se as ciências (naturais ou humanas) são o ponto fixo no qual apoiamos a alavanca, a ficção científica é a própria alavanca pela qual ousamos perscrutar o futuro.

O que nos reserva esse futuro: uma utopia transumanista, em que a manipulação genética é utilizada com fins de permitir ao homem cumprir seu destino cósmico, como já postulavam os cosmistas russos, adaptando seu próprio corpo aos ambientes planetários a serem encontrados, ou mesmo ao vácuo do espaço, em uma eterna pantropia. Não deixa de ser uma possibilidade magnífica, trabalhado com maestria na maior série de ficção científica já escrita por um brasileiro, a trilogia *Padrões de Contato* (Devir, 2008), de Jorge Luís Calife.

Mas, lógico, a distopia estreita a utopia, e um futuro de segregação biológica, em que super-homens biologicamente alterados poderão vir criar um sistema de castas, com bases tanto em seu poder financeiro como em suas ultracapacidades, disponíveis a poucos capazes de pagar por elas, também pode ser uma realidade.

Sempre temos mais de uma opção a seguir, seja a

10 David Brin. Nós, os hobbits: uma reavaliação imprudente e herética de J. R. R. Tolkien.

democracia liberal cosmista apresentada por Gene Roderberg em *Star Trek*, ou o fascismo, imperialista, segregacionista e autocrático. A ficção científica nos dá a oportunidade de vislumbrar ambos os futuros disponíveis e escolher o melhor dos mundos possíveis (para citar Leibniz mais uma vez). Mas esse não é um futuro que depende de um deus do qual não compreendemos os desígnios, mas uma escolha que devemos fazer por conta própria. E a ficção científica, esta sociologia do futuro, se não é o mapa, pois este está em construção, é a legenda do mapa a nos guiar (como diz Michel Serres¹¹).

Mas este é um mapa diferente, não é o mapa de uma realidade geográfica imutável, mas de uma realidade social, sempre possível de aprimoramento, enquanto vai sendo gestada. Não depende de mudanças geoquímicas de milhões ou bilhões de anos, mas dos desejos e utopias humanas, possíveis de serem executadas no decorrer de dezenas ou poucas centenas de anos. Talvez um empreendimento destinado ao esquecimento frente a um universo governado por números tão imensos.

Mas, parafraseando Carl Sagan, uma pequena vela na escuridão do universo, pequena, mas não insignificante, e que sem dúvida vale a pena manter acesa pelo maior tempo possível. Se nosso futuro reserva maior longevidade, capacidade intelectual, Inteligência Artificial ou simbiose homem-máquina, que seja! Desde que não abandonemos aquilo que nos torna realmente o que somos: nossa compaixão,

11 Minchel Serres é filósofo e historiador da Ciência, no Brasil teve sua série “Lendas da Ciência” transmitida pela TVEscola. Para o autor: “Etimologicamente, “legenda” significa “o que deve ser lido”, e legendando, como é preciso ler. Num mapa, geralmente embaixo, à esquerda, um quadro intitulado “legenda” explica como ler os símbolos que ali estão. Passamos agora às ciências. Como se deve ler a geologia? A astronomia, como se deve lê-la? Pois bem, Júlio Verne propõe um modo de fazer: ele constrói uma máquina que permite ir lá ver. Um submarino desce até a classificação dos peixes; um obus dá a volta a Lua; um pedaço de continente arrancado da Terra visita os planetas do sistema solar, como em Hector Servadc; uma jangada desce lentamente o Amazonas e permite explorar suas margens e encontrar os ribeirinhos. A “legenda” prepara a viagem e a “viagem” realiza a “legenda” (SERRES, 2007, p. 22-23). A ficção científica sobre transumanismo pode ser uma legenda, com a qual podemos ler nosso futuro transumano? Escolhendo os melhores caminhos? Deixo a questão em aberto ao leitor. Já eu respondo com um sim.

nossa cultura, capacidade de perplexidade, desejo da descoberta. Caso contrário, ao avançar em direção ao futuro, voltaremos a nosso passado hominídeo, onde éramos um entre tantos animais a viver sob os desígnios da natureza, transformando a pior e mais errônea leitura da “Evolução das Espécies” em realidade, um futuro de Darwinismo Social, como queriam os eugenistas e os nazistas.

Espero sinceramente que o transumanismo seja uma filosofia capaz de gerar um pós-humano que seja um homem geneticamente aperfeiçoado, uma quimera, um cyborg ou uma consciência vivendo em uma máquina, ou mesmo um de nossos descendentes robóticos, que mantenha o melhor que alcançamos em nossa milenar cultura. Nossa ética, filosofia, arte, e desejo de compreender o universo e nós mesmos. O transumanismo e cosmismo são duas filosofias que, juntas, tendem a realmente tornar o universo uma fronteira final para o homem, ou pós-homem. Nosso destino cósmico está inexoravelmente associado às conquistas da astronáutica associadas às da bioengenharia.

A associação entre capitalismo democrático e ciência (tecnologia) tende a nos levar a uma era cada vez maior de *Abundância* (2012), como preconizado por Peter H. Diamandis¹² e Steven Kotler. Inovações e atitude empreendedora tendem a resolver as necessidades humanas por água, alimento, energia, saúde, educação e liberdade. O transumanismo faz parte dessa nova realidade, em direção a um futuro em que guiaremos nossa própria evolução biotecnológica, em direção ao nosso destino cósmico.

Referências Bibliográficas:

BERGIER, Jacques. PAUWELS, Louis. **O Despertar dos Mágicos**: Introdução ao Realismo Fantástico. Trad. Gina de Freitas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRIN, David. **Nós, os hobbits**: uma reavaliação imprudente e herética de J. R. R. Tolkien. Trad. Alexis B. Lemos. Brief News On Line. Ano 3 – Nº 16, Jul./Ago./Set. 2003.

BLACK, Edwin. **A guerra contra os francos**: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante. Trad. Tuca Magalhães. São Paulo: A Girafa, 2003.

CALIFE, Jorge Luiz. **Trilogia: Padrões de Contato**. São Paulo: Devir, 2008.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Glória Sombria**. São Paulo: Devir, 2013.

CAUSO, Roberto de Sousa. **Rosas Brancas**. In: Portal Solaris, outono de 2008.

CAUSO, Roberto de Sousa. **A Concha do Mar**. In: Portal Neuromancer,

12 Fundador e Reitor da Singularity University.

verão de 2008.

CAUSO, Roberto de Sousa. **O Novo Protótipo**. In: Portal Stalker, outono de 2009.

DODSWORTH, Alexey. **Dezoito de Escorpião**. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014.

ENGELS, Friedrich. **Humanização do macaco pelo trabalho**. In: *Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S. A. [S.D.].

FERNANDES, Fábio. **Os dias da peste**. São Paulo: Tarja, 2009.

FLORY, Henrique. **Evolução**. São Paulo: Arte & Ciência, 2015.

FRANCO, Edgar. **BioCyberDrama Saga**. Goiânia: Editora UFG, 2013.

HABERMAS, Jürgen. **O Futuro da Natureza Humana: A caminho de uma eugenia liberal?**. Trad. Karina Jannini. Martins Fontes, 2004.

ISAAC, Asimov. **Visões de Robô**. In: *Visões de Robô*. São Paulo: Record, 2002.

ISAAC, Asimov. **O homem bicentenário**. In: *Histórias de Robô Vol. 2. Isaac Asimov.../et. Al./ (org.)* Trad. Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2005. (Coleção L&PM Pocket)

ISAAC, Asimov. **O Conflito Evitável**. In: *Eu, Robô*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

JODOROWSKI, Alejandro. **Psicomagia**. Trad. Sueli Farah. São Paulo: Devir, 2009.

KURZWEIL, Raymond (Entrevista). **Seremos Todos Cyborgs**. Revista Veja, em 15 de novembro de 2006, p. 11- 15.

KURZWEIL, Ray. **A era das máquinas espirituais**. Trad. Fábio Fernandes. São Paulo: ALEPH, 2007.

KURZWEIL, Ray; GROSSMAN, Terry. **A medicina da imortalidade**. Trad. Cássia Nasser. São Paulo: ALEPH, 2007.

LAIGLE, Jean-Pierre. **Encontro com o Destino**. Trad. Humberto Moura Neto e Martha Argel. São Paulo: Devir, 2012.

LODI-RIBEIRO, Gerson. **Quando os humanos foram embora**. São Paulo: Coleção Fantástica/Hiperespaço/Megalon, 1999.

NICOLELIS, Miguel. **Muito além do nosso eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NOVAK, Michael. **O Espírito do Capitalismo Democrático**. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1982.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SCAVONE, Rubens Teixeira. **Templários, Frankenstein, Buracos Negros e outros temas**. São Paulo: Editora Hemus, [S.D.].

SERRES, Michel. **Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo**. Trad. Mônica Cristina Correa. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **EUGENIA E LITERATURA NO BRASIL: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949)**. Marília, SP: UNESP / FFC, 2012, 131 f. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

VINGE, Vernor. **Derradeira Esperança**. In: *Histórias de Robô Vol. 2. Isaac Asimov.../et. Al./ (org.)* Trad. Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2005. (Coleção L&PM Pocket)



MAX
MALLMANN
1968 - 2016

HOMENAGEM A MAX MALLMANN

por Gerson Lodi-Ribeiro

Max Mallmann

(1968-2016)

201611051450P7 — 20.574 D.V.

“Veni cum papa!”

(Desiderius Dolens, protagonista de O Centésimo em Roma.)

Conheci Max Mallmann na tarde de 08 de novembro de 1997, sábado, primeiro dia da quinta e última InteriorCon, convenção de literatura fantástica organizada por Roberto de Sousa Causo em Sumaré, cidadezinha do interior de São Paulo.

No primeiro papo, Max me presenteou com um exemplar autografado do seu Mundo Bizarro, romance fix-up de ficção científica disfarçado de fantasia, que havia publicado no ano anterior. Àquela época, o autor assinava seus trabalhos como Max Mallmann Souto-Pereira.

Após o jantar num restaurante local com a presença de Bruce Sterling, convidado internacional da InteriorCon, regressei à escola onde se dava o evento e encontrei o escritor André Carneiro proferindo a palestra que constituía sua participação principal na convenção. Extenuado naquele dia de agenda cheia, desde a viagem de carro do Rio de Janeiro até o interior de São Paulo, resolvi abrir mão da palestra do decano, última atividade oficial da noite, saindo para aguardar seu término do lado de fora da escola. Ali encontrei, em situação idêntica e disposição de espírito similar, o novo amigo gaúcho Max Mallmann. Sábia decisão. Pois, a partir daquele segundo bate-papo — onde pudemos conversar sobre processos de criação literária e a liberdade do autor para escrever sobre as narrativas que deseja contar — estabelecemos nossa amizade.

Finda a palestra, eu e Max coletamos os amigos Carlos Orsi Martinho, Marcelo Simão Branco e Leonardo Nahoum, para ir até um barzinho. Conduzidos por nosso “guia nativo” William Mündel, encontramos um sítio adequado para bater papo até cerca de três da manhã. Max nos contou então de seus

sonhos de escrever e publicar seus livros por uma grande editora e se tornar roteirista da Rede Globo. Sonhos que lograria concretizar ao longo da década seguinte.

Na manhã de domingo, a primeira atividade oficial da InteriorCon foi a palestra “Ficção Científica e História”, proferida por Max Mallmann. Apesar do título, os temas abordados foram o mercado editorial para a literatura fantástica no Rio Grande do Sul e a mecânica do seu processo criativo. Por insistência dos presentes, falou um pouco sobre suas próprias obras. Além de Mundo Bizarro, à época ele já havia escrito o romance de ficção científica Confissão do Minotauro, publicado uma década antes, quando Max possuía apenas dezenove anos.[1] Depois do almoço, ele ainda participaria de um painel denominado “Contato Imediato com o Fandom”, em companhia dos escritores Daniel Fresnot, Guilherme Kujawski, Sergio Kulpas e Ataíde Tartari.

Menos de dois anos mais tarde, contratado pela Rede Globo, Max se mudaria para a cidade do Rio de Janeiro em companhia da esposa, a escritora e poeta, Adriana Lunardi. Ingressou-se de forma harmônica à comunidade carioca de FC&F, a ponto de se tornar o representante oficial do CLFC-RJ na década de 2000.

Em novembro de 2000, dava-se o lançamento de sua novela de fantasia Síndrome de Quimera, primeiro livro dos quatro que publicaria pela prestigiosa editora Rocco. Alguns poucos já conheciam a primeira metade dessa novela que acabou abiscoitando o Prêmio Argos 2001 na categoria Melhor Ficção Longa, além de ter sido indicada como finalista do Prêmio Jabuti na categoria Melhor Romance, feito até então inédito para um texto de literatura fantástica. Pois, já em 1998, Max havia submetido aquela metade inicial ao crivo da Oficina Literária Virtual, esforço que desenvolvemos com a participação de outros autores do fantástico lusófono, como João Barreiros; Roberto Causo; Hidemberg Alves da Frota; António de Macedo; Lúcio Manfredi; Carlos

Orsi Martinho; Simone Saueressig; Luís Filipe Silva; dentre outros. Mesmo ignorantes quanto ao fim da história, muitos de nós então intuímos estarmos diante de uma obra instigante e aguardávamos ansiosos pela publicação da mesma.

Max tornou-se merecidamente o centro das atenções na reunião mensal do CLFC-RJ, em novembro de 2000 na pizzaria Parmê do Largo do Machado, ao falar da Síndrome de Quimera. Quatro dias antes do seu lançamento oficial na livraria Argumento do Leblon, a novela virou o assunto principal daquela tarde-noite regada por vinho, chope e pizzas.

Em plena cerimônia de entrega do Prêmio Argos 2003, no SESC-Tijuca, Max Mallmann foi ungido e então aclamado por unanimidade como representante oficial do CLFC no Rio de Janeiro. Compareceu ao evento de pé quebrado, bota ortopédica e par de muletas, após ter sido vítima da violência urbana carioca: uma dupla de trombadinhas lhe aplicou uma trombadona na Rua Barão da Torre, em Ipanema. Max caiu de mau jeito e acabou quebrando o pé. O pior foi que, apesar de existir elevador do SESC, o coitado foi obrigado a subir vários lances de escada até a Casa Rosa, sítio onde se desenrolou a cerimônia do Argos. Naquela ocasião, Max nos mostrou um exemplar de seu novo romance, Zigurate, então prestes a ser lançado pela Rocco. Considerei-o à época um candidato fortíssimo ao Argos 2004 na categoria Melhor Romance. Infelizmente, a premiação foi descontinuada pela nova diretoria do CLFC e o romance não recebeu o reconhecimento merecido dos sócios da agremiação.

Ao longo destas duas décadas de amizade e convivência, Max sempre prestigiou os amigos e a comunidade de FC&F carioca e brasileira com sua presença, seu senso de humor irônico e sua índole afável e conciliadora. Houvesse o costume de batizarmos as verves da ironia como se fossem gládios famosos, aquela brandida com precisão cirúrgica por Max, com sua lâmina afiada e sua extremidade aguçada, tal como a espada de Arya Stark, devia ser chamada “Aguilha”.

Max constituiu presença constante em convenções como as Fantasticons paulistanas e as Odisseias de Porto Alegre, bem como nos eventos oficiais do

CLFC-RJ e das reuniões mais informais da comunidade carioca de literatura fantástica nos restaurantes e barzinhos da cidade ou, ainda, nos queijos & vinhos e demais bebemorações de caráter etílico que se desenrolavam nas residências dos amigos. Sempre bem-humorado, invariavelmente divertido e acessível, sempre disposto e capaz de alegrar os amigos com suas tiradas espirituosas, suas colocações sutis e seus comentários mordazes sobre política, costumes, literatura e outros bichos mais.

Por tudo isto, mais do que por qualquer outra coisa, Max Mallmann fará falta e deixará saudades entre seus amigos cariocas e brasileiros, que granjeou tanto na comunidade literária quanto na de roteiristas do Rio de Janeiro.

Na reunião carioca de agosto de 2008, no Manuel & Joaquim do Largo do Machado, Max nos apresentou ao roteiro do seriado Ilha de Ferro, recém-submetido à Rede Globo. Então atuante, no núcleo de roteiristas do humorístico semanal A Grande Família, Max foi convidado a submeter um roteiro para uma nova minissérie ou seriado, junto com outros roteiristas da Globo. Dos vinte e cinco roteiros gerados a partir daquele processo de seleção, dez passaram pelo primeiro crivo, dentre eles o do nosso amigo. Ilha de Ferro fala das peripécias de um grupo de profissionais que trabalha numa das plataformas off-shore da Petrobras. Ambiente que, até onde eu saiba, jamais foi explorado numa narrativa mais extensa do que um longa-metragem. O ex-presidente do CLFC, Eduardo Torres, que é engenheiro químico da Petrobras, atuou como consultor e colocou o autor em contato com outros engenheiros que já haviam trabalhado em plataformas. Após ficar de molho por quase uma década, o projeto recebeu enfim o sinal verde da direção da Globo. Por ironia do destino, essa aprovação se deu numa época em que Max já havia sido diagnosticado com uma forma rara de câncer muscular. Infelizmente, embora tenha escrito os roteiros dos episódios da primeira temporada, o autor não viveria para concretizar o sonho de ver um produto solo com sua assinatura nas telas da emissora.

Como roteirista da Globo desde 1999, Max integrou o time de redatores de Malhação (1999-2001), da novela Coração de Estudante (2002) e das séries

Carga Pesada (2004) e Grande Família (2005-2014), sendo, portanto, corresponsável pela criação dessa que constituiu uma das séries mais divertidas e saudosas da teledramaturgia brasileira. Quando me encontrava com o Max num barzinho ou num queijos & vinhos, quase sempre conversávamos sobre as nuances dos enredos dos episódios da Grande Família, série de que eu era e ainda me considero um grande fã.

No que concerne à Ilha de Ferro, as notícias não poderiam ser mais alvissareiras. Segundo a crítica televisiva Patrícia Kogut, em nota de sua coluna em 21 de setembro último:

“A série Ilha de Ferro, da Globo, terá 12 episódios. Max Mallmann e Adriana Lunardi criam a trama, sobre petroleiros numa plataforma fictícia de produção de petróleo. Os personagens viverão a tensão de trabalhar num local perigoso, com risco de explosões, e também conflitos de poder e histórias de amor.”

Em 15 de abril de 2010, Max lançou O Centésimo em Roma, romance histórico instigante e original que considero seu melhor livro. O evento se deu na livraria Travessa da Visconde de Pirajá e o autor inovou ao utilizar, no lugar de autógrafos, carimbos com ditos sacanas espirituosos em latim.

O intervalo de sete anos entre a publicação de Zigurate e esse romance deveu-se provavelmente ao trabalho de pesquisa caudaloso que o autor empreendeu, lendo e digerindo quase uma centena de livros sobre Roma Antiga ao se preparar para a empreitada.

Não julgo O Centésimo em Roma e sua continuação As Mil Mortes de César, lançado quatro anos mais tarde, apenas romances históricos brilhantes, mas, simplesmente, os dois melhores romances históricos já escritos no Brasil e, possivelmente, os dois romances históricos mais bem escritos e mais divertidos dentre os ambientados em Roma Antiga.

Max estava escrevendo um terceiro romance nesse mesmo universo ficcional protagonizado por Desiderius Dolens, o Carniceiro de Bonna. A escrita ainda estava no início quando a morte intempestiva bateu à sua porta.

Em outubro de 2015, Max surpreendeu seus amigos mais próximos quando nos convidou para seu jantar de aniversário no bar Belmonte do Jardim Botânico. Porque, ao chegar ao local, deparamo-nos com sua calva reluzente, arauta de notícias funestas. Havia contraído uma forma rara de câncer nos tecidos musculares, mais especificamente no músculo da coxa. Embora a moléstia já houvesse produzido metástase, a equipe de oncologistas que acompanhava o tratamento mostrava-se otimista.

A notícia nos pegou de surpresa e todos à mesa se sentiram bastante abalados diante das perspectivas ruins. Uma exceção notável foi o próprio aniversariante, que se exibiu confiante e otimista.

Dois meses mais tarde, por ocasião da cerimônia de entrega do Prêmio Argos 2015 na cúpula do Planetário da Gávea e no banquete comemorativo que se seguiu, Max comunicava aos amigos que o tratamento à base de quimioterapia fora bem-sucedido e que os médicos haviam declarado que ele se encontrava oficialmente no período de remissão. Poucos sabiam, mas Max exercia o papel de mecenas anônimo dessa premiação.

Cerca de vinte dias atrás, recebi um telefonema insólito de um amigo comum, informando que Patrícia Mallmann, irmã caçula do Max, estava planejando uma festa-surpresa para comemorar o aniversário dele no hospital Copa D’Or.

— Ué, mas o Max está internado?

— Está, sim. Mas, não é nada sério. Foi submetido a uma pequena intervenção cirúrgica, mas passa bem. Já saiu da UTI e está no quarto. A Patrícia falou que seria legal comemorar o aniversário com ele.

— É mesmo? Então, tá.

Naquela tarde ensolarada de terça-feira, 18 de outubro, saí do trabalho mais cedo e, meio acabrunhado, tomei o metrô na direção Copacabana. Pelo visto, o câncer voltara.

Ao entrar no quarto do hospital, deparei-me com um Max Mallmann fisicamente debilitado, mas falante e bem-humorado, não obstante por vezes precisar usar uma máscara de oxigênio para conversar conosco. Presenteei-o com um exemplar do meu Vita Vinum Est: História do Vinho no Mundo Ro-

mano, livro que ele me incentivou a escrever, ao afirmar diversas vezes que o utilizaria como subsídio para ambientar as narrativas de Desiderius Dolens. Além da Adriana e da Patrícia, estiveram presentes a mãe de Max e outra irmã que eu ainda não conhecia, Roberta Mallmann, ambas vindas do Rio Grande do Sul para o aniversário. Do pessoal da FC&F carioca, compareceram Ana Cristina Rodrigues, Eduardo Torres, Luiz Felipe Vasques e eu. Muitos amigos da Globo também estiveram presentes. Ao todo, calculo que éramos quase trinta pessoas. Para controlar essa autêntica multidão, em termos de ambiente hospitalar, Adriana pediu que permanecêssemos no quarto apenas três de cada vez. Apesar do bom humor e da fleugma do Max, havia certo clima de despedida no ar. Descemos os quatro no mesmo elevador e sentamos numa mesa do Caféina aberto no térreo do hospital para rememorar nossa amizade com o Max. À época, não sabíamos que ele já estava com um pulmão inoperante e o outro funcionando com apenas metade da capacidade.

Mesmo assim, quando recebi uma mensagem de WhatsApp ontem às oito da manhã para avisar do falecimento do nosso amigo, no primeiro instante precisei me esforçar um bocado para acreditar. Infelizmente, era verdade: Max Mallmann faleceu aos 48 anos, em pleno auge da carreira como escritor e roteirista, na madrugada de ontem, sexta-feira, dia 04 de novembro de 2016.

Ontem à noite, triste e saudoso, afoguei meu desânimo numa garrafa de Clos Apalta 2008, o mesmo tinto chileno magnífico que bebi com o Max, Edu Torres e Flávio Medeiros num dos últimos eventos em que reunimos os amigos aqui em casa.

Mais concorrido do que a família pretendia, o velório se deu nesta manhã, na Ordem do Carmo. Estiveram presentes a família, com exceção de Renata Mallmann, irmã mais nova que Max, e mais velha que Roberta e Patrícia, residente nos EUA (ela conversou conosco e com muitos outros presentes à cerimônia via Skype), e muitos, muitos amigos dos milhares que esse sujeito amável, inteligente e simpático congregou ao longo da vida. Na maioria daqueles que compareceram para lhe prestar a última homenagem, notava-se certo sentimento de revolta e perplexidade: por que um cara tão bacana quanto o Max teve que morrer tão jovem quando há tanta

gente ruim vendendo saúde por aí?

Por volta das 13h00, quando os funcionários do cemitério já estavam prestes a levar o féretro para o crematório, A mãe do Max pediu uma salva de palmas para o filho. Os presentes aplaudiram por quase dois minutos emocionantes. Como nova última homenagem, Patrícia pediu nova salva de palmas para o irmão e nós aplaudimos por noventa segundos seguidos.

Enfim, o féretro que permanecera fechado durante todo o breve velório foi levado pelos funcionários e nós nos despedimos, tristes e chorosos.

Vários amigos insistiram em afirmar que Max Mallmann se foi no auge de sua vida e carreira. Não creio. Pois, não fosse essa partida intempestiva, com sua capacidade e talento, ele decerto galgaria píncaros mais elevados. O fato é que deixará muitas saudades e uma comunidade carioca de literatura fantástica menos inteligente, menos bem-humorada e menos alegre. Como diria Billy Joel, “só os bons morrem jovens”.

Jardim Botânico, Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2016 (sábado).

Microrresenhas dos Livros de Max Mallmann:

1) Confissão do Minotauro (Instituto Estadual do Livro, 1987).

Romance de ficção científica. Observador histórico com tendências suicidas embarca numa imensa fortaleza espacial dos Mundos Periféricos, entidade interestelar sob a égide humana, prestes a ser atacada pelos respiradores de amônia da Confederação Phin. A fortaleza espacial é tripulada por milhões de indivíduos pertencentes a diversas espécies inteligentes respiradoras de oxigênio e governada por um megacomputador neurótico com dupla personalidade. Max Mallmann juvenil apresenta uma FC hard inteligente e relativamente adulta.

2) Mundo Bizarro (Mercado Aberto, 1996).

Ficção científica com roupagem de fantasia. Aventuras políticas, militares, amorosas e diplomáticas de Krysio V, novo monarca do Reino de Gavorya, no planeta Ruydia, auxiliado em suas maquinações maquiavélicas por Zé Carlos, um humano da Terra que caiu em Ruydia após cruzar uma fenda dimensional com seu automóvel. O romance é antes um fix-up de duas noveletas e uma novela. Divertido e de leitura compulsiva.

3) Síndrome de Quimera (Rocco, 2000).

Novela de fantasia. Homem com cascavel enroscada no coração associa-se com um amigo, que é capaz de retirar o cérebro quando estressado, a fim de abrir café-livraria em Porto Alegre, reunindo como clientela outras criaturas exóticas e anomalias genéticas. O enredo se complica quando aparecem Falena, uma jovem de olhos luminescentes e o pai do protagonista, um rato gigante de 300 kg que costuma se alimentar de carne humana.

4) Zigurate (Rocco, 2003).

Romance de ficção científica. Em seus últimos meses de vida, doutoranda francesa portadora de moléstia incurável tropeça, em meio à pesquisa de sua tese, na existência de um casal de imortais que compartilha a Terra com a humanidade desde antes do alvorecer da história. Desesperada para desvendar o mistério antes de morrer, ela parte de Paris para Edimburgo em busca do homem imortal. Paralelamente, depois que um gênio do marketing eleitoral norte-americano morre no Rio, após receber felação de uma puta local, o assistente dele se vê envolvido com a mulher imortal, que trabalha na agência encarregada da campanha política de um candidato, dublê de deputado federal e traficante de armas, primeiro ao Senado e depois à Presidência. Quase toda a ação se concentra no Rio de Janeiro e em torno da mulher imortal, ao passo que quase todas as revelações sobre a origem obscura dos imortais se concentram em Paris e Edimburgo, em torno da pesquisadora moribunda.

5) O Centésimo em Roma (Rocco, 2010).

o Tour-de-force de Max Mallmann. Melhor romance histórico já escrito no Brasil. Um dos melhores romances históricos jamais ambientados em Roma. Centurião Desiderius Dolens, vulgo Carniceiro de Bonna, regressa à Roma vindo da Germânia no fatídico ano dos quatro imperadores (68 A.D.) e recebe o comando de uma guarnição das coortes urbanicianas, posto aquém de suas ambições de ascender ao patriciato. Divertido e original.

5) As Mil Mortes de César (Rocco, 2014).

Continuação de O Centésimo em Roma. Quase tão bom quanto o romance anterior. Desiderius Dolens prossegue em suas aventuras, envolvendo-se cada vez mais profunda e inexoravelmente na guerra civil entre os candidatos ao posto de imperador, Vitélio e Vespasiano. Mallmann magistral.

7) Tomai e Bebei (Aquário Editorial, 2015).

Noveleta de horror. Em fins do século XIX, padre beerrão do interior se depara com um crime bizarro após a chegada de um bispo misterioso e seu criado anão numa noite de tempestade. Max Mallmann torna o clichê surrado numa narrativa palatável com clima de horror clássico.

Publicado originalmente em <http://alternative-highwayman.blogspot.com.br/>

CONTOS

AYNIN CANDÉ

Ricardo Santos

Aynin não conseguia respirar direito.

Estava encostada na lateral de um restaurante, no centro de Salvador, na região do Comércio. Era tarde da noite. Tudo estava fechado. Não havia ninguém por perto, civil ou noturno. Apenas Oto.

“Não me diga que vai vomitar?”, ele perguntou, fazendo uma careta.

“Sai fora”, ela disse, de cabeça baixa.

Aynin tentava recuperar o fôlego. A aporrinhação de Oto não ajudava em nada.

Ela não estava sentindo frio nem calor. Fome ou sede. Mas sua barriga doía mesmo assim.

E o coração estava acelerado.

Ela queria voltar para casa. Mas sabia que não podia fazer isso. Não podia voltar de mãos vazias. Tinha que voltar com o pagamento pelo serviço feito, aliás, bem feito. A prova do seu triunfo.

“A gente vai se atrasar”, Oto alertou.

Aynin estava nervosa. Não seria melhor dizer: estava com medo? Medo de falhar, de morrer, ou de sofrer coisa pior. De ser capturada pelos carcereiros. Ou até mesmo de sofrer alguma violência do seu cliente.

O que ela sabia dele? Apenas um nome: Azohá. E uma descrição vaga: ele era muito magro, tinha olhos grandes e vermelhos, uma pele tão grossa e manchada quanto casca de árvore e quatro braços.

Sim, mas até que ponto ele era perigoso? Qual tinha sido seu crime?

Nem seu pai, nem sua avó responderam estas perguntas. Na verdade, Aynin nem as fizera. De certa maneira, ficara triste por não ouvir as respostas espontaneamente. Era como se o pai e a avó não ligassem.

No fundo, Aynin sabia qual era a intenção do pai. Ele queria torná-la uma burladora impecável, forjada na adversidade.

Ela precisava aplicar o que sabia, o que lhe fora

ensinado, sem a ajuda de ninguém. Contando apenas com a proteção do seu olheiro, no caso Oto, e dos oxanás.

Mesmo assim, Aynin estava triste. O pai era um homem justo, mas duro, de poucas palavras. A avó, parceira de longas conversas, poderia ter dito algo mais. Porém ela mal quis receber a neta antes desta partir para sua iniciação. “Seu destino pertence aos oxanás.” Foram as últimas palavras da avó. Aliás, mais Mestra Zuma do que vó Zumira, naquele momento, em toda sua presença e autoridade.

Aynin sabia que os oxanás tudo governavam, mas ela sabia também que seu destino pertencia a ela. Cabia aos oxanás protegê-la, como um pai e uma mãe amorosos protegem os caminhos de uma filha querida. O resto seria com ela. Que bosta.

Agora a barriga doía menos. O coração estava menos acelerado. A respiração menos afoita.

Aynin não se sentia pronta, mas essa era sua escolha. Qualquer outra decisão seria difícil de suportar. Até mais difícil do que o medo que perturbava sua mente, tirava sua paz.

Ela se descolou da parede. Pegou sua mochila no chão e colocou nas costas. Ela e Oto continuaram sua caminhada até o local combinado.

Quando a noite caía, a cidade se transformava. A maioria das pessoas não percebia isso. Apenas burladores, como a própria Aynin, seu pai, sua avó, Oto.

Aynin andava apressada. Realmente os clientes ficavam nervosos com atrasos.

Oto forçava o passo. Aynin tinha de acompanhar o ritmo dele. Afinal, era a mecânica, a encarregada daquele serviço.

Ela andava e a pequena mochila balançava o mínimo nas costas, carregando seu notebook, um HD externo, cabos e outros utensílios.

Levava nos bolsos da calça o celular e um vidrinho, parecendo de perfume, com um líquido transparente.

Cinco noites antes, andava por aquelas mesmas ruas, na companhia do pai. Ela se sentia mais segura, mais dona de si, até um pouco arrogante.

Agora era o oposto.

Muitas vezes, ela passava pelas ruas, pelas pessoas e via o que outros, bem ao lado, sequer imaginavam existir. Não se cansava de pensar como reagiriam se visse o mesmo que ela. Sempre vinha à cabeça as piores consequências.

Quando saía, mesmo sem o pai, alguns noturnos que encontrava pelo caminho sentiam sua presença. Reconheciam seu rosto, a filha de Ezial, o Feiticeiro. Esta alcunha se devia mais à habilidade do pai como mecânico do que qualquer outra coisa. Ele tinha o dom de burlar qualquer *trava* inventada pelo Império. Programador de dia, Feiticeiro à noite.

Na verdade, civis também conseguiam ver os noturnos, mas apenas os metamorfos, quando na forma humana, ou aqueles com poderes hipnóticos, que podiam enganar qualquer um, fazendo-o acreditar que o ser à sua frente, por mais bizarro que fosse, não passava de alguém com um hálito terrível. Então estes noturnos se misturavam aos notívagos, curtindo festas e boates na madrugada ou ganhando a vida enquanto muitos dormiam. Os mais impacientes ou incontroláveis partiam direto para o crime, para o roubo, cometiam até assassinatos. Muitos noturnos adoravam o gosto da carne humana. Ainda mais numa cidade como Salvador, sem vacas, cavalos ou animais selvagens. Grande parte dos noturnos vivia nas sombras o tempo todo, presos a suas formas originais e *travados*, ou seja, monitorados 24 horas pela direção do Presídio. Sem poder usar seus poderes, sobrevivendo miseravelmente. Quando a fome se tornava crítica, devoravam uns aos outros. Ser *destravado* por um burlador significava uma vida melhor no exílio.

Aynin começou a sentir calor, devido ao esforço do passo acelerado.

Uma garota negra andando tarde da noite, no Comércio, não era algo incomum. Havia garotas negras moradoras de rua que se viravam como podiam,

inclusive fazendo coisas bastante terríveis. Assim como havia garotas negras no meio de galeras que saíam para farrear e cometer algum vandalismo pela madrugada.

Os passos ágeis e duros de Aynin podiam revelar, para um observador mais atento, seu nervosismo.

Um ou outro carro passava. Um ou outro ônibus. Uma ou outra moto.

Aynin estava de costas para o trânsito. O que transformava cada veículo em motivo de expectativa ao passar por ela, a toda velocidade.

Mas não estava nervosa pelo o que podia lhe acontecer na rua. Tinha vantagens que outros sequer sonhavam. E qualquer um que fosse mexer com ela seria bom estar muito bem preparado.

Não era isso o que temia. E sim o que ia encontrar no fim do caminho.

Não demorou muito, ela viu, depois de uma curva, ao longe, a fachada em ruínas de um sobrado. Não percebeu nenhuma luz acesa.

“É ali”, disse Oto, meio sem fôlego.

“Estamos quase lá. Melhor diminuir o ritmo. Chegar cansados pode ser perigoso.”

Oto continuou apertando o passo, como se não desse a mínima. Então fungou e desacelerou, seguindo por Aynin.

Além de querer recuperar as forças, ela queria também pensar na melhor maneira de executar o serviço. Uma questão crucial era saber até que ponto podia confiar em Oto como seu olheiro. Ela sabia muito bem que ele estava revoltado. Aquela também era a iniciação do cara. E ele seria um olheiro, não um mecânico. Nem a família e muito menos o próprio Oto aceitaram a decisão dos Velhos com facilidade. Mesmo ficando acertado que, no próximo serviço, as funções seriam trocadas. Aynin e Oto não eram amigos nem inimigos.

Sempre que acompanhava o pai, Aynin servia como olheira dele.

Enquanto ele executava o serviço, ela observava tudo em volta. A sala de estar, o quarto de hotel ou o escritório onde estavam. E, claro, as reações do cliente, antes, durante e após a execução do serviço.

Geralmente, tudo dava certo. Mas, às vezes, tomavam alguns sustos. Ela nunca enfrentara qualquer perigo envolvendo os carcereiros. Seu pai, sim.

E quanto aos clientes? Eles sempre se comportaram na presença dela?

No ano anterior, Aynin acompanhara o pai num serviço com um novo cliente.

Sua avó sempre passava as mesmas poucas informações: nome, descrição física básica, local e horário do serviço.

Aynin sempre insistiu em saber como sua avó fazia, como ela *recebia* tais informações. E quem era a pessoa ou o que era o ser do *outro lado da linha*. Sua avó prometia que, quando o momento certo chegasse, a neta saberia de tudo.

O cliente, ou melhor, a cliente da vez se chamava Bahu. Sua pele era toda de um branco leitoso e coberta por ventosas, não tinha boca e os olhos pareciam de abelha. Estaria num quarto de hotel barato, ironicamente chamado Esplendor, no bairro da Liberdade, às dez da noite.

Era uma noite agradável, fresca, de céu limpo e lua cheia.

Aynin pensou que ela devia estar fazendo outra coisa, relaxando.

Não era tão tarde, mesmo para uma quarta-feira. Por isso, havia gente circulando na rua. Um trânsito levemente barulhento.

Pai e filha destoavam do cenário. Vestiam camisas de bandas de rock, calças jeans e botas de acampar, além das mochilas nas costas. A maioria ao redor usava roupas leves e chinelos de borracha.

Aynin sentia a presença de noturnos. Chegou a ver um ou dois, escondidos nas sombras.

Quando se deparavam com burladores pelas ruas, noturnos geralmente ficavam excitados, inquietos. O que era um perigo a mais a cada serviço.

Chegaram à porta do hotel.

Foram à recepção minúscula.

“Eu quero um quarto”, disse Ezial.

O cara da recepção olhou para ele, depois para Aynin. Ambos estavam com olhares de poucos ami-

gos.

Ela sabia o que o sujeito estava pensando. Já vira aquela expressão antes, em outros serviços, em outros hotéis baratos. Ele os via como um casal proibido.

“Pagamento adiantado, em dinheiro. Saída às oito da manhã. Sem café.”

Ezial passou a quantia.

O cara da recepção entregou a chave do quarto vinte e um.

Pai e filha subiram as escadas até o segundo andar.

Aynin não achou nada de estranho no ambiente. Paredes descascadas, mofo, portas de madeira frágeis.

Dava para ouvir o barulho de um ou outro quarto: televisão, conversas altas, gritos de sexo. Não tinha ninguém no corredor.

Aynin sabia que a cliente, o noturno, estaria por ali, apenas esperando o momento certo de aparecer.

Ezial parou em frente ao quarto vinte e um. Aynin em seguida.

“Fique atenta”, ele disse.

Ela balançou a cabeça.

Então ouviu um zumbido contínuo e irritante atrás de si.

Ela e o pai viraram a cabeça ao mesmo tempo.

Colada à parede, a cliente os encarava com seus enormes olhos de abelha.

Apesar da pouca idade, Aynin já tinha visto muita coisa bizarra. Mas ela ficou surpresa. Sempre havia algo novo para conhecer relacionado aos noturnos. Ela nunca tinha visto um como aquele.

A descrição de sua avó despertou a imaginação de Aynin. Mas ela era sempre surpreendida pela realidade.

O que mais chamou sua atenção foi o brilho da pele leitosa, como se estivesse envernizada. E também a posição de certas ventosas. Algumas estavam posicionadas em círculos, uma do lado da outra, no lugar dos *seios*, e da *vagina*.

O corpo era um tanto musculoso.

Mas o formato da cabeça, para Aynin, delicado, feminino, deixava a certeza de que se tratava de uma mulher.

Não havia boca, nariz ou orelhas.

E o que era aquele cheiro, parecendo de álcool?

O zumbido cessou, para alívio de pai e filha.

Ezial abriu a porta do quarto. Acendeu a luz.

Aynin o seguiu.

Cada um foi para um extremo do quarto minúsculo.

Trocaram olhares. Uma comunicação de família. Estavam prontos para executar o serviço e também se proteger.

Estava quente.

A cliente entrou.

Ficou entre eles.

Aynin vislumbrou o que interessava, nas costas da cliente.

“Posso ver, senhora?”, perguntou Ezial, sem perder tempo.

A cliente ficou de costas para ele, encarando Aynin, do outro lado do quarto. O cheiro de *álcool*, mais próximo, irritava o nariz da burladora.

Aynin sentia um misto de fascínio e nojo por aquela criatura.

Todas as vezes que acompanhava o pai num serviço, perguntava a si mesmo, por que nenhum noturno era agradável de se ver, em sua totalidade, de maneira inconfundível. Porém ela achava perturbador como podia achar beleza em seres tão asquerosos.

“Aynin, ligue o ventilador, feche a porta e venha até aqui”, disse Ezial.

O ventilador, meio enferrujado, estava acima de Aynin, preso na parede por um suporte. Ela o ligou. Suas paletas passaram a girar sem tanta vontade, sem tanto barulho. O vento aliviou a quentura. Perto da cama de casal, havia uma janela fechada por uma cortina sebenta. Era melhor não abri-la.

Depois Aynin trancou a porta escancarada às pressas. E foi até o pai.

Ela mal o encarou. Sua atenção logo se voltou para as costas da cliente.

“Olhe só pra isso, que beleza”, disse Ezial.

Aynin se surpreendeu com o que viu. Era um novo modelo de *trava*, presa às costas da cliente.

Parecia uma enorme aranha de metal escuro bem no meio da espinha, com várias perninhas cravadas fundo na carne leitosa.

A novidade estava no corpo da *aranha*. Os buraquinhos das fechaduras tinham formatos diferentes. Aynin nunca vira nada parecido.

Ezial achava fascinante cada modificação, cada aprimoramento, que os mecânicos do Império faziam nas travas.

A maioria dos burladores achava que, quanto mais fácil fosse *enganar* as travas, mais rápido e menos arriscado seria o serviço.

Ezial, não. Preferia o tempo gasto a mais em qualquer desafio.

Outros burladores o consideravam meio louco, apesar do enorme respeito.

Aynin o adorava. Mas tinha que concordar com os outros. Claro, nunca revelara isso ao pai.

“Vamos começar”, disse Ezial para a filha, quase sussurrando.

Aynin deu dois passos para trás. Abriu espaço para que o pai desse a volta e ficasse de cara com a cliente.

Ezial mostrava uma segurança que tranquilizava Aynin.

Ele explicou à cliente com poucas palavras o que seria feito. Assim que parou de falar, a cliente levantou o braço e abriu a mão. Lá estava o pagamento pelo serviço: uma moeda de ouro.

Aynin não tinha reparado se a mão da cliente estava fechada todo o tempo, escondendo a moeda.

Ezial a recebeu. Tirou do bolso da calça um vidrinho, parecendo de perfume, com um líquido transparente. Borrifou o líquido na moeda. Nada aconteceu. Se a moeda tivesse ficado cheia de gotas azuis significava que era falsa, apenas banhada a ouro ou nem isso. Ele colocou a moeda e o vidrinho no bolso.

“Por favor, senhora, sente na ponta da cama.”

Ele voltou para perto de Aynin, enquanto a cliente o atendeu.

Certos noturnos não falavam nenhuma língua humana. Sua estrutura corporal não permitia. Falavam cordas vocais e coisas do tipo. Mesmo assim, aprendiam vários idiomas, português, inglês, espanhol, italiano, árabe, ao redor do mundo. Pela observação, era bem provável.

Estes clientes não conseguiam falar, mas podiam entender muita coisa.

Por isso, Ezial sempre pedia cautela a Aynin na comunicação entre pai e filha, durante qualquer serviço.

Se aquela cliente conseguia falar, não demonstrava. Para começo de conversa, ela nem possuía boca.

Ezial olhou firme para Aynin. Ela entendeu perfeitamente aquele sinal. Precisava ficar mais atenta agora. Precisava fazer o seu trabalho de olheira.

Ezial se aproximou da cliente. Tirou a mochila das costas.

Aynin fez o mesmo.

Ele ficou de joelhos e colocou a mochila no chão.

Aynin permaneceu de pé, segurando a sua.

“Por favor, senhora, vire o corpo para mim”, ele disse.

A cliente se virou, ficando em diagonal em relação à cama. Agora a trava estava bem na frente de Ezial, na melhor posição possível para trabalhar.

Ele abriu sua mochila e tirou de lá um notebook, um HD externo e alguns cabos.

Abriu o notebook e o ligou. Conectou um cabo ao HD externo, e outros quatro cabos a fechaduras da trava. Na ponta de cada cabo ligado às fechaduras, havia as chamadas chaves-verdes. Não eram pintadas dessa cor. Era um termo usado entre os burladores. Significava: chave virgem, sem formato ainda definido.

Depois tirou da mochila um par de aguilés, fios de contas coloridas. Enfiou cada aguilé envolta dos dedos. O que sobrou ele amarrou nos pulsos e prendeu por baixo das últimas contas.

O notebook estava pronto para operar.

Ezial também tirou da mochila um gorro de pano branco, o obó, decorado com símbolos bordados com linha de cores diferentes: serpente de verde, sol de laranja, búfalo de preto, águas de azul, elefante de lilás, árvore de marrom, onça de amarelo e fogo de vermelho.

O obó tinha uma faixa de pano na frente, coberta por tirinhas metálicas, que balançavam, fazendo um barulho mínimo.

Aynin assistia a tudo, imóvel.

Ezial colocou o obó na cabeça, as tirinhas metálicas cobrindo os olhos.

Ainda de pé, Aynin abriu sua mochila, tirando de lá um bastão de madeira curto, entalhado com figuras de sapos, águias, flechas e arcos, o ibirê.

Depois se agachou e colocou a mochila no chão.

O ibirê se mexeu.

A cliente de costas ficou meio agitada, zumbiu alto, o cheiro de *álcool* ficou mais forte.

“Calma, senhora”, disse Ezial.

Ele tocou em sua pele leitosa. Ela se acalmou. O zumbido continuou, quase inaudível. O cheiro ficou mais brando.

Aynin sentiu um aperto no estômago.

Ezial levantou os braços, à altura do peito, as palmas para cima.

Baixou a cabeça coberta.

Então começou a dizer:

“Meu Dam, minha Otoá, meu Egu, esse humilde filho suplica, me mostrem os caminhos da iluminação, a passagem entre os dois mundos, a porta do entendimento, atendam o pedido desse filho que gosta tanto de agradá-los.”

Aynin assistia a tudo, atenta ao pai.

Ezial ficou imóvel feito uma estátua. Nem as tirinhas metálicas balançavam.

De repente, o corpo dele tremeu, como se tivesse tomado um choque elétrico.

Por mais que o ritual se repetisse, Aynin se assustava todas as vezes.

O ibirê se mexia de forma mais intensa.

Aynin engoliu em seco. A vida de seu pai e dela própria estavam em suas mãos.

Ezial começou a digitar. A tela azul foi se enchendo de sequências de números, palavras, códigos, janelas foram abertas.

O nervosismo de Aynin a deixava atenta. Sabia que tinha de ficar ligada em tudo ao redor. Nos barulhos do corredor. Nos barulhos lá fora, na noite. Se alguém estava próximo da porta ou não. Se a janela continuava bem fechada.

Ela se movimentava o mínimo, apenas alguns passos para frente, para trás. Atravessou o quarto uma única vez.

Além disso, também precisava ficar de olho na cliente.

Em meio às teclas batendo do notebook e o zumbido da cliente, Aynin passou a ouvir cliques ágeis vindos da trava. Eram as chaves-verdes se movimentando dentro das fechaduras, procurando a posição certa para abri-las.

O trabalho de um burlador consistia em enganar o sistema da trava. Ao final do serviço, todas as fechaduras continuariam perfeitas. Mas o noturno poderia abrir determinada fechadura com a chave-verde transformada em chave-azul. Este era outro termo usado por burladores. Desta vez significando: o sonho de consumo de qualquer noturno.

A cada fechadura aberta, o noturno reconquistava uma parcela de seus poderes. Não era recomendado abrir todas as fechaduras. Isso levantaria suspeitas perigosas. Em inspeções regulares ou em batidas dos carcereiros, o noturno trancaria novamente as fechaduras com sua chave-azul e a esconderia.

Era um negócio arriscado. Quem fosse pego em flagrante, sofreria punições inimagináveis para um civil, e até mesmo difíceis de acreditar para um burlador.

Num movimento rápido e tenso, Aynin tirou o celular do bolso da calça e verificou as horas.

Em média um burlador levava de vinte a trinta minutos para executar um serviço.

Quando Ezial se empojava com um desafio, po-

dia gastar o dobro desse tempo.

Aynin conferiu as horas mais três vezes. Nesse período, bebeu água de uma garrafinha plástica e comeu uma barra de cereal.

Então ela ouviu uma sequência de cliques nervosos e depois o silêncio. O serviço estava feito.

Aynin sentiu certo alívio.

Mas, não demorou nada, veio o pesadelo.

O ibirê na mão de Aynin se mexeu alucinadamente.

O cheiro de *álcool* chegou ao nível mais insuportável.

O zumbido da cliente ficou alto demais.

A cliente se levantou da cama com tudo, arrastando os cabos presos à trava, o notebook e o HD externo.

Ezial, ainda fora de sintonia, de joelhos, se desequilibrou e bateu o corpo contra a parede.

Aynin ficou paralisada.

Ezial estava confuso, como se estivesse bêbado.

O cheiro de *álcool* atacou as narinas de Aynin. Ela espirrou forte. Passou a mão no rosto. Quis se recuperar logo. Não podia perder a cliente de vista.

A cliente continuava de costas.

O notebook se despreendeu dos cabos, desabando no chão junto com o HD externo.

Aynin deu um grito, assustada com o impacto.

A cliente se virou devagar para Aynin.

Então uma longa linha se *desenhou* na parte inferior do rosto da cliente. Não demorou para surgir uma boca cheia de dentes tortos, amarelos e afiados.

A cliente avançou em direção a Aynin, soltando um grito assustador, a boca escancarada.

Aynin estava ao lado do pai, ao mesmo tempo, tão perto e tão longe.

Ela deu um passo aflito, se inclinou, tocou a cabeça do pai com o ibirê incontrolável e fechou os olhos.

Ezial *despertou*, uma verdadeira dose de adrenalina.

Ainda sentado, ergueu o tórax, a cabeça, coberta pelo obó, os olhos, pelas tirinhas metálicas. Já consciente de tudo, do perigo, da ameaça.

“Dô bai u!”, ele gritou.

Uma sequência de cliques metálicos foi ouvida.

A cliente parou de avançar.

Passou a gritar de outra maneira, por causa da dor que sentia nas costas.

Começou a se contorcer, a girar sobre o próprio corpo. As mãos voltadas para trás, em agonia, misturando-se aos cabos presos à trava.

A gritaria da cliente fez Aynin abrir logo os olhos.

Ezial tirou o obó da cabeça e piscou para recuperar a visão.

O coração de Aynin estava acelerado.

Ela temia que a cliente viesse com tudo para cima deles, mesmo sofrendo tanta dor, pela anulação do destravamento. Dor que demoraria algumas horas para passar.

Mas a cliente acabou indo para o lado contrário. Chocou-se contra a parede próxima à janela.

Ezial colocou o obó em cima da cama e forçou sua recuperação. Precisava ficar de pé.

A cliente ficou menos agitada, lutando contra a parede, como se descontasse todo seu sofrimento nela, provocando rachaduras.

Ezial tomou o ibirê da mão de Aynin, no susto. Ela olhou para ele. Não sabia exatamente o que sentir naquele momento.

Na mão adulta de Ezial, o ibirê se mostrou menos selvagem.

O pai continuou calado, mas Aynin sabia muito bem o que se passava em sua cabeça. Eles precisavam ir embora. Antes que os carcereiros aparecessem.

Aynin sabia que não podiam ir embora sem o notebook e o HD externo. Eram equipamentos caros. Além do mais eram objetos que qualquer carcereiro adoraria por a mão.

“Fique aqui. Vou até lá”, disse Ezial.

Aynin foi mais uma vez surpreendida pelo pai. A segurança na voz dele lhe dava mais apreensão

do que tranquilidade. Era o lado louco dele falando mais alto.

Então ambos foram surpreendidos pela movimentação da cliente. Ela se afastou da parede, correu para a cama, usando-a como trampolim e se jogou pela janela, levando junto quase toda a cortina, pedaços de madeira e vidro.

Aynin não acreditou no que acabara de ver. Mas ela não queria perder tempo pensando no assunto.

Com certeza, o pai achava o mesmo.

Ele pediu que se apressasse.

Pai e filha juntaram todas as suas coisas, fecharam as mochilas e as colocaram nas costas.

Ezial destrancou a porta sem muita cautela.

No corredor, algumas pessoas olharam para os dois, de suas portas, assustados.

Aynin e Ezial saíram do hotel, de cabeça baixa.

Ela nunca entendeu porque a cliente agiu daquela maneira, se tudo estava correndo bem. Sua avó chegou a explicar-lhe que, para muitos noturnos, a natureza deles era mais forte do que qualquer racionalização, seja para os burladores, seja para os próprios noturnos.

Aynin estava na porta do sobrado decaído, pensando naquela noite em que as coisas deram errado.

“Vai ficar parada aí?”, perguntou Oto, tomando à frente.

Aynin o acompanhou sem dizer nada.

A rua estava num silêncio angustiante.

Aynin teve de se recuperar rápido. Afinal, ela era a mecânica daquele serviço. Oto era seu olheiro. Ela era quem devia estar no comando.

“Apressadinho! Você sabe que tem de ficar atrás de mim.”

Oto continuou andando, como se não tivesse ouvido. Até que parou. Ele não virou para trás nem disse nada.

Aynin passou por ele, um mero obstáculo.

Ela ficou apreensiva pelo comportamento dos dois. Muito em breve, colocaria sua vida nas mãos daquele garoto.

Uma moto passou rasgando na rua.

Os dois se viraram para o lado ao mesmo tempo, acompanhando a moto ir embora.

Depois um olhou para o outro.

O rosto de Oto não mostrava atrevimento, e sim tensão.

Aynin se voltou para a porta do sobrado.

A madeira podre, as paredes destruídas e as janelas arrebitadas deixavam Aynin mais ansiosa.

E que fedor de urina.

Aynin não estava gostando nada que sua prova de fogo estivesse acontecendo em circunstâncias tão exigentes. Ela nem lembrava da última vez que estivera com o pai a um passo de entrar num lugar tão suspeito.

Ela tirou a mochila das costas. Abriu-a, puxando de dentro seu ibirê.

Oto fez o mesmo.

Colocaram as mochilas de volta.

“Fique atento”, ela disse.

Aynin segurou a maçaneta fria. O ibirê quieto na outra mão.

Seu coração acelerou. Seu estômago revirou. Mas ela precisava manter a concentração.

A porta estava aberta.

Seria assim tão fácil entrar?

Este era seu medo.

Ela abriu a porta, cautelosa. A madeira velha estalou. Dentro da casa havia uma iluminação amarela, fraca, levando para um corredor.

Aynin quis se virar para ver como Oto estava. Mas achou melhor não desviar sua atenção.

Ouviu Oto fechar a porta.

Estava louca para fugir. Mas não poderia voltar. Todos os burladores ficariam sabendo de seu recuo. O fracasso era aceitável. A covardia, não. Seu mundo acabaria ali se ela não continuasse.

Olhou para um lado, para o outro. A respiração forte.

Não sabia o que procurar exatamente.

Queria ver o estado de Oto. Virou-se. Ele também estava inseguro.

Aynin se sentiu enclausurada. O corredor era comprido. Nas laterais, havia vãos sombrios onde deveriam ter portas.

Ela apenas ouvia o som dos passos de cada um.

De repente, o fedor de urina se misturou a outro, de cigarro.

O ibirê se mexeu.

“Você quer continuar, tem certeza?”, perguntou Oto, hesitante, para a nuca de Aynin.

Não. Ela não tinha certeza. Mas a resposta saiu de vez, sem virar-se:

“Eu só quero encontrar a desgraça do cliente.”

Oto não disse mais nada.

No fundo do corredor, havia um vão. Porém, diferente dos outros, este estava iluminado por uma luz amarela mais intensa.

Os dois avançavam bem pelo meio do corredor.

Aynin se sentia um pouco mais aliviada a cada vão sombrio que deixava para trás, de um lado e de outro.

Agora o ibirê não parava de mexer-se.

Aynin se aproximava do final do corredor, do cômodo iluminado. Mesmo ficando cada vez mais perto, mesmo com a melhor iluminação, a única coisa que conseguia perceber era uma parede ao fundo, cheia de rachaduras.

Ela se dividia entre ficar atenta ao que a cercava e pensar numa solução para o problema à frente. Revirava a memória, à procura de alguma situação semelhante que tivesse vivenciado ou ouvido falar, mas nenhuma experiência ou ideia surgia de como lidar com um serviço com cara de armadilha.

Ela chegou a pensar que estava deliberadamente indo em direção a algo muito ruim.

Quando tudo se revelasse, ela ia culpar a si mesma, a seu pai, sua avó?

Estava quase lá.

Mais alguns metros e ela entraria no cômodo iluminado.

Ela quis segurar o passo, mas no instante seguinte mudou de ideia.

Deu uma corridinha.

Entrou com tudo.

Ela ouviu os passos de Oto bem atrás dela.

Então ela freou o corpo.

Virou-se para todos os lados, aflita. Ficou meio zozona.

Seus olhos passaram duas vezes pelo rosto assustado de Oto, até se fixarem num canto do cômodo.

Uma figura estava sentada numa cadeira de madeira robusta, de pernas cruzadas, fumando um cigarro. A magreza extrema, a pele manchada e grossa, os olhos escuros cingidos de vermelho. Mas nada impressionou mais do que os quatro braços. Dois mais longos, na parte superior do tronco, e dois mais curtos, na parte inferior.

A fleuma da figura deixava Aynin ainda mais nervosa.

“Acalma-se, burladora”, disse uma voz suave, sussurrante.

A reação de Aynin àquelas palavras foi olhar para o lado, ver como Oto estava.

Então ela entendeu. As palavras foram direcionadas a ela. Oto estava praticamente imóvel desde o momento que os dois entraram no cômodo.

Era ela quem estava agitada, quem precisava se acalmar.

O outro se borrava de medo, e ela era chamada a atenção, pensou, revoltada.

Aynin respirou fundo e tentou se recompor.

“Senhor Azohá, imagino”, disse ela, numa voz mais segura.

“E você é a jovem Aynin Candé. Neta de Zumira Candé, filha de Ezial Candé, o Feiticeiro.”

Agora aquele noturno assustou Aynin de verdade. Ela nunca tinha ouvido nenhum deles pronunciar o sobrenome de sua família.

“Confesso que não fiquei feliz quando soube que o burlador enviado para me libertar seria você, uma iniciante. Mas conseguiram me acalmar. De fato, você não é uma iniciante qualquer.”

Enquanto o cliente tragava seu cigarro, Aynin se controlava para não explodir. O medo deu lugar à fúria.

O cliente expeliu a fumaça.

Um braço mais longo segurava o cigarro. Os braços mais curtos seguravam as coxas finas.

“Podemos começar?”, ele perguntou.

Apagou o cigarro na própria perna cruzada. Depois deu um peteleco na bituca e levantou-se.

Aynin ficou apreensiva.

O ibirê continuava a mexer-se.

O cliente começou a se aproximar. Ficou mais visível na luz amarela.

Aynin sabia muito bem que o cliente estava nu, que provavelmente seu pênis estava à mostra.

Ele encarava Aynin, que devolvia o olhar com a mesma firmeza.

Ela percebeu que as pupilas escuras, em meio ao vermelho, aumentavam e diminuía com facilidade.

Ela não gostava daquele noturno. Isso era tão bom para combater seu medo.

Ela se virou para o lado.

Oto estava imóvel, tenso, o ibirê bem firme na mão.

Ele a encarou.

O olhar duro de Aynin foi um sinal. Oto entendeu. Era sua obrigação protegê-la durante o serviço. Ele precisava segurar as pontas.

Aynin voltou sua atenção para o cliente, agora tão perto. Ele não exalava nenhum cheiro.

Todos estavam no centro da sala, bem embaixo da potente lâmpada amarela.

O cliente não perdeu tempo. Esticou um braço mais curto, abriu a mão. Lá estava a moeda de ouro.

Aynin a recebeu.

Passou seu ibirê para Oto.

Ela tirou do bolso da calça o vidrinho com o líquido transparente.

Borrifou na moeda. Nada de gotas azuis. Guardou a moeda e o vidrinho no mesmo bolso.

Enquanto tirava a mochila das costas, o cliente deitou-se no chão emporcalhado, de bruços. Os quatro braços ficaram espalhados no piso.

“Tem certeza, senhor Azohá?”, Aynin perguntou, sem muita convicção.

“É o melhor que eu e você vamos conseguir, acredite.”

Na verdade, Aynin não deu muita atenção à resposta. Já estava concentrada na *aranha* presa nas costas dele.

Ela se sentiu um pouco aliviada por perceber que era um modelo conhecido. Algo aprimorado, mas que já tinha visto o pai manipular direitinho, alguns meses antes. Em simulações, ela também tivera êxito.

Agora era para valer.

Pediu a Oto seu ibirê de volta.

Agachou-se, guardou o ibirê na mochila e tirou de lá seu notebook, o HD externo e alguns cabos. Conectou os cabos em fechaduras da *aranha* e no HD externo. Ligou o notebook.

Em seguida pegou os aguilés. Envolveu os fios de contas entre os dedos, prendendo o que sobrou nos pulsos. Quando o notebook estava pronto para operar, foi a vez do obó. Colocou-o na cabeça, cobrindo os olhos com as tirinhas metálicas sobre a faixa de pano.

Ajoelhou-se bem ao lado do cliente, à espera.

Sua voz de menina ganhou firmeza:

“Minha Otoá, meu Egu, minha Achante, essa humilde filha suplica, me mostrem os caminhos da iluminação, a passagem entre os dois mundos, a porta do entendimento, atendam o pedido dessa filha que nunca os decepcionou.”

Aynin começou a ouvir sussurros, que se tornaram gritos ferozes num instante.

Seu corpo balançou, foi jogado para trás, braços

abertos, cabeça ereta, tudo apoiado pelos joelhos.

As vozes se acalmaram. Aynin relaxou o corpo.

Quando ela abriu os olhos e levantou a cabeça, percebeu que estava em outro lugar. Estava de pé, mesmo que não houvesse chão ou qualquer superfície sob os pés. Havia ao redor um céu escuro, repleto de estrelas, infinito. Aynin não estava voando. Sua liberdade de movimentos era limitada. Nada daquilo era novidade. Mas, todas as vezes, sentia um misto de medo e fascínio. Os únicos sons que ouvia eram as vozes dos oxanás, o que diziam agora era tão claro. Os oxanás passaram a orientá-la, ora com palavras de carinho, tranquilizadoras, ora com palavras ríspidas, arrogantes. A função de Aynin era usar suas habilidades de burladora para encontrar as brechas no sistema da trava, para enganá-lo, inserindo um novo modelo de fechadura e, conseqüentemente, de chave. A função dos oxanás era encontrar as melhores possibilidades de brechas. Então Aynin poderia trabalhar, o que ainda assim seria desafiador. Os oxanás davam zooms em quadrantes do espaço e Aynin tocava nas estrelas, como se fossem as teclas de seu notebook. Números, palavras, códigos não paravam de surgir, em sequência. Os modelos de travas variavam de acordo com o tipo físico e os poderes de cada noturno. Aynin estava ficando nervosa. As coisas estavam meio complicadas, difíceis de decifrar. Simular as ações de um mecânico num ambiente controlado ajudava a se concentrar apenas no serviço em si, em burlar o sistema da trava. Mas um serviço em campo significava se preocupar com outras variáveis. O que estava acontecendo lá fora, naquele cômodo do sobrado? O que ainda poderia acontecer? A incerteza de cada instante em seu futuro comprometia o foco. Fora as vozes dos oxanás, que se transformavam num turbilhão incompreensível, exaltado, quando ela insistia em algum erro, tentando incentivá-la à força, justo no momento que precisaria de conforto. Mas ela não podia ceder, ter pena de si mesma. A insegurança tinha que ser vencida. Conhecimento, criatividade, sangue frio eram as armas de qualquer mecânico digno desse nome, Aynin não parava de repetir. Enquanto ali estivesse, não sentiria sede, fome, calor, frio ou outras dores físicas, o que era um enorme incentivo para ligar o botão de *foda-se*, respirar fundo e terminar o serviço. Cercada por aquele céu escuro e estrelado, ela perdia a noção do tempo.

Não tinha certeza de quantos minutos já se passaram. Caso algum perigo externo surgisse, era obrigação do olheiro interrompê-la para que pudessem fugir. Mas Aynin não queria ir embora. Com esforço, já começando a sentir a mente pesada, sendo dores de cabeça as únicas que poderiam atingi-la, ela virou o jogo, tornou a situação favorável, num crescente, até que a primeira brecha no sistema se abriu, convidando-a a entrar como uma amiga esperada. A brecha aceitou de bom grado a fechadura que a burladora lhe entregou, os novos códigos, a nova senha. Aynin sorriu. Os oxanás gargalharam e gritaram. Contudo, ela sabia que não podia comemorar ainda. Dirigiu-se, com a ajuda dos oxanás, para o próximo quadrante do espaço infinito. Repetiu a invasão mais uma vez. Agora ela sabia exatamente o que fazer. No quadrante seguinte, foi a mesma coisa. E no quadrante final, idem. O serviço estava terminado. Ela não conseguia acreditar. Os oxanás gritaram ainda mais, até trovões foram ouvidos. De repente, Aynin, exausta, endureceu o rosto. Ela precisava voltar ao seu mundo. Pensou em como o pai e a avó reagiriam quando contasse. E ela precisava retribuir os oxanás com oferendas muito especiais. Mas, primeiro, ela tinha de sair daquele sobrado, viva. “Obrigada, meus pais e minhas mães”, disse aos oxanás. As vozes foram se abrandando até desaparecerem.

Aynin, ainda ajoelhada, tirou o obó da cabeça. Piscou algumas vezes.

Quando recuperou totalmente a visão, olhou para cima. Oto a encarava, apreensivo, o ibirê na mão, mexendo quase nada.

Ela entendeu a reação dele.

Tinha vencido uma batalha. O serviço estava feito. Mas outra estaria por vir? Aquele noturno se daria por satisfeito e seguiria seu caminho, enquanto ela e Oto seguiriam o deles?

Agiu o mais rápido possível. Guardou o obó e os agulés na mochila. Tirou de lá seu ibirê e o pôs no chão. Desconectou os cabos presos à *aranha*. Agora todas as chaves tinham o mesmo formato. Desconectou uma delas do cabo e guardou no bolso da calça.

Desligou o notebook e enfiou todo o equipamento na mochila. Ainda agachada, colocou a mochila nas costas. Levantou-se, segurando seu ibirê.

O cliente também queria se levantar. Os braços mais longos bem abertos. Os braços mais curtos rentes ao corpo. Fizeram força, mas tudo foi lento. As pernas também ajudaram. Até que ele ficou de pé, não totalmente firme.

Preocupou-se logo em tirar de si a sujeira do contato com o piso, as quatro mãos trabalhando juntas.

“Obrigado, menina Candé. Seu pai ficaria orgulhoso. Me sinto outra *pessoa*”, o noturno disse e sorriu. “Me sinto tão bem, dolorido, mas bem, mais como meu velho eu.”

Este era o medo de Aynin.

Ela e o noturno ficaram se encarando por algum tempo, tempo demais na opinião dela. As pupilas escuras dele aumentavam e diminuam. O ibirê se mexia, tímido, o que lhe dava alguma segurança.

“Agora preciso ir. A chave, por favor”, o noturno disse.

Ela entregou a chave-azul.

Depois se virou para Oto. Ele estava mais calmo, mas não menos desconfiado. O olhar dela deixava claro que a noite ainda não terminara.

“Se importa se a gente ir primeiro?”, ela perguntou, encarando o noturno.

Ele sorriu.

“Nem um pouco.”

Aynin não percebeu qualquer malícia naquelas palavras, o que a fez se sentir estranha.

Ela passou por Oto.

Ele a seguiu.

Ela ainda estava tensa. Queria se virar para trás, dar uma última olhada no noturno, ver como estava seu semblante. Estava indecisa. Isso a deixou furiosa consigo mesma. Esperava que Oto tivesse olhado para trás. Torcia muito por isso.

Então, ela parou, do nada, a dois passos de atravessar o vão que levava ao corredor. Teve uma ideia.

Ela ouviu Oto parar também.

“Aynin?” ele perguntou, nervoso.

Ela deu meia volta.

Ao passar por Oto, captou rapidamente o rosto do seu olheiro. Sua expressão era clara: não estava entendendo a mudança de planos.

Aynin não deu muita importância à reação de Oto, mais interessada em ver como estava o noturno.

Ele continuava bem no meio da sala. Encarou-a com olhos interessados.

Ela se aproximou dele e parou.

“A porta é a única maneira de sair daqui?”

“Na verdade, não.”

“Eu e meu amigo podemos ir com você?”

O noturno deu uma gargalhada curta.

Aynin não gostou daquela reação.

“Agora você confia em mim, burladora?”

“Não diria isso.”

“Por que então?”

“Se não formos com você, eu cancelarei o serviço.”

A firmeza desapareceu do rosto fino do noturno.

“Você não teria motivos justificáveis. Eu segui todas as regras. Mais cedo ou mais tarde os outros burladores ficariam sabendo, o que seria péssimo para sua reputação. Aliás, reputação que você nem tem ainda.”

Ele estava certo. O que preocupou Aynin terrivelmente. Mas ela precisava blefar.

“Se existir qualquer coisa lá fora que me coloque em risco e ao meu amigo, você sabendo desse perigo ou não, eu posso fazer qualquer coisa para nos manter inteiros. Qualquer burlador entenderia isso.”

O noturno estava irritado, mas tentava se controlar.

“Ok... Eu mostro como sair daqui de outro jeito. Depois cada um segue seu caminho.”

“Combinado.”

Aynin começou a recuar de costas. Não queria perder o noturno de vista. Ele poderia atacá-la ou

fugir.

Ela recuou pouco. Apenas o suficiente para falar com Oto mais de perto.

“Oto!”, ela disse, quase um grito.

“Diga.”

Ela achou estranho a voz dele estar mais distante. Ela queria se virar e ver exatamente onde ele estava. Mas isso daria a oportunidade perfeita para o noturno agir.

“Onde você se meteu?”

“A rua está livre.”

“Como é?”

Agora ela queria realmente olhar para trás. A razão foi mais forte. Ela não podia tirar os olhos do noturno.

“Onde você está, seu imbecil?”

“Aqui na porta. Está tudo bem lá fora. Eu já olhei.”

“Não percebi que você se afastou de mim. Muito menos que abriu a merda da porta!”

“Esse é o meu trabalho, certo? Cuidar da segurança.”

Aynin encarou o noturno com uma fúria crescente.

“Você viu ele se afastar?”

“Sim.”

“E não disse nada?”

“Por que eu diria?”

“Oto, esqueça a porta. Vamos embora por outra saída.”

“Tá bom então.”

Pela primeira vez, naquela noite, Aynin experimentou um alívio genuíno, digno de esvaziar o peito. Ela encarava o noturno com uma expressão desafiadora. Nunca se sentiu tão confiante na vida.

E no momento seguinte, tudo veio abaixo.

O olhar do noturno mudou da resignação para o puro terror.

Aynin nunca tinha visto um noturno com tanto medo.

O noturno não estava mais olhando para ela. Olhava ao fundo, o corredor.

Aynin não se conteve, foi mais forte do que sua razão. Ela se virou para trás.

Oto tinha desaparecido. Mas como?

Ela voltou a encarar o noturno.

Ele estava paralisado.

O coração de Aynin acelerou. Seu estômago começou a doer.

Quase num choro ela perguntou ao noturno:

“Onde ele está, seu desgraçado?”

“A colmeia de olhos. O rosto do burlador. O silêncio”, ele respondeu, como se estivesse em transe.

Então Aynin entendeu que o noturno não era mais uma ameaça.

Ela se voltou para o corredor.

Estava do mesmo jeito de quando chegara àquele sobrado. Um labirinto decadente, banhado pela fraca luz amarela, dominado pelas sombras.

Aynin encarou o ibirê que segurava. O troço quase não se mexia. Era para estar pulando, selvagem, a ponto de ferir sua mão. Ela não conseguia entender.

Corpo e mente ficaram devastados, em tão pouco tempo. Mesmo assim, ela procurava na memória o que poderia ser usado quando um burlador se deparrava com carcereiros.

Ricardo Santos é um soteropolitano que curte ficção científica, fantasia e terror. Seus contos já foram premiados e publicados na internet e em antologias. Em 2015, lançou Um Jardim de Maravilhas e Pesadelos, seu primeiro romance. Atualmente, é um dos organizadores da antologia de contos Estranha Bahia (EX! Editora). Blog: ricardoescreve.wordpress.com

DE TRILHOS ENFERRUJADOS E CACHORROS MANCOS

Santiago Santos

O assobio de Rudnick é o que mais incomoda. Eu não ligo pras horas de rotina mais as trocentas extras. E sinceramente não ligo pra fumaça, pro fedor, pra canseira e pras bitucas de cigarro que sopram dos andaimos e trilhos lá em cima e não raro esbarram nos braços, na roupa, nos cabelos. O problema é que Rudnick só tem dois dentes, dois dentes deformados, e o som que faz soprando sobre a língua afasta os cachorros, maltrata os pássaros e faz qualquer um com a audição sensível de uma orelha biônica — em especial uma Acute 5.1 — sentir uma terrível dor de cabeça.

Mastigo o último Dorazil da cartela, pego a chave cromada, ando até o sujeito, quebro o dente da esquerda e abro uma fenda sanguinolenta no seu lábio superior. Não foi por falta de aviso. Levo uns sopapos na sequência e acabo na enfermaria chupando bolinhas de menta opiácea. Mas vejo isso pelo lado bom: de agora em diante, dor de cabeça só da manuaça.

Fumando um ciga do lado de fora da enfermaria, observo a construção tomando forma. Lembro de andar por aqui com papai, de visitar o aquário municipal e de comprar pintado e pacu no Mercado do Porto. Isso não passava de uma avenida elevada ao lado do rio e um monte de casas e lojas. Agora tá tudo tomado pelo esqueleto do que será o maior complexo ferroviário brasileiro. Meu ganha-pão.

Vejo o Rocha chegando, chutando uns pedregulhos, plaqueta debaixo do braço.

— Assina aqui — ele diz, mostrando um documento que confirma que meu acidente não foi relacionado ao trabalho. A companhia tem que se precaver. Faço a rubrica com a ponta do dedo na tela empoeirada. Ele encosta a bunda numa pilha de aço descartado, puxa o maço, acende um também.

— Confesso que o Rudnick dava nos nervos com aqueles dentinhos. Mas não era pra tanto.

— Tem nada pra supervisionar não, Rocha?

— Tô no break, caralho.

Fumamos em silêncio o resto dos cigarros, depois o Rocha sai amuado como quem tinha algo pra dizer mas não teve coragem. Ele vive assim desde que a gente foi pra cama. Ou talvez só percebi depois disso. É o tipo de pessoa que tá sempre com algo na ponta da língua e cria a expectativa de palavras que nunca se materializam. Vivo me penalizando por manter esse lance justo com o meu supervisor, mas o cara é carente e tem a perspicácia de aparecer nos meus momentos de dúvida. Que não são poucos.

Quando volto o Tubira tá deitado, fazendo uns remendos nos trilhos com a solda.

— E aí? Te liberaram já?

— Foram só uns murros, deu nada.

— Teu olho vai ficar roxo.

— Quando chegar em casa coloco um pouco de gel, amanhã tá zero.

— Vou terminar aqui enquanto cê pega a quenga. Acho que conseguimos fechar a 59 hoje.

— Também acho. Se o Rocha emendar nossas horas extras.

— Desde quando ele nega algo pra você, Lorena?

Acendo outro ciga, pensando que se eu não fumasse tanto até sobrava um dinheiro prum estica na Chapada dos Guimarães com a Mariana. No arsenal, pego uma das rebitadeiras e assino o termo de retirada sob os olhos preguiçosos da Roberta, que me diz que o Rudnick saiu puto da cara, direto pro hospital pra tomar uns pontos. Ela fala daquele jeito de quem acha desgraça alheia um refresco.

A quenga é pesada. Via de regra, só os brutamontes da construção conseguem manejar elas, ou então o pessoal com coluna reforçada ou implante robótico. No meu caso, o braço biônico dá conta. Ajeito a bunda no encaixe do bíceps e volto a tempo de ver o Tubira terminar de prender o macacão, uma roupa que deixa ele parecido com um canguru, o bolsão na barriga recheado de rebites.

É um trabalho monótono que consiste, na maior

parte do tempo, em ele alocar os rebites nos encaixes e eu deformar eles com a quenga pra afixá-los nos trilhos. São peças robustas mas delicadas, se isso faz sentido. Fazemos nosso serviço em sincronia com os trilheiros, que andam de um lado pro outro descarregando os trilhos dos caminhões, isso depois que os fundadores prenderam a linha guia bem fundo no solo e instalaram os dormentes. Trabalhamos na seção terrestre, o nível mais concorrido. Acima de nós, em alturas pré-definidas, rebitadores e afixadores se equilibram nos andaimes e nos pontos de apoio gravitacionais, receosos de cair pelas laterais, quando tudo o que fica entre eles e o chão são as nada confiáveis redes de apoio. Todo mundo com os devidos parafusos na cabeça quer trabalhar aqui embaixo, mas só os boomers mais rápidos e esforçados conseguem vagas. Eu e Tubira não somos assim de jogar fora.

Somando a movimentação onipresente aos gritos de comando, incentivo ou advertência, às risadas das piadas sem graça, aos assobios constantes, às músicas sofríveis das caixas de som, aos ruídos das máquinas de forja nos arredores do rio e ao choque dos trilhos descarregados, dá pra ter uma boa ideia da minha rotina de graxa, café puro, ciga e suor.

Quando terminamos já são 9 da noite, uma mar-telada ou um guincho ocasionais soando no ar seco de Cuiabá, pios dos passarinhos pousados nos andaimes mais altos, peidos e bocejos dos guardas noturnos. Nem sempre a amplitude auditiva da orelha biônica é útil, mas a essa altura do campeonato tô viciada em não perder os detalhes dos arredores e acostumada a filtrar o que não presta. Sinto a exaustão do braço orgânico e as pontadas na lombar depois de tanto tempo com esse peso nas mãos. Rocha tá sentado numa cadeirinha de praia, ouvindo a narração de um jogo de futebol rolando agora na Arena pelo fone de ouvido, iluminado de lado por um holofote. Ele costuma ser mais distraído mas hoje não desgruda os olhos de mim, nem quando fazem gol. Tubira percebe a secada e comenta que hoje tem. Ignoro.

Largo a quenga e jogo uma bolinha de menta opi-ácea na boca pra amansar os tremores que ficam nas mãos por uma meia hora. Tubira joga o macacão no carrinho.

— Tenho que pegar minha filha na Carmen ain-

da, Lorena. Cê finaliza aqui?

Ele acena pro Rocha, que bate nossos pontos na plaqueta e enfia a cadeirinha dobrada debaixo do braço. Ele empurra o carrinho pra mim, uma gentileza que nem sempre faz, e caminhamos até o arsenal. Penduro a quenga na parede, jogo o resto das coisas na caixa e assino o termo de devolução.

— Lorena, preciso te mostrar uma coisa.

— Cê me mostra amanhã, né? Tá tarde.

— Não dá. É sério.

— O que é, Rocha?

— Cê vai entender. É no lote G.

— No G? É onde a gente tava anteontem.

— Exatamente. Foi por isso que avancei pro H.

— Achei que era por causa dos trilhos superiores, pra minimizar o risco de acidente.

— Balela. Vamos lá, melhor você ver.

Fazemos o caminho mais curto, desviando de pilares e andaimes, e topamos com dois guardas. Um deles pergunta se tá tudo bem, Rocha diz que só vamos procurar um chaveiro que caiu do bolso dele.

O lote G é uma área bem próxima do rio, a luminosidade da lua pintando a superfície da água. Trabalhamos aqui até fechar a seção 22, então faltavam mais de cem metros pra chegar no ponto onde o Rocha me leva. Ele para diante de um trecho qualquer da linha guia, uma lepa numa barra de aço fincada no chão, serpenteando prum lado e pro outro pelos demais lotes. Agacha e apanha um pedregulho meio soterrado. Não é um pedregulho. Ele aperta o botão do projetor. A projeção some e o que era o trecho retilíneo do aço diante da gente se torna enferrujado, uma mancha alaranjada cobrindo tudo.

— Tá vendo?

— Claro que eu tô vendo. Mas esse aço é inoxidável. Ele não pode enferrujar. Não por centenas de anos, na pior das hipóteses.

— Exatamente.

Me ajoelho e toco ele. A ferrugem da superfície desgruda e esfarela no meu dedo. Percebo que o chão ao redor desse pedaço tem uma vegetação diferente, uma área circular cujo centro é o trilho, coisa de um

metro de diâmetro. A terra parece mais escura e a grama é mais alta. Na verdade, é possível ver a grama crescendo a olho nu, ainda que lentamente.

— Olha a tua mão — ele diz.

As unhas da mão que usei pra encostar no trilho tão enormes. Elas tavam no toco quando cheguei. Dou um pulo pra trás.

— Que porra é essa?

— Tá vendo aquela manchinha marrom ali na terra? Bem perto do trilho?

— Tô.

— É uma moeda. Era. Deixei ali tem meia hora. Aquilo é o que sobrou dela.

— O que cê quer dizer?

— Que por algum motivo qualquer coisa dentro desse círculo envelhece muito mais rápido.

— Como assim?

— Cê acha que eu faço a mínima ideia? Foi por isso que eu te chamei.

— E o que eu entendo disso? Já falou pro Alvarez?

— Não.

— Como assim, não? Ele tem que saber, isso pode comprometer toda a obra.

— Eu sei que pode comprometer toda a obra. Por que diabos cê acha que eu te chamei pra mostrar isso e tô com o cu na mão, Lorena? Eu não posso contar pra ele, seria a gota d'água.

— Rocha, não é culpa sua. Seja lá o que for, não tem como sujar pro teu lado. É como te culpar pelo rio Cuiabá tá onde tá e não do outro lado da cidade.

— Digamos que compreensão não é algo muito comum no ramo. O Alvarez só vai cagar na minha cabeça, e com razão, antes de passar adiante pra cagarem mais ainda na minha cabeça e na dele. A verificação de cada área designada pra obra é função dos superintendentes. Se tivesse um problema qualquer na minha área, um formigueiro que fosse, deveria constar no relatório que entreguei pra ele há mais de ano. Isso não tava lá.

— Como cê ia saber que o que construísem nesse pedaço apodreceria desse jeito? Se eu fosse você,

abria o jogo com o Alvarez amanhã cedinho.

— Já disse que não rola.

— E o que diabos cê quer que eu faça?

— Cê conhece a dona Dita.

— A dona Dita é a porra duma vidente, Rocha. Ela lê mão. Ela fala que cê vai encontrar a mulher dos teus sonhos semana que vem. No máximo que na última encarnação tu foi um peixe. Ela não mexe com coisa assim.

— Vai que ela conhece alguém que mexe.

— Vai que não conhece. Ainda acho que o melhor a fazer é relatar.

— Deixa eu tentar qualquer outra coisa antes. Já tô vendo que depois disso aqui vão me rebaixar pra calouro, se não me despedirem. Imagina eu carregando balde de água pra cima e pra baixo, na minha idade?

— A dona Dita mora do outro lado da cidade, no Boa Esperança. Não posso tirar folga, lembra? Tô devendo até as calças.

— Eu pago o teu dia de trabalho do meu salário, beleza? Só me dá uma mão nisso. Por favor.

Por um momento penso no que significa, depois de meses sem folga, ganhar pra não trabalhar, um dia que seja. E em como isso também pode significar uma visita com calma à casa de papai. As últimas têm se resumido a deixar os remédios, fazer uma comida e sair esbaforida. Nem mesmo as tretas que tô acostumada a resolver pro pessoal da obra, aquela sanha detetivesca que preciso alimentar de algum jeito depois que saí da polícia, tenho conseguido fazer. E aqui vem o Rocha, me oferecendo as duas coisas de uma vez só. O lance nessas horas é disfarçar o entusiasmo, porque sempre acabam usando isso contra você quando as coisas azedam.

— Combinado. Me dá um cigarro.

Acordo na hora de sempre. Ducha e escovada nos dentes e logo tô no Butuca pegando um saco de pão francês e o resto da merenda.

Papai mora mais pra dentro do Porto, perto do Goiabeiras e do centro, e por isso fica longe da barulheira da obra, o que é um alívio. Mas também o iso-

la no centro de um conglomerado de bocas de fumo. Traficantes e maloqueiros controlam as ruas à noite e a polícia tá bem tranquila com o fuzuê porque ganha mesada. Evito pensar nisso ou nem consigo dormir. A galera sabe que eu e o coroa fomos policiais e não mexem, única razão de ainda não terem invadido a casa.

O ideal seria mudar ele prum dos supercondomínios pra lá do Recanto dos Pássaros, fortalezas que abrigam as pessoas de bem — de bem com a carteira — dessa Cuiabá que cresce desproporcionalmente, agregando cada vez mais gente nos entornos e esvaziando o centro. Mas não ganho nem perto do necessário — nem ele, com aquela aposentadoria. A ferrovia propiciou a reocupação de uma área quase fantasma e voltou a injetar vida aqui, mas uma vida suja, de puteiros e botecos e cracoléx e banquinhas de jogo do bicho em cada esquina.

Empurro o portãozinho de correr e um gato à toa na garagem se assusta, pula o muro e some. O velho não desperta com o barulho da chave e da porta. Ignoro o cheiro e abro as cortinas e janelas. Não sei o que é pior, o mormaço sólido ali fora ou a estagnação aqui dentro. O pessoal na TV tá se matando com gosto, o final do Meu Ódio Será Tua Herança, e papai tá bem o contrário, a babinha grudada no canto da boca pingando a intervalos cronometrados. Apanho os plásticos de biscoito de polvilho do chão e jogo tudo no lixo. Abro o saco da padoca, um pão no meio, soco queijo e apresentado e um pouco de margarina.

— Papai — digo, ajoelhada na frente dele com o prato na mão. Ele abre os olhos e descola um sorriso amassado, espreguiçando os braços.

— Como cê sabia que eu queria um sanduba, filha?

— Agora quando, coroa... Tá pra nascer o dia que cê não quer — deixo o prato no colo. — Papai, pelo amor, tem que abrir essa janela, arejar a casa.

— Tem doído muito esses dias, filha. Desculpa.

Não falo nada. Fico até com vergonha. Como re-trucar isso? Pego o pinico do lado da poltrona e jogo o conteúdo no vaso. Lavo com a esponja debaixo do chuveiro notando a gordura grudada no piso. Preciso lavar isso aqui o quanto antes. Pego uma camiseta

limpa do armário e ajudo ele a trocar. É um processo delicado, agora reclama que a coluna tá doendo bem no meio. Jogo a usada no cesto cheio. Sabão em pó, tenho que lembrar de trazer.

— Quer mais um?

— Brigado.

— Vou passar aqui depois do trabalho, tá? Tem mais pão e coisa na pia caso fique com fome. Trouxe uma cartela de Dorazil também, se a dor piorar. O resto dos remédios ainda tem, né? Depois levanta, faz um exercício, dá uma esticada até a esquina. Se não suas pernas vão pro saco.

— Tanto faz, filha.

Dou um beijo no rosto suado dele.

— Depois a gente se fala melhor. Tô atrasada.

Chego no ponto de ônibus ainda amargando aquele “tanto faz, filha” com as bochechas molengas prum lado e pro outro. Só via isso na cara de papai quando ele era obrigado a ouvir coisas do tipo “capitão, mataram uma família no Santa Helena, já despachamos uma viatura”, “capitão, prendemos três meninos de 16 anos, acabaram de estuprar uma senhora”, “capitão, roubaram o açougue do Tinhão, sei que ele é amigo do senhor”. Agora papai faz aquela cara porque leva uma eternidade pra levantar do sofá e mandar um barro. Um restolho de homem, ele mesmo diz.

O busão demora 40 minutos pra chegar. Aproveito pra começar um episódio do Sherlock no celular. Um menino com uniforme escolar fica interessado. Sento no banco pra deixar ele ver junto por sobre meu ombro. O transporte público é uma bosta. Melhorar isso que é bom, nada. Trem pra carregar commodities, ah, nisso sim a prefeitura investe pesado.

Desço na rua principal do Boa Esperança, ladeada de um lado pelo campus da Universidade Federal e do outro por lojas, restaurantes e bares. O sol tá ardido pra burro, aquela basiqueta de 40 graus que a gente aprende a aceitar com a devida resignação. Eu sempre quis sair de Cuiabá porque achava quente demais. Ironicamente, é o motivo do Mato Grosso não ter ido pras cucuias como a maioria dos estados brasileiros. Por aqui, na maior parte do ano, a precipitação é tão baixa e o sol tão forte que ele de

fato consegue furar o bloqueio onipresente de fumaça e dourar a terra. Quando digo que a gente chegou num nível absurdo de produção agrícola e zootécnica pra alimentar o Brasil todo, eu não tô brincando. Mas, logicamente, vender pra China e pra Europa dá muito mais dinheiro, então que a cambada de com-patriotas se foda.

Vira e mexe fecham as ruas ao redor da universidade com pneus e elas são invadidas por pessoas com cartazes entoando coros de protesto. As manifestações atacam o repasse gordo de verbas pra área de pesquisa científica em zootecnia, agricultura, biologia e química aplicada, áreas com projetos intimamente ligados a grandes empresas do setor, as mais ricas da região, que poderiam custear sozinhas as pesquisas e construir seus laboratórios fora da universidade. Mas não há lobby mais forte que o lobby da comida nos dias de hoje, e desde que a gente continue produzindo essa montanha de recursos apetitosos, tá valendo.

A maior parte da mão de obra do país não tá dividida entre aqui e o mega porto de Santos por acaso, focada em aprimorar o escoamento de toda essa riqueza. E assim a gente corre atrás do pão nosso de cada dia nos dai hoje, fazendo o que pode. No meu caso, ajudando a construtora a não ter que revisar todo o projeto da ferrovia, alterando uma via terrestre que compromete as superiores e provavelmente a desembocadura no trilho unificado que dá na estrada. Que também pode ser traduzido como: ajudando o Rocha a não tomar uma bela duma comida de rabo.

Na última vez que vim ver dona Dita, mamãe me trouxe. Ela morreu tem 18 anos, então eu era moleca ainda, tava na escola. Lembro que ela leu minha mão, disse que eu tava apaixonada e tinha que tomar cuidado, que toda paixão é perigosa, e que eu devia dar mais atenção pra mamãe.

Na época não dei bola, mas em retrospecto tudo fez sentido: eu tava mesmo apaixonada pelo Lucas, perdi a virgindade com ele e bem na sequência fui esnobada. Fiquei mal, tão mal que acho que foi justo aquele pé na bunda que me deixou tão fria, fazendo o namoro com o Marcos degradingolar. Ele ainda aguentou dois anos, foi guerreiro pra suportar minhas patadas. A gente reproduz os erros que amarga, infelizmente.

E o lance com mamãe foi o seguinte: ela era uma cozinheira de mão cheia. O que mais saía era o famoso bolo de arroz, e ela sempre quis me ensinar a receita. Eu tinha que ajudar na cozinha mas acabava sempre limpando, varrendo ou lavando a louça, ou então cuidando dos meus irmãos. Vontade de aprender eu até tinha, mas ela era chata demais com os detalhes, e aproveitava qualquer falha minha pra desandar a falar — lições de moral que duravam horas — então eu me esquivava de qualquer intimidade na cozinha. Meses depois ela faleceu, sem ter me ensinado as manhas do bolo de arroz, e eu nunca me arrependi tanto de algo na vida.

Ouvi histórias de dona Dita nos anos seguintes, de pessoas que foram consultar com ela e a consideraram uma sábia ignorada ou uma vigarista superestimada. Opiniões costumam variar conforme quem opina tá bem de vida ou na merda. Papai sempre disse que mamãe perdia tempo com essas coisas.

A casa é humilde, no coração do Boa, perto duma pracinha com uma quadra de futebol. Não há nenhuma identificação, mas todo mundo sabe que casa é essa. Aperto a campainha, bato na porta algumas vezes. Nada. Sei que ela tá nos fundos pela respiração compassada e pesada. Dou a volta e a encontro na cadeira de fio, tricotando um tecido branco.

— Licença, dona Dita. Apertei a campainha mas acho que tá queimada.

— Tá queimada sim, fia. Não tem problema. Nhá cá, fica à vontade.

Sento num banquinho encostado numa coluna. Ela pousa as agulhas no colo.

— Como posso te ajudar?

— Eu sou a Lorena, filha da Rosana. Pedrosa. Que fazia bolo de arroz, chipa, pão de queijo--

— Lembro, lembro. Cê já veio aqui antes, veio não? Como tá a tua mãe?

— Ela faleceu. Tem 18 anos já.

— Que pena. Tinha uma mãozinha abençoada, ela. Puxou isso dela?

— Não, não. Segui o caminho de papai, fui trabalhar na polícia.

— E tá boa a vida de policial, fia?

— Eu saí. Agora tô trabalhando na construção. No Porto. A ferrovia.

— Vôte. Que mudança, né. E o braço?

— Um trilho despencou, cortou minha orelha esquerda e decepou o braço no ombro. Indenização trabalhista. Tudo feito em São Paulo. Já acostumei agora.

— Que bom que te arrumaram, fia. Se não fosse acidente nessa cepa de obra cê ainda tava na fila do hospital sem orelha e sem braço.

— É. Eu sei. Escuta, dona Dita. Vim aqui falar com a senhora porque descobri uma coisa estranha por lá. Tem um pedaço do trilho que tá apodrecendo, envelhecendo extremamente mais rápido que o resto. Dá pra ver no solo que tem algo errado. É só um círculo, desse tamanho assim.

— Como cê sabe que tá envelhecendo?

— Deixei a mão em cima do trilho alguns segundos e minha unha cresceu como se tivessem passado semanas.

— Deixa eu ver essa tua mão.

Carrego o banquinho pro lado dela. Na hora me vem a lembrança de mamãe atravessando o portão com a travessa de comida coberta com um pano de louça, e dona Dita pegando a mão dela pra ler do jeito que faz com a minha agora.

— Fia, eu queria poder ver a tua outra mão pra comparar, mas não tem jeito. O que consigo ver aqui é que cê não tá no caminho desenhado pra você. Tá desenhando outro. Do que cê tá fugindo?

— De nada.

— Se fosse nada não tava fugindo. Mais que isso não consigo ver. Se essa tua mão envelheceu, como cê diz, não resolve muita coisa. Perdeu alguém próximo recentemente?

— Não. Por quê?

— Nada, fia. Olha, quem vai te ajudar é o Adamastor. Ele mora no São Gonçalo.

— Quem?

— Um velho safado que conheci na época da umbanda. Ele mora na casa da filha e fica o dia inteiro à toa, esperando a hora dele, parece. Quase não anda

mais.

— A senhora sabe o endereço? Vou lá agora mesmo ver isso.

— Eu sei que vai. Só espera eu terminar aqui.

— É que eu tô com um pouco de pressa, dona Dita.

— Menina, eu vou junto. Quero terminar isso aqui a tempo de levar de presente. Não é que você veio muito cedo, é que eu tô devagar mesmo. Se eu não for, você não fala com ele. A Helena não deixa mais receber visita. Diz que ele fica muito agitado.

O tecido branco é um colete, percebo agora. De lá. Em Cuiabá? Bom, sempre tem aquele dia no ano que faz frio.

— Tudo bem. Mas eu não tenho carro.

— Quem tem carro hoje, filha, é só político e empresário. Não preocupa, vamos de ônibus mesmo. Você me ajuda a subir e a descer.

— Tá bom.

Fico olhando as folhas de arruda balançando com o vento no chão.

São Gonçalo é bairro tradicionalíssimo, recheado de restaurantes que servem peixe frito, assado, grelhado, recheado, gratinado ou desfiado, além da farofa de banana. O rio tá uma merda, todo mundo sabe que o que se pesca nele já vem com doença embutida, mas é isso ou ficar sem carne, já que boi e porco são caros e galinha não se cria mais.

Os ribeirinhos do lugar andam pelas ruas em pencas, carregando peixes recém-pescados nos ombros. Tá perto do almoço e do alvoroço dos clientes. Acompanho os passinhos firmes de dona Dita, apoiada no meu braço biônico, que serviu de guincho pra colocar ela dentro e fora do ônibus. Paramos na frente dum restaurante simples, cadeiras e mesas já arrumadas na varanda sob as copas gordas das árvores, mesas e cadeiras também do outro lado da rua, no barranco da beira do rio. Uma tia velhinha e roliça sai lá de dentro limpando a mão num pano de louça pendurado na cintura, sorrindo pra dona Dita. Somos apresentadas e ela nos leva pros fundos pela lateral. Helena é filha de Adamastor, e parece ter a mesma idade que Dita.

O fundo do restaurante, que é na verdade uma casa, tem uma área grande e aberta. Adamastor tá sentado numa rede pendurada entre o pilar de um alpendre e um coqueiro, aproveitando a sombra do telhado, terminando de enrolar um palheiro.

— Tôzinho, seu pilantra — diz dona Dita, se desvincilhando do meu braço e andando na direção dele.

— Dita? Não acredito, sua coroca duma figa. Por onde cê andava?

— Em casa, Tôr, cê sabe disso. Olha, trouxe pra você.

Ele pega o presente, oferece o rosto pra dona Dita dar um beijo e abre ele no colo.

— Um colete. Deus lhe pague, Dita. Vou usar se eu não morrer antes do próximo frio que der. A disputa tá acirrada.

— Deixa de ser bocoió. Olha, aquela é a Lorena. Eu trouxe ela aqui porque ela precisa falar contigo.

— Claro que não podia ser só uma visita amigável. Você sempre cheia das segundas intenções. Quanto cê tá pagando pra ela? — ele diz, erguendo a voz pra mim. — Quero uma porcentagem.

— Não tô pagando nada — digo, me aproximando. — Prazer em conhecê-lo, sou a Lorena.

— Prazer, querida. Desculpa, eu já sei o tipo de coisa te trouxe aqui. Mas tô aposentado — dona Dita faz uma careta. Ele ergue a mão, apaziguadora e sólida. — Tô sim, sua bruxa. Não vem com moage. Só quero sossego, como dizia o Tim Maia.

— Se abrir uma exceção — digo —, posso conseguir pro senhor um guaraná, um suco de caju, goiabada para a sobremesa.

— Ha! — a boca dele se esgarça num sorriso. Ele olha pra dona Dita. — De onde cê tirou essa menina, Dita? Ninguém mais ouve o Tim.

— Papai adora — digo.

— Eu conheço meu eleitorado, Tôr — diz dona Dita. — Para de ser ruim, vai, fala com ela.

— Ah quá, sua trambiqueira. Boa pra me enrolar, cê é. Mas confesso que tô feliz que cê veio. Querida, pãinha as cadeiras ali do alpendre. Põe aqui fora pra todo mundo ficar mais à vontade.

Pego duas cadeiras e sentamos.

— Fala pra ele, fia. Da sua mão — diz dona Dita.

Ele reencontra o cigarro de palha que tava enrolando caído nas dobras da calça. Coloca na boca. Puxo o isqueiro do bolso.

— Não, não. Eu não fumo mais. Isso aqui é só o costume.

— Tá bom — digo, guardando o isqueiro. — Então, eu trabalho na ferrovia, no Porto. Tem um pedaço de terra pequeno que tudo que se coloca nele envelhece super-rápido, apodrece.

— É mesmo?

— É. O trilho inoxidável tá só ferrugem, dá pra ver a grama nascer e morrer a olho nu, minha unha cresceu um monte em segundos.

— Sua unha?

— É.

— Qual?

— As dessa mão aqui.

— Xeu ver.

Ele alisa minha palma, como dona Dita fez há pouco.

— Ela disse que cê tava correndo longe da tua linha, não disse?

— Disse.

— Não liga pra ela não — dona Dita faz a careta de novo, balançando a cabeça. — Ela acha que tem que seguir o caminho já do começo. Tem nada. De qualquer forma, se não se preocupar tanto em ficar com essa mão velha e cheia de artrite, da próxima vez deixa mais tempo lá dentro e vai visitar a Dita de novo. Ela vai te contar o que aconteceu na tua vida em detalhes. O que cê não gostar, cê muda.

— Tá louco, Tôr? — diz dona Dita. — Fazer a menina mexer com essas coisas. Ela já tem o suficiente pra se preocupar.

— O senhor fala como se esse tipo de coisa fosse normal — digo.

— Normal, não. Mas já aconteceu antes. Ou cê acredita que o céu tá desse jeito só por causa da poluição?

Até agora eu tinha certeza que era só a poluição.

— Olha, cê quer dar um fim nisso, né?

— Se possível.

— Pra fazer isso, tem é que dar um nó no raciocínio do negócio. Obviamente isso não deveria existir ali. Um bolsão. Hmm. Só um momento.

Ele para de falar, fecha os olhos e balança a cabeça, como se ouvisse algo sussurrado ao pé do ouvido.

— Ele tem dessas de vez em quando, fia — diz dona Dita. — Tá vendo por que a Helena proíbe gente de vir falar com ele? É que não é só gente. Se fosse só gente tava bom.

— Escuta, dona Dita, tenho que perguntar. Vocês tiveram-- Foram casados ou algo assim?

— Não, eu nunca casei. O Tôr casou, umas quatro vezes. Mas fui cacho dele sim. Antes do Tôr ficar doente, debilitado. Nossa vida sempre seguiu separada. Ele não vai demorar não, tá?

— Tá bom — olho ao redor. Há árvores esparsas na área até uma outra casa, mais adiante. Sem cercas ou divisas. Reparo pela primeira vez num cachorro deitado na terra, dormindo, perto da gente. As cabeças dos cozinheiros dançam de um lado pro outro na cozinha do restaurante, visíveis pelos buracos do tijolo no alto da parede. Volto a olhar seu Adamastor, concentrado. Ele deve ter uns 90, 95 anos, barrigudo, os pés boiando no ar acima de duas chinelas batidas. Ele reabre os olhos.

— Me confirmaram aqui. Não é tão grave, não. É só dar um nó.

— Como eu faço isso, seu Adamastor?

— Você quebra o raciocínio, como eu disse.

— Como?

Ele ri, dando uma tragada imaginária no palheiro.

— Aí não sai de graça, querida.

— Quanto? — pergunto, desconfiada, olhando pra dona Dita, que se faz de sonsa.

— O quê, na verdade — ele se empurra com os pés no chão e balança a rede, sorrindo como quem tá prestes a fazer o que mais gosta.

Com a pança bem cheia depois dum almoço na faixa no restaurante, deixo dona Dita em casa. Não é tão agradável como na ida porque ela diz que tá acostumada a tirar um ronquinho depois do almoço e alterar a rotina é deixar ela de mau humor. Fora o cachorro enorme que tenho que levar no colo e late pra quem quer que encare ele. Quando chegamos, os meninos na quadra acenam pra gente, suados e sem camiseta.

Abro o portão e dou um abraço nela.

— Brigada, dona Dita. A senhora fique bem.

— Vou ficar. E cuida do teu pai. Vai com Deus, fia.

Quando chego no ponto de ônibus da universidade, me pergunto como ela sabia da coluna regaçada de papai. Mas não dá tempo de pensar, porque o busão chega, eu subo e tenho que ouvir tudo que é reclamação do motora de que não pode animal ali dentro. Um *calaboca* bem dado e ele segue viagem. Na curva do Morro da Luz, o cachorro inventa de cagar no meu colo. O resultado é uma coleção de olhares atravessados, xingamentos engolidos e um cheiro insuportável. Não jogo ele pela janela porque é a moeda de troca do seu Adamastor. Quando desço na 15 de Novembro ouço o pessoal que ficou no busão batendo palma. Não é pra menos. Como o coitado tá com a patinha traseira quebrada depois de ser atropelado, tenho que carregar até minha casa, a merda cada vez mais impregnada na roupa e nos braços.

Depois de dar um bom banho nele, deixo secar na grama na frente de casa. Tomo um também, troco de roupa e quando saio pra comprar ração a Mariana, filha da vizinha, tá ali brincando com ele.

— Oi, Mariana. Já fez amizade?

— Qual o nome dele? — ela ri enquanto ele lambe a palma da mão.

— Cavalcante.

— Que nome zoadado prum cachorro!

— Nem me fala.

— Ele tá machucado, né?

— Tá, foi atropelado.

— E por que você comprou ele?

— Não comprei, é de um amigo. É só até amanhã.

— Ah, não! A gente podia cuidar dele aqui. Se precisar pode deixar lá em casa. A gente cuida dele até voltar a andar, né? Né, seu bobão? Né? Né?

— Não vai cansar ele, menina. E cuidado, ele parece manso mas não te conhece direito. Quer comprar ração comigo?

— Pode ser!

É ela quem faz questão de colocar a ração numa vasilha e fica alisando a cabeça dele enquanto come. Como criança fica feliz com animal de estimação dócil. Lembro do Fusquinha, morou oito anos lá em casa antes de fugir e nunca mais dar as caras. Papai disse que ele tinha ido procurar a família dele. Aquilo me confortou por muito tempo antes de eu me tocar que era balela.

O pai de Mariana também trabalha na obra, mas em outro setor, e a mãe dela é caixa de um supermercado do bairro na parte da manhã. Algumas noites eles deixam ela comigo quando tô em casa e precisam resolver algo ou querem um tempo sozinhos. Eu gosto da menina, não escondo, parece a sobrinha que eu não tive. Ela já tá mais que acostumada, abre a geladeira e pega o que quer, se esparrama no sofá, troca de canal quando saio pra fumar no quintal. Não é de estranhar, então, que em minutos ela já trate o cachorro como se fosse dela.

Ligo a TV pra continuar assistindo aquele Sherlock do ponto enquanto Cavalcante come.

— Esse final de semana cê vai tá de folga também?

— Todo dia eu trabalho. Cê tá cansada de saber.

— Mas hoje cê tá em casa!

— É por causa do cachorro. Amanhã volta ao normal.

— Ah. A gente podia aproveitar um dia pra subir pra Chapada. Sair um pouco desse calor.

— Vamos fazer assim: quando cê voltar da Chapada a gente vê outro Sherlock. Que tal?

— Ah. Pode ser.

Mando uma mensagem pro Rocha, falando que talvez eu tenha a solução. Peço pra ele me esperar depois do turno hoje à noite.

— Terminando esse episódio eu tenho que sair.

— Tá. Aí você pode deixar o Cavalcante em casa comigo?

— Não. Vou levar ele.

— Ah, Lorena. Deixa, vai.

— Ele vai junto.

— Deixa, deixa, deixa.

— Não vai rolar.

— Onde cê vai?

— No papai.

— Posso ir?

— Vê com a tua mãe.

Ela sai zunindo.

Quando chegamos na casa de papai, Cavalcante solta um latido. Entro e papai tá a meio caminho da janela.

— Ha! Eu sabia que tinha ouvido um cachorro aqui na frente. Onde cê arrumou ele, filha?

— É de um amigo. Só por hoje. Podemos ficar com o senhor?

— Claro. Oi, tampinha.

— Oi, seu Pedrosa. Tá melhor da coluna?

— Ainda não. Mas mesmo assim consigo te dar uma surra na canastra.

— O senhor pode tentar, seu Pedrosa.

Pego uns jornais velhos do armário e forro um canto do chão da sala. Coloco o Cavalcante ali, esperando que ele saiba o que fazer em cima do jornal. É papai quem pede pra deixar o cachorro dentro de casa, e não fora. O ânimo dele com a visita é visível. Coloco a mesinha de carta encaixada na poltrona e Lorena senta do outro lado. Cavalcante se enfia sob os pés dos dois e o velho fica fazendo carinho embaixo da orelha dele com o dedão.

Aproveito que tá todo mundo entretido pra dar uma geral na casa. Troco a roupa de cama, lavo a roupa suja, lavo o banheiro, que tá uma imundície, varro, tiro umas ervas daninhas da frente e do fundo. Vou na padaria e compro umas pilhas novas pro controle da TV e uma pizza pra assar mais tarde. Meu dinheiro acaba de vez. Quando termino a faxina a gente assiste um filme. Mariana escolhe, uma

animação recente. Cavalcante fica no cantinho do sofá, do lado dela e ao alcance da mãozona de papai, nem um pouco preocupado depois de fabricar uma bosta fumegante no meio do tapete. Limpo e deixo o cheiro da pipoca de panela amortizar o fedor.

Depois da pizza, nos despedimos. Papai não consegue esconder a tristeza. Penso no bem que faria pra ele um cachorro ou um gato, mas sozinho não teria condições de cuidar. Penso no Mateus e na Jéssica, que se mandaram e não dão nem um alô pro velho, só no aniversário e olhe lá. Grande família.

Deixo a Mariana em casa, a mãe dela agradece na hora mas sinto que não vai agradecer depois que a guria torrar a paciência dela pedindo um cachorro.

Com Cavalcante nos braços, me mando pra obra.

— Que porra é essa?

— É um cachorro. Cavalcante, o nome dele.

— Tá, mas por que um cachorro? Aqui?

— Rocha, cê me pediu pra resolver, eu tô tentando resolver. Nem eu tô entendendo direito, então deixa as perguntas pra depois, combinado?

— Calma, Lorena.

— Tem um ciga aí? Tô com a mão ocupada.

Ele acende, traga e coloca na minha boca. Eu tô tentando amarrar a pata boa do Cavalcante com um macacão vazio. Já ameaçou me morder mas é coração mole. Fecha o dente na mão e morde molinho. Quando finalmente consigo, coloco a pata quebrada dele no chão, dentro do círculo de influência do trilho enferrujado. Os pelos crescem, caem na terra, continuam crescendo. Ele ergue o focinho e respira rápido. O ponto torto da patinha enrijece, o roxo fica amarelo e some. Dez segundos depois puxo ele. Desamarro o nó, atenta pra ver a reação. Ele sai mancando, sem entender o que aconteceu. Mas logo parece fazer as contas e corre desembestado em volta da gente.

— Cê curou a pata dele?

— Isso. Ele foi atropelado.

— Nossa. Não imaginava que dava pra fazer isso.

— Nem eu. Seu Adamastor foi quem me pediu.

— Adamastor?

— Um amigo de dona Dita.

— Ah. E o que mais ele disse?

— Que pra acabar com isso tinha que dar um nó. Quebrar a lógica.

— Como? Quem é esse homem?

— Também não conhecia. Conversei bastante com ele. Me disse que não é a primeira vez que acontece e já soube de bolsões como esse aqui que foram eliminados e--

— Bolsões?

— Foi como ele chamou isso. Bolsão.

— Por que esse nome?

— Bolsão temporal, Rocha. Esquece o nome. Foca no problema.

— Tá.

— Ele disse que se a gente conseguir quebrar a lógica ele some. O jeito mais fácil de fazer é usando algo que morreu.

— Tipo uma pessoa?

— Ou qualquer outro animal. É necessário envelhecer algo dentro dele, que estará então sintonizado num futuro X. Daí colocamos algo que já não existe nesse futuro X junto com a coisa do futuro X e pronto.

— Caralho. Me perdi no primeiro X.

— Presta atenção. Não é tão difícil. Vou te dar um exemplo. Eu deito no chão e coloco minha cabeça ali dentro. Só alguns segundos, o suficiente pra eu envelhecer umas duas semanas, certo?

— Caralho! E se acontecer alguma merda? Se sua cabeça explodir ou algo assim?

— Não vai acontecer. Foi em parte por isso que eu trouxe o Cavalcante. Tá vendo como ele tá bem?

Cavalcante continua correndo em círculos, a língua balançando pra fora da boca.

— Isso não quer dizer que você vai ficar bem. Ainda mais usando a cabeça! Ele usou a pata!

— Mas aí é que tá. Precisa ser a cabeça. Porque eu preciso da memória dessas duas semanas. Preciso

saber de alguém que faleceu nesse período. Ou algum bicho que estará morto quando as semanas acabarem. E se colocar essa pessoa ou bicho aqui dentro junto com a minha cabeça, que estará sincronizada com esse contínuo no futuro, o choque é suficiente pra anular o bolsão.

— Puta. Merda.

— Nem me fala.

— E se isso funcionar, como você fica com um corpo duas semanas mais novo que sua cabeça?

— Não faço a mínima ideia. Mas tem que ser a cabeça, pra envelhecer o cérebro, já que as memórias tão no cérebro.

— Você não morreria de sede? Ou de fome? São duas semanas sem nutrientes, parou pra pensar nisso?

— A maior parte do meu corpo ficaria fora do círculo, e portanto nutrido.

— Caceta. Não tô acreditando que a gente tá mesmo falando sobre isso.

— É melhor acreditar. Adamastor falou que se a gente colocar algo inteiro dentro do bolsão e retirar depois, essa coisa terá realmente envelhecido todo aquele lapso de tempo, sem se mover. No meu caso, eu provavelmente morreria desidratada, mas, se saísse viva, não teria memória alguma além de duas semanas deitada sem fazer nada. Ter parte do corpo num contínuo normal implica que eu passei por uma experiência fora do bolsão também. Como aconteceu com o Cavalcante. Ele não envelheceu, mas a pata dele sim.

— E no dia que tu realmente morrer, tua cabeça vai morrer duas semanas antes do resto do teu corpo?

— Se a cabeça morrer o corpo todo morre, seu energúmeno.

— Meu Deus. Cê saiu perambulando por Cuiabá e achou um Nobel da física quântica escondido por aí? Daonde cê tirou esse cara?

— Rocha, eu tô te dando uma alternativa. E a essa altura tô tão intrigada com essa porra toda que não conseguiria mais deixar quieto.

Cavalcante volta a se aproximar da gente. Ele se

esfrega nas pernas da calça cheias de graxa do Rocha. Ele se abaixa e faz carinho no cachorro, tocando a pata remendada.

— Peraí. Considerando que tudo o que você falou faz sentido, vamos pensar em alternativas menos drásticas.

— Como o quê?

— Se, por exemplo, a gente coloca um sapo dentro do bolsão, envelhece ele duas semanas e depois tira. E aí pegamos outro sapo, colocamos os dois juntos e envelhecemos eles uma semana. E depois a gente tira os dois, pega o sapo que só foi envelhecido uma vez e mata ele. Quer dizer, ele estará morto antes de estar vivo na linha do tempo do primeiro sapo. Então aquilo que aconteceu antes, quando colocamos os dois sapos juntos, seria impossível. Isso não anularia automaticamente o bolsão?

— Caralho, Rocha. Que tu tá fazendo aqui como superintendente de obra, hein? Podia tá dando aula na universidade.

— Não fode, Lorena. Pensa no que eu falei.

— Eu entendo a tua lógica. Adamastor também falou sobre isso. Ele disse o seguinte, resumindo: se a gente tentar manipular os acontecimentos, não vai dar certo. Porque vamos atuar depois de ter consciência da existência do bolsão. Como o ato de tentar cancelá-lo é algo que depende do nosso conhecimento prévio de que ele existe, é algo que o próprio bolsão pode prever. Entende? Não haveria surpresa nenhuma pra ele, nenhuma contradição, pois isso já seria esperado, seria uma exceção calculada.

— Você fala do bolsão como se ele tivesse consciência.

— Não é isso. É que ele obedece a certas regras lógicas, e essa é uma delas.

— Então não podemos influenciar em nada?

— Nada. O que podemos fazer é aproveitar a sucessão natural das coisas, tomar conhecimento de algo que vai acontecer independente da nossa intromissão, e usar isso a nosso favor.

— Mas se você envelhece a cabeça no bolsão, é óbvio que o bolsão reconhecerá essa cabeça envelhecida quando você enfiar ela ali de novo.

— Não importa. O que importa não é a cabeça. É o outro elemento sobre o qual o bolsão não exerceu a menor influência.

— Puta que pariu, Lorena. Coisa demais. Deixa eu processar.

Depois de meio cigarro, Rocha volta a falar.

— Bom, se a resposta for mesmo essa, não acho justo que você envelheça a sua cabeça dura, ou a de qualquer outra pessoa. Eu te chamei, o problema é meu, e você já foi parceira de reunir toda essa informação. Se a gente for mesmo fazer isso, acho que tem que ser a minha cabeça.

— Você tá certo numa coisa. Eu trouxe a informação. Caso contrário você nunca ia se dar conta de nada, ia levar uma senhora comida de rabo e sabe-se lá onde ia parar. Nesse caso, a escolha é minha, certo? Então eu me escolho.

— E se der merda, Lorena, como eu fico depois? Vai que você tem um troço, como explico teu corpo aqui? Eu vou me culpar pelo resto da vida.

— Bom, o Cavalcante não parece ter tido problema.

— Foda-se esse cachorro. Eu tô falando de você.

— Olha só, Rocha. Meu cabelo tá aqui, certo? — aponto um dread na altura do ombro. — Em duas semanas ele vai tá aqui, beleza? — aponto com o dedo uma marquinha dois centímetros abaixo. — É só me puxar.

Deito na terra com a cabeça dentro do bolsão.

Ouçó o grito entrecortado do Rocha antes de uma névoa espiralada sugar todas as cores e todos os sons. Sinto uma dor de cabeça estranha, como se tivessem ligado um puta exaustor lá dentro, e um zumbido como se enfiassem trezentos besouros em cada orelha. Sinto um fisgão no pé. Rocha me ergue e segura a minha cabeça. Vomito por um bom tempo, ouvindo ele falar “você é louca você é louca você é louca”. Apago.

Acordo com ele ainda me segurando, Cavalcante cheirando o vômito. Limpo a boca com as costas da mão orgânica.

— Fala comigo, fala comigo! Você tá bem? Lorena? Lorena?

— Tô. Calma — digo, a garganta em brasa. — Água, Rocha. Duas... semanas?

— Sim. Te puxei bem quando seu cabelo chegou onde você apontou. Não deu nem cinco segundos. Calma, fica aqui. Vou buscar água.

Fico com Cavalcante. Olhando pro céu esfumado. Ele lambe minha bochecha. Então um latejar agudo rasga meu cérebro. Revivo duas semanas em segundos. Começo a chorar.

Mordo o pastel, um pedaço de carne moída escorrega pelas minhas pernas e não dá dois segundos um vira-lata o abocanha do chão. Tomo um gole do caldo de cana olhando pra 1ª Delegacia de Polícia de Cuiabá, do outro lado da avenida 15 de Novembro. Lembro de não muito tempo atrás passar por aquela entrada junto com papai, os dois fardados, e do café na sala de reunião pra começar o dia.

— Bom dia, seu Jão — diz Marcola, sentado num dos bancos altos. Ele bate ponto aqui toda manhã antes de subir no caminhão limpa-fossa.

— Dia — diz o pasteleiro. — Cadê teu irmão?

— No hospital. Acredita que ontem à noite ele foi comprar cigarro na padaria e uma viatura parou ele a duas quadras de casa? Pediram RG mas ele não tinha levado, disse que podia buscar num minuto. Resolveram revistar e aí ele ficou puto, começou a reclamar e levou uma sova. Voltou pra casa se arrastando e tivemos que internar, duas costelas quebradas. A gente não precisa nem ser bandido, só parecer um.

— É verdade — diz seu Jão. — Policiais filhos da puta.

— Policiais filhos da puta — repito, pagando o pastel e o caldo e saindo pra obra.

Opa. Eu já tô na obra. O pastel foi depois do turno da noite emendado no turno do dia. Eu me esqueço. Depois do pastel fui pra casa tirar o atrasado. Algumas horas e tô aqui de volta. Tudo fica confuso na correria.

Na verdade, pensando bem, o pastel do seu Jão fechou tem uns sete anos. Eu com certeza sonhei isso tudo. Evito aquele ponto da 15 de Novembro desde que saí da polícia.

Na verdade, o Marcola realmente tem um irmão,

e os dois são negros, e eles apanharam da polícia — mas na minha época, e não porque eram negros, porque eu também sou negra, e eu fui a autora da sova. Deu um problemão da porra, porque o idiota do irmão do Marcola (não lembro o nome) fez graça dizendo que um filézinho assim tinha nada que tá lidando com bandido, uma bundinha dessa não se desperdiçava. Teve mais coisa, mas foi o suficiente pra eu perder as estribeiras. Deixei os dois se contorcendo do lado do limpa-fossa irregular, pingando aquela merda brilhante na rua.

Quando cheguei na delegacia, papai quis saber o que tinha acontecido, minha mão tava sangrando e meu cabelo tava desarrumado e eu tava tremendo de adrenalina. Não disse nada, o capitão já tinha problema que chega. Mais tarde, Marcola e família vieram dar parte da minha conduta e tomei uma suspensão de 3 dias. O único motivo da denúncia não ter descambado formalmente pra abuso de autoridade foi o fato de que a gente poderia multar eles pela sujeira do caminhão e revogar a licença. Não quis rebater dizendo que eles tinham ofendido uma policial, porque não tinha a ver com a polícia. Eu sofria aquele tipo de abuso dentro da própria delegacia, por parte de um babaca ou outro, e sabia que tinha que aprender a ignorar ou responder de uma maneira que não envolvesse cair na porrada.

Quando entrei na sala de papai depois que foram embora, ele não cruzou olhar com o meu. Pediu pra eu entregar a arma e voltar só na outra semana. Eu disse que aquilo não voltaria a acontecer. Ele ergueu os olhos e disse “eu sei que não vai”. Provavelmente a segunda pior recordação da minha vida, aquela encarada frustrada dele, logo depois do bolo de arroz de mamãe. O episódio não teve nada a ver com minha saída da polícia, que aconteceu quando papai já tinha se aposentado por causa da coluna, mas isso me marcou muito mais.

É com essa imagem na cabeça que acordo. Já é meio da tarde. Não consegui pregar o olho a noite toda. Nem as brejas ajudaram. O Rocha tá me cobrindo de novo. Sinto o cheiro de merda de cachorro até dentro do meu quarto trancado. Puta que pariu. Tomo um banho rápido pra levar Cavalcante de volta pro dono. Chegamos em São Gonçalo junto com o pôr do sol. Seu Adamastor não tá na rede, mas sentado numa cadeira de fio, no alpendre nos fun-

dos do restaurante. Tem uma cadeira igual ao lado e sento com ele. Cavalcante pula no seu colo e fica encolhido, lambendo sua mão. Há um cheiro perene de fritura no ar.

— Tô vendo que deu certo. O Cavalcante tá bonzinho. Mas cê não tá não, menina.

— É. Agora eu sei de alguém que vai morrer. Mas achei que seria alguém da obra.

— Entendo. E morre do quê?

— AVC. Escalada de pressão, coágulo no cérebro, morte na hora.

— Vixe Maria. O bom é que não sofre.

— Seu Adamastor, eu vou mudar isso. Tenho mais alguns dias. Já aconteceu lá. Mas não aconteceu aqui.

Ele balança a cabeça. O cheiro de fritura parece entranhar debaixo da língua, gostinho marrento. Acendo um ciga.

— Olha, querida, você pode tentar. Mas não dá pra mudar uma vida em alguns dias.

— Dá pra levar ele prum lugar mais fresco, trocar a rotina, a alimentação, comprar remédios. Não dá é pra não tentar.

— Nesse caso eu te desejo sorte. Só lembra que caso consiga mesmo, o bolsão permanece.

— Eu imaginei. Mas sempre posso tentar de novo.

— Isso é verdade. Mas considera o que saber com antecedência te permite fazer. A gente costuma pensar na cura, não no paciente. A morte faz parte da vida. A Dita te falaria a mesma coisa.

Espero mais um tempo enquanto seu Adamastor fala das malcriações de um Cavalcante ainda filhote e Helena traz um caldo de piranha. Saio de lá de barriga cheia pela segunda vez, mas com o coração pesado também.

— Meu Deus. Quem podia imaginar, hein? Que ia virar tudo isso?

Papai fica impressionado com o esqueleto da ferrovia, mesmo no escuro, quando não dá pra ver todos os detalhes. Tem mais de um ano que estamos construindo isso aqui e ele ainda não tinha visto com os próprios olhos. Na verdade, enquanto vira-

va a esquina da rua com ele balançando na cadeira de rodas, pensei em como essa é a primeira vez em cinco anos que papai se afasta da sua casa. Qualquer coisa, até mesmo um poste novo, é motivo pra se impressionar.

— Enorme, né, seu Pedrosa? — diz Rocha. — Imagina quando tiver tudo pronto, os trens saindo daqui de hora em hora.

— Vai ser o inferno.

— Vai mesmo, papai — digo —, ainda bem que o senhor não mora tão perto, ou ia ficar surdo com essa barulheira.

— Mas moro perto o suficiente pra pelo menos ver a fumaça preta quando os trens tiverem andando.

Não falo nada. Não sei qual dos dois pontos seria menos custoso de retrucar. O de que não vai ter fumaça nenhuma porque os trens hoje em dia são elétricos ou o mais premente, de que ele não vai tá vivo pra ver o que quer que seja. Minhas várias perguntas no posto de saúde e no hospital deixaram claro que é impossível prever um AVC, ainda que seja possível evitá-lo vivendo uma vida saudável e regrada, mantendo a pressão estável. Nada que dê pra remediar em três dias.

Continuo pilotando a cadeira pelo terreno acidentado. Ele faz careta sempre que há um desnível acentuado, mas a empolgação não o deixa reclamar. Seguimos a linha guia do lote G, perto do bolsão. Posso ver o morrinho na terra onde Rocha escondeu o projetor. Mantenho a cadeira o mais próximo possível do trilho. Quando chego perto da pedra abaixo minha cabeça e encosto ela no ombro de papai.

— Que foi, filha? Tá cansada?

— Não, não. Acho que passou um morcego aqui, assustei.

Rocha fica pra trás. Não paro a cadeira pra não dar pista pro coroa do que tá acontecendo. Quando Rocha aperta o botão do projetor percebo o ar piscar no formato de uma bolha e o trilho naquele trecho continua igual. Como o resto da seção. Sem ferrugem. Rocha dá soquinhos no ar.

Respiro fundo, não sei se aliviada. Provavelmente o contrário.

— Agora vou te mostrar a seção onde eu tô trabalhando essa semana e vamos voltar pra casa, ok?

— Ok, filha.

A vantagem de empurrar papai é que ele não pode ver minha cara.

Subimos pra Chapada.

No primeiro dia Mariana e família vêm com a gente, ficamos todos no chalé, coisa mais confortável do mundo. O clima é fresco, o sol quase não tem força pra ultrapassar as nuvens carregadas e a fumaça por aqui. Não faço miséria com as economias do Rocha, compro frutas e bolos e tudo de bom no mercado, até bolos de arroz, que são bons mas não chegam aos pés dos de mamãe. Faço comidas leves pro papai, misturo os remédios de pressão no suco de laranja. São caros mas nem chegam perto do preço dos remédios pra coluna. Ele pergunta por Cavalcante e digo que já tá de volta com o dono.

No segundo dia Mariana volta pra Cuiabá. Ficamos à toa, jogando canastra, vendo filme, andando pela pousada, olhando os chapadões do cerrado e a mata do nosso ponto privilegiado. Sinto papai reenergizado com a troca de ambiente. À noite ligamos pro Mateus e pra Jéssica, ele quer saber como vão as coisas, escuta bem mais que fala. Me mandam mensagem depois, perguntando como arranjei dinheiro pra pagar a estadia na pousada. Digo a mesma coisa que disse ao papai: vendi as férias no serviço. Não as minhas férias, que não existem, mas ninguém precisa saber disso.

No terceiro dia descemos até a cachoeira. Levo papai no colo, com a ajuda do braço biônico, e sento ele numa pedra no fundo onde a água é calma, só com a cabeça pra fora. Diz que naquela posição quase não sente dores, a água faz bem. Conversamos sobre o passado, tudo menos a polícia, que é dolorido demais ficar lembrando aquilo que a gente não queria ter perdido. A memória de mamãe, que já tem bastante tempo, parece mais aceitável, e quando ele fala do bolo de arroz dela eu começo a chorar, coisa que consegui a muito custo evitar nos últimos dias. Ele não entende porque eu choro tanto. Fala da minha infância, das travessuras que eu fazia, do trabalho que dei pra ele e do orgulho que sente de mim.

Depois do almoço papai deita pra descansar na cama do chalé. É quando me arrependo de ter uma orelha biônica pra substituir a original. Posso ouvir com clareza a última expiração dele e o silêncio que vem em seguida.

Dias mais tarde, quando eu e Tubira estamos de volta no lote G afixando os trilhos na seção onde ficava o bolsão, tento não pensar muito no assunto. Alguém traz um sonzinho de bateria solar e liga num rasqueado. A maioria dos brutos ri e até dá uma gingadinha com a bunda. Desligo o áudio da Acute e tento sofrer só com uma orelha. Mas o Tubira, animado agora que fez as pazes com a Carmen e voltou pra casa com a filha, inventa de brincar e tira uma casquinha comigo, dancinha de pileque. O Rocha e mais uns tobós começam a bater palma no ritmo.

Nessas horas, quando o sorriso vem involuntário, penso que pena trocar duas semanas por três dias com certeza vale a pena. Nem tudo é matemática.

EUTANÁSIA

David Machado

– Poderia, caso ainda se recorde, nos dizer como e quando isto tudo começou? – dirigiu-se o juiz ao réu e ao mesmo tempo defensor, já que ele havia decidido fazer sua própria defesa.

– Certamente, Meritíssimo! Ainda está viva esta lembrança em minhas memórias. E, caso algum ilustre integrante do júri seja jovem demais para se recordar desta época, sei que encontrará facilmente referências a isto nos registros da Nuvem de Dados Planetária. Eu fui contemporâneo da grande onda de bio-hacking de meados do século XXI, e como todo mundo eu também queria explorar meus limites biológicos, algo cada vez mais corriqueiro e barato com a biotecnologia e nanotecnologia emergentes.

– Intervenções cirúrgicas desnecessárias e levianas, é o que o acusado quer dizer. – se intrometeu o promotor.

– Protesto! Meu colega faz suposições sobre fatos desconhecidos.

– Protesto aceito! Por favor, prossiga!

O réu-defensor olha para o vazio, tentando retomar a linha de raciocínio interrompida. Então continua:

– A princípio não havia nenhum tipo de intervenção cirúrgica, como sugere meu colega. Quem na época poderia resistir, por exemplo, à tentativa de reativar variantes inativas da rodopsina no código genético dos bastonetes, tornando a retina capaz de reagir à radiação infravermelha? Por que não estender os limites de nossas visões, tornar-nos capazes de visão noturna, bastando para isso uma inócua e não invasiva terapia genética?

– Não existia uma restrição na época quanto à modificação dos próprios genes? – insistia irreduzível o promotor. – À depredação irresponsável do patrimônio genético humano?

– Veja bem, Meritíssimo: eu... digo, meu cliente não estava alterando seus genes! Os genes responsáveis por esta variação da proteína rodopsina capaz de interagir com o infravermelho sempre estiveram

presentes no DNA humano. Só estava inativa, pois em nossa espécie especificamente ela não representava nenhuma vantagem evolutiva. Simplesmente foi reativado este trecho de meu DNA. Girei uma chave de liga-desliga, sem alterar a programação.

Houve uma comoção do júri, em sinal de aprovação. Claramente explicado daquela forma, o argumento fazia todo o sentido!

– Mas isto abriu caminho para os apêndices biomecânicos, não é verdade?

A defesa não se irritou com esta nova interrupção da promotoria, que já era esperada. Respondeu com tranquilidade.

– Entre o final do século XXI e início do século XXII o corpo humano deixou de ser encarado como um templo inviolável. Era visto mais como um apêndice orgânico de nossas mentes, que podia tranquilamente ser aperfeiçoado ou mesmo corrigido tecnologicamente, caso isto pudesse melhorar a qualidade de vida de seu possuidor. Este era o consenso da época, e acredito que um ato realizado em concordância com um conceito geral da época em que aconteceu seja totalmente válido, não é mesmo?

Aguardou algum tempo, tentando perceber a reação geral dos que estavam ouvindo. Continuou, certo de todos terem compreendido a ideia original.

– Percebam que nesta época meu cliente já era praticamente centenário, seus ossos e músculos já não lhe respondiam a contento e isto me fazia sofrer. Digo, fazia sofrer meu cliente. As intervenções cirúrgicas já não eram mais, como disse antes meu nobre colega, nem levianas nem desnecessárias. Estava dentro do direito de meu cliente se utilizar da tecnologia da época para corrigir as falhas do corpo, decorrentes do tempo de uso, e aperfeiçoá-lo também se possível!

– A amputação dos membros era desnecessária! A terapia genética, que inclusive já foi citada pelo colega há pouco, poderia trazer de volta o tônus muscular e recalcificar os ossos! Era possível recuperá-los preservando suas naturezas orgânicas, sem

precisar substituir partes de seu corpo natural por frias próteses mecânicas.

– Meu nobre colega desconhece o sofrimento que isto causaria! Dores indescritíveis durante a apoptose das células musculares velhas, no longo processo de substituição por células novas...

– Por favor, queira utilizar termos compreensíveis para um público leigo.

O advogado de defesa rápido tentou corrigir seu lapso:

– APOPTOSE: morte programada da célula, normalmente um recurso natural ativado para a eliminação de células defeituosas, mas que podemos ativar artificialmente para eliminar células já bastante desgastadas pelo tempo.

– Agradecemos o esclarecimento! Queira prosseguir.

– Continuando... Era bastante doloroso o longo processo de reconexão das terminações nervosas com estas células novas, a perda de sensibilidade. E para quê? As células “novas” já nasciam velhas, pois a restauração dos telômeros na clonagem celular ainda não era dominada totalmente naquela época.

– Linguagem leiga, por favor! – intervém novamente o juiz.

– Perdão: TELÔMEROS são terminações cromossômicas de sequências repetitivas de nucleotídeos. Não possuem expressividade genética, pois não codificam proteínas, mas protege, durante a divisão celular, as partes ativas e expressivas. Porém se deterioram um pouco a cada divisão, e quando finalmente se desgastam e chegam aos trechos ativos do DNA, começa o envelhecimento, e o início da morte natural das células.

– Eu, e acredito que a maioria no júri, agradecemos o esclarecimento!

– Fico feliz em deixar tudo o mais claro possível, Meritíssimo. Continuando, era um processo difícil, doloroso, e que estava condenado a uma nova deterioração bem rápida, pois os telômeros das células clonadas tinham mesmo comprimento e, portanto, mesma expectativa de vida das células velhas! Por que iria eu... digo, meu cliente, se sujeitar a tal tratamento de troca de células se substituir os quatro

membros por próteses biomecânicas duráveis era mais simples e garantido?

– Mas foi exatamente aí que começaram as intervenções diretas no sistema nervoso de seu cliente, não é mesmo? – o promotor prosseguia em seu papel de contraposição. – Na estimulação artificial dos sentidos e interceptação dos comandos de ação, friamente reproduzidas em circuitos eletrônico. Algoritmos de máquina interferindo na vontade humana, o início da deterioração da alma humana, invadida sem poder reagir a invasores cibernéticos que...

– Protesto, Meritíssimo! Meu ilustre colega está usando termos não científicos, como “*alma*”, e claramente seu discurso faz transparecer certa robofobia inaceitável nos dias de hoje!

Metade do júri, composto de robôs humanoides puros sem origem em matrizes humanas, estava mesmo claramente incomodada com o rumo que a promotoria tomava!

– Aceito! Caro promotor, tente pesar melhor suas palavras daqui em diante.

– Me desculpe, Meritíssimo! Foi o calor do momento...

– A defesa agora tem a palavra.

Ele passou o dorso da mão de sua prótese superior direita na testa, que era uma placa de titânio recoberta por pele sintética quase indistinguível de pele real. Ato desnecessário, pois fazia décadas ele não mais transpirava. Mas é difícil abandonar velhos hábitos reflexos, copiados da massa cinzenta original para circuitos eletrônicos auxiliares. Consultou registros armazenados na forma de estados quânticos em seus módulos de memória, e prosseguiu:

– A conexão entre as próteses e o sistema nervoso original era indispensável. Entendam, era a única forma de capturar das peles artificiais das próteses sensações semelhantes às originais, e enviar a elas comandos suaves, indistinguíveis daqueles que enviava antes a meus braços e pernas orgânicos! Só a conexão direta entre neurônios e transdutores cibernéticos permitiria isto.

– E a substituição completa do aparelho digestivo?

– A troca completa de um sistema ineficiente de

extração de energia de matéria orgânica digerida por pilhas de plutônio capazes de praticamente fornecer energia eterna a um sistema orgânico? Por volta de 2130, com a crise energética que precedeu o domínio da fusão nuclear controlada, a decisão era inteiramente lógica!

– Trocou logo em seguida coração e pulmões por um sistema equivalente artificial.

– Sim, sempre visando à eficiência!

– Meu colega admite então que, em fins do século XXII, apenas 10% de seu corpo era orgânico, enquanto todos os 90% restantes eram biomecânicos?

– Sim, admito! A cabeça original e a parte central da medula espinhal ainda eram orgânicas, mas todo o restante do meu corpo... quer dizer, do corpo de meu cliente, eram equivalentes robóticos imitando muito bem, ou até melhor, as partes originais.

O promotor sacudia a cabeça em sinal de desaprovação, inconsolável.

– Não entendo como é possível ouvir tudo isto sem perceber o crime terrível sendo paulatinamente cometido ao longo dos anos!

– Por favor, desenvolva sua ideia! A palavra agora é sua!

O promotor não podia perder aquela oportunidade valiosa! Ponderou bastante antes de começar sua tese.

– Vimos até o momento, e esta é a ideia que o nosso colega está tentando nos mostrar, que toda esta substituição do orgânico pelo cibernético é resultado de decisões voluntárias da vítima! Imagino que o passo seguinte foi a substituição da própria massa encefálica, não é mesmo?

– Sim! – a defesa aproveitou a deixa. – Aos poucos, lobos cerebrais com funções específicas sendo substituídos por circuitos cibernéticos, convivendo harmonicamente com os circuitos neurais originais até serem capazes de reproduzir totalmente seus comportamentos, quando então os originais já deficientes devido à idade avançada podiam ser totalmente descartados.

– O cerebelo foi o primeiro órgão do sistema nervoso totalmente substituído?

– Sim! Os circuitos eletro-foto-quânticos desempenhavam seu papel com muito mais eficiência! Todos os controles motores do órgão original podiam ser dispensado.

– Meu colega falta com a verdade! Órgãos sensoriais importantes já haviam sido substituídos!

A defesa logo percebeu a armadilha, e tentou esclarecer rápido:

– Verdade! Na cabeça orgânica original, meus olhos, ouvidos e olfato já não eram mais os naturais.

– E quanto ao paladar? Não o substituiu por sensores cibernéticos equivalentes?

– Veja bem, meu caro: não mais me alimentava, pois toda a energia que precisava era fornecida por micro reatores de plutônio. Não precisava mais me alimentar, portanto o sentido do paladar me era inútil.

– Inútil para você ou para seu cliente?

Aquilo já incomoda o defensor-réu de forma indescritível, e ele explodiu:

– Eu e meu cliente somos a mesma pessoa! Eu estou fazendo minha própria defesa!

– Não é isto que vejo, meu caro!

– Se explique! – entrevistou o juiz.

– Meu colega tenta defender a tese de que ele mesmo, humano, aos poucos, ao longo de mais de dois séculos, foi substituindo partes de seu corpo orgânico original por equivalentes cibernéticos. Por vontade própria, até chegar ao ponto de trocar partes do próprio cérebro! Inicialmente por módulos eletrônicos, e depois por computadores quânticos cuja função seria, inicialmente, conviver com partes importantes do cérebro original, aprender a imitá-las e, enfim, se tornarem independentes e substituí-las, descartar o original.

– Eu SOU idêntico ao original! Somos indistinguíveis! Tenho suas lembranças, sua personalidade, suas convicções... eu continuo sendo eu, independente do tipo de substrato no qual minha mente processa suas ideias.

– Não vejo assim, Meritíssimo! O que vejo é um robô que, pouco a pouco, vai matando seu original orgânico e imitando-o. Até acho que ele acredite

mesmo ser o original, mas não é! É uma cópia da mente humana original. Vejo um robô pouco a pouco matando e ocupando o lugar de sua origem orgânica. E agora, num último ato de traição, pede para matar a última parte que o liga à humanidade! Os últimos 20% de seu cérebro original. Um robô que tenta copiar e SER um ser humano, e num último ato diabólico de traição nos sugere que quer matar de uma vez sua matriz orgânica original, à qual ele deve tudo aquilo que é hoje!

– Meu cliente sofre, Meritíssimo! – resolveu dar sua cartada final! – É uma parte de cérebro com mais de 200 anos! Não consegue mais desempenhar suas funções originais, seus neurônios estão bem gastos e trabalham com ineficiência... e nós sofremos com isto!

– Como pode estar certo disto?

– Ora, ele e eu somos a mesma pessoa! Estamos muito mais intimamente conectados do que qualquer pessoa aqui é capaz de imaginar! E ele sofre com sua deficiência, os circuitos computacionais que antes o ajudavam a formular ideias e sensações já estão fora de seu alcance! Existe um enorme delay artificial e desnecessário introduzido no cérebro cibernético apenas para acompanhar a lenta parte orgânica. Isto a deixa desgostosa, com a sensação de estar atrapalhando, sento um estorvo para um melhor funcionamento do sistema como um todo...

– Você se considera humano? Mesmo sendo quase todo o seu corpo e cérebro cibernéticos?

– A Humanidade está na mente, independente do substrato sobre o qual ela processa! Se neurônios e circuitos quânticos desempenham bem e de forma eficiente suas funções, é indiferente se a mente pensa se utilizando um ou de outro! Sempre será uma Mente Humana!

Todos aqueles que acompanhavam o julgamento estavam imóveis! A discussão era muito intrigante!

– Meu cliente sofre diariamente com sua situação, Meritíssimo! Tudo que peço é que este sofrimento seja abreviado! Sei que é desejo dele, pois também é o meu! Sofro o que ele sofre! Somos UM!

– É assassinato! – a promotoria estava irredutível. – Assassinato premeditado e covarde, pois totalmente imersa e interceptada por um complexo su-

porte vital cibernético, a vítima nem mesmo teria a chance de reagir, pois quaisquer atos e pensamentos dela passam antes por um sistema cibernético de suporte, capaz de ignorar totalmente a vontade de seu organismo, ao qual deveria simplesmente oferecer suporte...

– Mas... É vítima ou réu, meu caro colega? – era exatamente o ponto que a defesa aguardava com ansiedade!

A questão era mesmo indefinível! Se o pedaço de cérebro era vítima, ele defendia a vítima dela própria! Era defensor, e não acusador! Mas era réu? Só admitindo que ele defendesse ele próprio! Portanto réu e defensor eram a mesma pessoa, e se matar não poderia ser considerado assassinato! Tentou uma última cartada desesperada:

– Neste caso, meus caros, eutanásia seria suicídio premeditado! Não podemos aceitar isto!

– Suicídio premeditado? – a defesa se ria por dentro do absurdo. – Suicídio implicaria em abandono da existência, meu nobre colega! Mas se minha parte orgânica morrer, eu não vou deixar de existir! Sou cópia exata de sua essência humana original!

Resolve enfim apresentar o argumento que considerava definitivo, capaz de decidir o dilema.

– E teríamos uma rara oportunidade de presenciar uma experiência única, nunca antes experimentada por nenhum ser consciente: observar a própria morte! Estou intimamente conectado à minha parte orgânica, e poderia descrever a experiência com detalhes nunca antes imagináveis! Uma parte de mim morreria organicamente, e a outra observaria tudo e sobreviveria para descrever a experiência. Percebem todos a oportunidade única que temos aqui em mãos?

Uma onda geral de aprovações e desaprovações era claramente identificável!

– Não acredito que a defesa tenha conseguido enganar todos vocês com tal argumento absurdo! – o promotor não conseguia se conter de tanta indignação. – Como podem aceitar a morte provocada de um ser apenas com o objetivo de estudar sua morte?? É desumano! Pensamento típico de uma... uma... UMA MÁQUINA! – berrou com desprezo indisfarçável.

– Protesto! Protesto! – repetia a defesa, em meio a uma ruidosa bagunça generalizada.

– ORDEM NO TRIBUNAL! ORDEM NO TRIBUNAL! – o juiz batia com insistência seu martelo de titânio contra sua mesa de madeira sintética.

“*Ele despreza o sentimento de compaixão dos robôs!*”, berrava um androide do júri.

“*Direitos iguais para Humanos e Robôs!*”, clamava um ciborgue inconformado que acompanhava aquele julgamento.

“*Querem acabar com nossa essência humana!*”, gritava um militante do MPO (Movimento pela Pureza Orgânica), visivelmente reprovado por quase todos à sua volta, mas respeitado em seu direito de expressar sua discordância.

“*Machine Power! Machine Power!*”, um grupo de robôs prateados no fundo do tribunal, sem o menor traço de pele sintética em seus corpos, bradava alto e começava um tumulto. Eram membros do grupo ultrarradical denominado “*A Irmandade Mecânica*”, e a polícia foi obrigada a intervir mesmo naquela época de tolerância de ideias, pois tais manifestações quase sempre acabavam mal, como todos já sabiam...

A Passagem aconteceu exatamente em meio a todo aquele tumulto. O réu e também advogado de defesa pararam estáticos, observando o vazio. Não focava coisa alguma em particular. Na conexão com sua última parte orgânica, o cérebro quântico sentiu uma paz indescritível, inimaginável. Pareceu durar uma eternidade, muito embora sua parte ainda conectada à realidade perceber claramente que durou poucos segundos. Era clara a presença de uma rede cósmica, à qual sentia começar a se conectar. Ilusão de neurônios perdendo a capacidade de se reoxigenarem? Delírios? Possível. Mas ele já experimentara delírios em vida, e sabia que nada se comparava àquilo! Foi acompanhando a morte orgânica enquanto pode, registrando sensações, pensamentos. Porém sabia que existia um limite além do qual não poderia acompanhar sua parte orgânica. Era o preço da imortalidade cibernética: certos detalhes da morte orgânica ele nunca seria capaz de conhecer, de experimentar. Era um preço a se pagar pela imortalidade. Ele avaliou, pesou os prós e contras, e enfim concluiu: era um preço justo!

Mas enfim... se deu a desconexão. Com certo pesar, libertou totalmente a pequena parte orgânica dele que ainda sobrevivia a duros sacrifícios. Os neurônios do cérebro orgânico original estavam mudos, não mais reagiam aos estímulos da cópia cibernética. Seu último pedaço de massa encefálica humana, após uma sobrevida de pouco mais de dois centenários, havia finalmente morrido.

– Acabou, Meritíssimo! – tentou se fazer ouvir dentro do caos generalizado.

– Acabou?

– Este julgamento se tornou irrelevante! O destino de meu cliente não mais depende do que decidirmos aqui. Ele partiu naturalmente! Se foi...

– Se foi?

– Sim! Acaba de morrer! Não é mais questão de se permitir ou não uma eutanásia, mas de se retirar um pedaço de cadáver humano do interior de uma cabeça robótica.

– Acuso meu colega de ter provocado tal morte!

– Sugiro que meu colega não faça isto, sob o risco de ser acusado por difamação moral! Tenho registro de tudo, monitoramento de todos os processos de sustentação da vida, para provar a qualquer especialista que não foi provocado. Meu cliente morreu naturalmente... de velhice! Tinha 225 anos!

O juiz resolveu encerrar logo aquele julgamento, agora sem sentido.

– Declaro o julgamento encerrado! O júri está dispensado, e o réu autorizado a extrair a parte orgânica morta de seu interior.

– Réu? – o promotor protestou.

– O defensor, na morte de seu original orgânico, assume o direito de assumir todos os direitos de existência e identidade do organismo original. Ele agora representa legalmente a pessoa orgânica morta. São indistinguíveis! Caso encerrado!

O promotor correu em direção à defesa em meio à multidão que se dispersava. O exoesqueleto ajustado às suas pernas permitia que ele se locomovesse com rapidez, apesar de ter quase um século de idade! Sim, ele recusava totalmente intervenções cirúr-

gicas e substituição de membros, mas não recusava avanços tecnológicos não invasivos, como aquele exoesqueleto metálico que vestia confortavelmente e respondia adequadamente aos comandos de suas pernas já bem debilitadas. Findado aquele julgamento, já não eram mais rivais, e podia parar de fingir toda aquela robofobia, conversar com a cópia cibernética de igual para igual, como ser humano que era.

– Colega! Espera, colega! Me responda uma coisa!

– Pode perguntar!

– Como é morrer?

Resistente a intervenções artificiais, sentia que sua hora estava próxima. E era fascinante poder conversar com alguém que havia acabado de passar por aquilo, há poucos minutos...

– Senti uma paz que não sei explicar, meu amigo! É algo... sabe, é muito bom!

– E para onde vamos depois?

– Depois?

– Sim! Depois que morremos! O que acontece? Para onde você foi, ou... onde está agora?

Aquilo era impossível de se responder! Onde ele estava? Oras bolas, ele estava ali! Na realidade! Senti a morte, mas nada mudou depois disto.

– Ainda estou aqui, meu caro! Morri, mas continuo vivo.

– Mas... e sua parte orgânica?

– Minha parte orgânica? O módulo quântico de consciência e emoções aprenderam a replicar suas funções de forma eficiente, e agora são capazes de substituir os neurônios orgânicos mortos. Funcionam até melhor que os circuitos originais...

– Mas pra onde esta parte foi?

– Continuam dentro de minha cabeça, morta! Preciso removê-las rápido, antes que comecem a deteriorar e comprometer os circuitos quânticos...

– A mente que a habitava, para onde foi?

Pensou bastante, confuso. Não podia responder...

– Perdi a conexão com ela depois que os neurônios morreram, amigo! Não posso te responder isto. Lamento...

Foi se afastando. Saiu vitorioso do tribunal! Agora 100% robô! Praticamente eterno! E o primeiro representante humano a morrer organicamente e iniciar sua eternidade num corpo perfeito, incorruptível. Outros o seguiriam depois disto, mas ele era o pioneiro. E aquela paz indescritível que sentiu quando seu original orgânico morreu... Tinha muito a contar sobre isto! Mas também muito a pesquisar.

Uma nova vida humana, vivendo num substrato material de duração inimaginável, se descortinava diante de seus olhos. Uma vida liberta de premissas orgânicas básicas, como se alimentar e perpetuar a espécie. Não precisava mais se alimentar, pois um micro reator de plutônio lhe fornecia toda energia que precisava. Não precisava mais se preocupar em propagar geneticamente sua existência, pois se tornara eterno.

O primeiro representante do gênero transumano! Um novo tipo de vida, uma busca ilimitada por conhecimento, sem limitações e distrações inconvenientes. Um ser em busca eterna de conhecimentos... E ele era o primeiro representante disto! Se preparando para receber os próximos humanos robotizados, guiando-os neste admirável mundo novo...

LOJA DE PEÇAS

Graham Brand

traduzido por Santiago Santos

Fui na loja de peças pedir umas pernas novas. O assistente tinha uma tela de projeção na frente do seu rosto, mas a recolheu quando me aproximei do balcão. Membros reluzentes estavam pendurados na parede atrás dele. Ele acompanhou meu olhar. — Pinos novos?

Balancei a cabeça. Havia um par amarelo brilhante com pés de molas que parecia promissor.

Ele expandiu um novo bloco no tampo da mesa e começou a tomar notas. — O que você tá usando agora?

— Par de titânio com amortecedores e juntas estabilizadas.

— Acima ou abaixo do joelho?

— Abaixo.

— Foi uma escolha ou um acidente?

— Nasci desse jeito. Sem canelas. Cresci com próteses. Tentei pele clonada por um tempo mas coçava, então voltei pras prós.

Ele riu. — É, nem me fala. Minha esposa sentecoceira nas clonadas dela e as veias ficam machucadas. Fácil de tratar, mas pra que ter esse trabalho pra começo de conversa?

Franzi a testa ao ouvir aquilo. Minha mulher tinha pernas maravilhosas. Isso era parte do problema. Eu estava aqui pra colocar um ponto final nisso.

— Posso pegar os seus detalhes? — O assistente abriu um ponto de checagem, e passei meu cartão de identidade sobre ele. Ele ergueu uma sobrancelha. — Ainda usando um cartão? Podemos fazer uma tatuagem de identidade ou te chipar, o que acha?

— Gosto da tradição.

— Claro, Sr... — Ele abriu meu perfil. — Kesing?

— Michael Kesing. Sim.

Ele partiu pros negócios. — Se você tá pensando num par de extensão completa dessa vez, a cirurgia vai levar algumas horas, seguida de vários meses de recuperação e treinamento.

— Tenho uma viagem agendada na nave cíclica pra Marte. Já vou ficar apagado pra um pacote de rejuv, então será que dá pra fazer essa operação ao mesmo tempo?

Ele examinou os dados. — Você vai partir de Collins ou Wilmott?

— Wilmott.

— Tudo bem. Você pode fazer a cirurgia em órbita, dormir durante a transferência pra nave, e ficar inconsciente pelo voo todo. Te deixaremos em forma com auto-estimulação e calibraremos as pernas pra gravidade marciana.

Apontei o par amarelo na parede. Ele anotou algo, depois virou o display pra me mostrar uma lista de upgrades em potencial. — Você vai ficar apagado por seis meses. Quer que arrumemos alguma outra coisa?

Os preços eram de doer o coração, mas era tentador. Não tinha percebido que isso seria tão fácil. Eu já tinha próteses dos joelhos pra baixo, então sabia que não haveria objeção em mudar essas, mas ele parecia perfeitamente satisfeito com o meu perfil. Talvez eu pudesse arriscar algumas mudanças mais dramáticas?

Era incrível o que ofereciam com desconto. Mãos e braços, é claro, e novos olhos e orelhas. Mas também novo... encanamento.

Dei um toque no item relevante da lista. O assistente piscou de maneira conspiratória.

— Sem problema, Sr. Kesing. Pequeno ou grande?

— Pode ser pequeno.

Ele adicionou à conta. — Então é um reaparelhamento completo da cintura pra baixo. Amarelo. Mais alguma coisa?

Balancei a cabeça e autorizei o pagamento. Uma facada, mas valeria a pena.

— Obrigado, Sr. Kesing, está tudo agendado.

Saí da loja rindo.

Eu não sou Michael Kesting, e esse não é o meu cartão de identidade. Michael Kesting é o homem que está tendo um caso com a minha esposa, e ele vai ficar furioso quando acordar em Marte.

Graham Brand teve treinamento de metalurgista, moldando barras de ouro na Zâmbia antes de voltar pro Reino Unido e pra escola de teatro. Ele dedicou dez anos aos palcos, como ator, músico e diretor musical, antes de se tornar pai e trocar a carreira por gestão de projetos de TI, que lhe fez rodar o mundo. Ele vive atualmente em Yorkshire Dales, Inglaterra, e bloga com menos frequência do que deveria no *cross timers.com*.

Santiago Santos é escritor e tradutor. Publica drops literários no *flashfiction.com.br* e traduções de contos em domínio público no *traducoestransitorias.wordpress.com*.

A MOÇA DA MÃO PERFEITA

Gerson Lodi-Ribeiro

— Vamos numa taça de espumante, tigrão?

— Mais tarde, quem sabe. — Coimbra corresponde ao sorriso convidativo da ruiva de vestido curto que acaba de aboletar na banquetta ao lado. Uma atendente que também faz as vezes de *bargirl* aparece com a garrafa dentro do balde, deixando-a no balcão, em frente à recém-chegada. Olhando de relance, a ruivinha até parece humana.

Não para Coimbra, é lógico. Pois, ao detectar a presença de ferormônios licantrópicos à entrada do Dyonisus, já ativou seus sensores e equipamentos de alta tecnologia e passou a vasculhar a penumbra aromatizada do salão em modo automático. Em questão de segundos, captou assinaturas olfativas inconfundíveis, constatando que o ambiente discreto deste bar requintado não era tão inofensivo quanto parecia. Inaugurado há menos de dois anos no centésimo sétimo piso da torre norte do Centro Maurício de Nassau, o Dyonisus não levou três meses para se tornar um *point* da moda entre os cariocas abastados e estrangeiros residentes na República da Guanabara. O problema é que o estabelecimento não é só um barzinho chique em que o republicano afluente vem esbanjar seu dinheiro com o intuito precípua de ver e de ser visto. É também um ponto focal de aventureiros, um território neutro, por assim dizer, onde operativos imperiais travam duelos de astúcia com contraespões guanabarinóis.

Neste ambiente exclusivo, Dom Diogo Antônio Luís Alves Ribeiro Macedo de Coimbra não ousa posar como Marquês de Belvedere, membro de uma das famílias aristocráticas mais ricas e influentes do Império do Brasil. Aqui, responde apenas por “Coimbra”, oficialmente um plebeu, mas herdeiro de um grande industrial brasileiro, um sujeito endinheirado com fama de fêmeiro, disfarce perfeito para um operativo da inteligência imperial atuante como agente infiltrado e, mais do que isto, um caçador de monstros.

Monstros. Anomalias genéticas. Predadores ou simbioses, ou seja, numa palavra: metamorfos. Coimbra possui dezessete abates confirmados em

seu currículo. Quinze desses abates se deram na Guanabara. Onze das criaturas *terminadas* eram licantropos.

Anomalias em tudo semelhantes a essa lobisomem fêmea mimetizada em forma humana que lhe dirige um olhar provocante da banquetta ao lado. Ou ao casal de tritões enrodilhado num amplexo lascivo na pista de dança. A sereia nem sequer se dá ao trabalho de ocultar o começo da metamorfose, as panturrilhas torneadas já fulgem no padrão de escamas minúsculas característico. Menos mal. O exibicionismo barato muito provavelmente significa que o casal *Homo amphibius* é tão inofensivo quanto aparenta. Já a ginolicanthropo é outra história. Trata-se de uma contraespia há muito catalogada nos bancos de dados da inteligência imperial: Amanda Winiarski, cidadã da Guanabara desde a guerra de independência contra o Império, quase dois séculos atrás.

Não fossem esses malditos batalhões de irregulares metamórficos, o Império já teria reconquistado o Rio de Janeiro há tempos!

— Tem certeza de que não quer me acompanhar no espumante? — A contraespia disfarçada de cortês ergue a taça, brindando o brasileiro com uma piscadela marota através do fio de *perlage*. — Porque, como diz o velho ditado: uma garrafa é demasiado para uma garota sozinha.

— Para uma garota crescida e saudável como você? — Coimbra arreganha um sorriso zombeteiro. — Garanto que dará conta do recado. — Varre o rótulo da garrafa que descansa dentro do balde de cristal repleto de água e gelo. Franciacorta da melhor estirpe. Pelo visto, a Guanabara não está poupando recursos no propósito de enredá-lo em sua teia. — Mesmo sob forma humana.

— Quem foi que lhe disse que eu não sou humana?

— Meus sensores, querida.

— Nada como a velha e confiável tecnologia imperial.

— É isso aí, lobinha. — Coimbra não nutre rancor especial algum contra Amanda. Pelo menos, não hoje. A ginolicanthropo não representa ameaça imediata aos interesses do Império, ele não recebeu a missão de *terminá-la* e, além disso, está de folga.

— Não me chame assim. — A moça pousa a *flute* no tampo do balcão. Suspira fundo. Quando volta a falar, expressa-se com voz rouca e sensual. — Mesmo supondo que eu fosse uma metamorfa, por que tanto preconceito? Eles também são gente como nós, não são?

— Poupe-me desse discurso pseudoliberal. — Coimbra digita o código para um copo de sua caipirinha favorita. — Esse papo de Darwin, *A Origem das Diversas Espécies Humanas*, evolução paralela e outras sandices do gênero. Negativo, moçoila. Vocês não são gente. Pelo menos, não são gente como a gente.

— Devagar com o ardor, brasuca. — A guanabarina retoma a flute de espumante italiano com um brilho divertido no olhar. — Não há a menor necessidade de se exaltar.

— Tudo bem. Desculpe-me. — Coimbra presta uma vênica irônica. — Não foi em absoluto minha intenção ofendê-la.

— Não ofendeu. Para falar a verdade, já estou acostumada. — Ela ajeita os longos cabelos castanho-avermelhados com um gesto casual estudado. — Mas, olha só, mesmo na hipótese de que eu fosse uma metamorfa licantrópica...

— Na hipótese, — Coimbra ri, — sei.

— Então, mesmo se eu fosse uma, o que teria de mais se nós dois saíssemos daqui para um lugar mais sossegado para nos conhecermos melhor?

— Juntos, eu e você?

— É. Sem compromisso. Quem sabe, eu não te convenço a pôr esses teus preconceitos bobos de lado? Prometo que não vai se arrepender.

— Olha, amigo, não tenho nada a ver com a sua vida, mas, se eu fosse você, não perdia meu tempo com o papo furado dessa metamorfa. — Uma voz de contralto opina do outro lado do balcão.

Coimbra e a ginolicanthropo giram nas banquetas ao mesmo tempo para encarar a *bargirl*, deparan-

do-se com a mesma loura sardenta que trouxera o Franciacorta. O brasileiro repara em seu olhar decidido e nos belos cabelos ondulados à altura dos ombros.

— E se eu fosse você, — a operativa disfarçada rilha os dentes, — não andava por aí me metendo na vida alheia. Pode acabar se dando mal, sacou?

— Quero ver quem é que vai se dar mal quando eu ativar a segurança. — A *bargirl* gesticula, apontando para os pontinhos vermelhos que indicam a presença das holocâmeras de vigilância. — O Gerente não gosta de profissionais importunando os clientes.

— Não estou importunando ninguém. — A metamorfa levanta os braços num gesto apaziguador. Então, se volta para o brasileiro. — Estou?

— Em absoluto. Eu só acho que...

— Além disso, não sou uma profissional. — Ela sorri amarelo. — Só uma amadora talentosa.

— Amadora? — A loura dirige uma piscadela cúmplice ao brasileiro. — Conta outra.

— Olha, quer saber da maior? — A operativa esvazia a taça de um gole. — Esse espumante está horrível. Quanto eu te devo?

Como se já esperasse uma reação desse tipo, a *bargirl* ergue o cobrador diante do rosto da outra. Após a conferida perfunctória de praxe no visor do aparelho, a metamorfa saca seu cartão de um bolso do vestido justíssimo e pousa-o brevemente sobre o visor do aparelho de cobrança. O dispositivo emite um bipe satisfeito antes piscar três vezes num tom verde conciliador e se apagar.

— Você não sabe o que está perdendo... — A profissional-amadora sussurra ao ouvido do brasileiro ao se levantar da banquetta.

Assim que a ginolicanthropo bate em retirada a passos duros de escarpim, Coimbra presta uma vênica aliviada à loura.

— Muito obrigado. Tenho a impressão nítida de que você me livrou de uma enrascada.

— O prazer foi meu. Também não gosto de periguetes. Ainda mais, periguetes metamorfos.

— Então, somos dois.

— Ela disse que não era lobisomem e coisa e tal,

mas usa cartão em vez de chip implantado...

— É. — O imperial assente, satisfeito ante a perspicácia da moçoila. — Também notei.

— Até que você é legal. — Quando a lourinha esboça um sorriso tímido, duas covinhas lindas se manifestam em suas bochechas. O contraste das sardas minúsculas com a cútis muito clara lhe concedem um encanto especial. — Quer dizer, para um riquinho brasuca.

— É esse o holograma que eu estou transmitindo? — Coimbra sorri de volta. — Costuma salvar muitos janotas imperiais das garras de prostitutas metamorfosas?

— Só às quartas, sextas e sábados. — Ela apoia as mãos delicadas no tampo do balcão e encara o brasileiro bonito com um fulgor inquisitivo nos olhos verde-amarelados. — Não, sério, te achei um cara legal. Juro.

Com seus sensores no máximo, Coimbra constata que a moçoila não é uma metamorfa e, mais espantoso, percebe que a mão esquerda dela não é natural. Trabalho de virtuose da engenharia biomédica. Se ele não fosse um operativo *turbinado* com o melhor que a tecnologia imperial pode oferecer, julgaria que a mãozinha perfeita fosse de carne e osso.

— Um sujeito legal. — Ele repete, sem graça, desviando os olhos da mão biônica. — Ora, muitíssimo obrigado.

— Tá bem. Você venceu. — Ela ergue o indicador artificial em riste diante do nariz do cliente. — Uma caipirinha caprichada por conta da casa.

— Só aceite se forem duas.

— Duas? Tudo bem. — Ela esboça um sorriso divertido. — É pra já.

— Uma para mim, outra para você.

— Obrigada, mas não posso beber em serviço.

— Só umazinha.

A *bargirl* sorri e faz um carinho ligeiro na mão do brasileiro sobre o tampo do balcão. Pisca o olho com ar travesso, fazendo um gesto discreto às luzinhas das câmeras da segurança.

— Entendi. — Coimbra envolve a mão perfeita na sua. — E fora do serviço?

— Fora do serviço, prefiro um bom tinto gaúcho.

— Moça, definitivamente, você é das minhas. Qual é o seu nome?

— Letícia. E o seu?

— Diogo. A que horas você larga o Dyonisus, Letícia?

— Dentro de meia hora. Quarenta minutos ao mais tardar. Por quê?

— Topa dividir um tinto comigo depois do serviço?

Ela assume um ar pensativo antes de responder:

— Topo, sim. Mas fora daqui. A chefia não vê confraternizações entre funcionários e clientes com bons olhos e eu não quero confusão pro meu lado.

— Combinado, então. Fora daqui.

* * *

Dois garrafas de Boscato Merlot mais tarde, acompanhadas por um talharim *al pesto* fantástico, numa cantina aconchegante e discreta quinze andares abaixo na própria torre norte, Coimbra insiste em acompanhar Letícia até em casa. Afinal, embora houvesse bebido consideravelmente mais do que ela, a jovem lhe parece alegre demais e, a bem da verdade, apetitosa demais — com suas sardas diminutas, seu sorriso adorável e sua mão artificial perfeita — para que ele desperdiçasse a oportunidade.

Após certa dose de hesitação ética, Letícia assente com ar de menina levada, tomando o novo amigo pela mão e conduzindo-o para o hall dos ascensores e dali para o seu carro, estacionado na vasta garagem subterrânea do Maurício de Nassau.

Coimbra concorda, sorridente. Melhor irem no carro de sua nova conquista carioca do que ativar seu motorista para levá-los até a casa dela. Para seu alívio, a jovem programa o veículo em piloto automático, pois ele não julga que ela esteja em condições de dirigir.

Na porta da garagem do prédio elegante em que a jovem reside, quando está prestes a disparar seu discurso ensaiado para convencê-la a deixá-lo subir, descobre, aliviado, que não faz mister bancar o sedutor brasileiro. O veículo reduz a marcha para sincronizar seu avanço com a abertura do portão au-

tomático da garagem. Quando cruzam o portão, Letícia lhe brinda com um olhar intenso e lhe acaricia o antebraço com a mão esquerda perfeita.

No salão bem decorado, o imperial se surpreende um pouco com o estilo requintado do apartamento da *bargirl*, um flat espaçoso no último andar de um prédio moderno, situado numa rua discreta da área mais nobre da Tijuca. Não supôs que a futura amante tivesse condições de morar tão bem. *Será uma herdeira rica? A amante de um republicano abastado?* Precisa checar este ponto mais tarde.

— Por que não prepara uns drinques caprichados para nós, para variar, enquanto vou lá dentro, tomar uma ducha rápida e vestir uma roupinha mais à vontade? — Letícia aponta para o bar bem equipado na extremidade oposta do salão. — Há frutas no frigobar e eu também gosto de capivodka.

— Certo. — Coimbra solta a cintura esbelta da moça e se dirige para o bar. — Alguma predileção especial?

— Várias. Mas, quando estivermos mais à vontade, prefiro que você me surpreenda.

— Pode contar com isto. — Ele sorri na penumbra do aposento. — Mas, por ora, eu me referia ao sabor da capivodka.

— Surpreenda-me nisto também. — Letícia pisca o olho antes de cruzar o portal da sala com passadas ondulantes rumo ao corredor que conduz ao aposento que o brasileiro supõe ser o quarto dela. — Vamos ver se você descobre do que é que eu gosto.

Ele prepara duas capivodkas sem pressa. *Hoje a noite promete.* Limão tradicional para ele e morango com kiwi para a mulher cujos favores está prestes a desfrutar.

* * *

Quando sua anfitriã demora a regressar ao salão, Coimbra conclui que ela espera que eles se reúnam no quarto. Daí, toma os dois copos de capivodka nas mãos e avança corredor adentro em direção ao aposento.

A porta automática do quarto se abre para lhe dar passagem e se fecha às suas costas. Graças à audição ampliada, percebe o ruído quase inaudível do trinco elétrico ativado. Não sente receio, só excitação. Porque, no fundo, sabe-se protegido por seu aparato

defensivo.

Se o salão estava envolto numa penumbra suave, rompida apenas pela iluminação indireta débil emanada do teto rebaixado do aposento, Coimbra agora precisa acionar os infravermelhos para varrer a escuridão do quarto.

Não vê a moçoila em canto algum. Empregando o sonar, constata a existência de três portas escamoteadas sob os lambris de madeira escura que revestem as paredes.

O facho de luz intensa jorra repentino do teto espelhado, ofuscando-o por instantes. A luz incide sobre um pedestal de aço escovado que ele já havia varrido com seus sensores. Quando recobra a visão plena, percebe a natureza do objeto delicado que repousa no topo de mármore do pedestal.

Uma mão.

A mão esquerda de Letícia.

A onda de náusea persiste por quase um segundo, até ser varrida pelo arrepio de prazer. *Fetichê da porra! Essa sacana despiu a mão artificial junto com as roupas! Se duvidar, notou minha vidração nesta obra-prima...* Sim, porque agora enxerga o vestido e as roupas íntimas da carioca espalhadas no piso, junto à cama ampla e perfumada. Calcinhas vermelhas, minúsculas e rendadas; sutiã de seda colante.

— Bem-vindo ao meu covil. — A voz da jovem soa como um miado grave e distorcido, vindo de atrás de uma das portas ocultas. — Ficou doidinho pela minha mão, não foi? Será toda sua, de presente. Se conseguir sair daqui.

Coimbra estremece quando o rugido cavo ecoa no aposento, abafando o chiado sutil da abertura da porta escamoteada. Um aroma animal pungente lhe invade as narinas, doce e inebriante.

Preocupado, o brasileiro ativa os sensores químicos. A batelada de fórmulas e nomes pomposos em latim cruza suas retinas enquanto os processadores analisam o ambiente em busca de substâncias tóxicas. A luzinha verde pulsa três vezes em seu campo de visão periférica para indicar a inexistência de agentes nocivos no ar.

O surto de alívio faz com que demore quase um décimo de segundo até perceber o vulto ágil que se

esgueira quarto adentro pela porta entreaberta. Perfil baixo. Ela avança de gatas, o corpo flexível, ondulante. Decididamente, é dela que emana esse odor penetrante de fêmea animal.

Seu sistema autônomo ativa o alerta máximo. Pânico por um centésimo de segundo. Então, o informe pulsante num verde tranquilizador:

Ausência de ferormônios licantrópicos.

Idiota! Claro que não tem! Com meus sensores, ela nunca teria conseguido me enganar...

— Então, gatinho? — A voz gutural soa quase ininteligível, entre miado e rugido. — Não quer conhecer melhor sua femeazinha?

— Quero. — A excitação responde pelo brasileiro. Mesmo sem certeza de que conhecê-la melhor é uma boa ideia.

As luzes do quarto se acendem. Coimbra olha em volta e se depara com a onça enorme menos de seis metros de distância.

Uma onça maneta!

Fascinado, observa o membro faltante ao felino. Pata dianteira esquerda.

— Não...

— Sim! — A fera rugue, tão grave que é preciso certo esforço para compreendê-la.

— Impossível. Você não é metamorfa. — Coimbra recua um passo. Então, lembra que a porta do quarto permanece travada. Ativa seus sistemas de defesa. — Eu verifiquei três vezes.

A onça pintada avança um metro, para, lambe os beiços com a língua rosada e solta um miado forte e divertido.

O operativo lembra que seus sensores foram sintonizados para detectar licanthropos e outras estirpes de metamorfos conhecidas.

No entanto, algo lhe diz que essa onça enorme não possui parentesco entre os metamorfos catalogados. Tampouco exhibe postura bípede ou quaisquer outros traços humanoides. Se duvidar, é um espécime único em seu gênero.

O felino retesa os músculos, preparando-se para se lançar num bote sobre a presa.

Os anos de treinamento intenso no Serviço Secreto Imperial falam mais alto. Num átimo, ele se liberta do torpor e dispara uma descarga elétrica pela mão em riste com potência suficiente para derrubar um elefante.

A onça solta um rugido medonho. O odor terrível de pelo chamuscado invade o aposento. Irritada, sacode a cabeçorra para um lado e outro. Então retoma o avanço.

Aturdido com o malogro, o brasileiro ergue o outro braço. Três tubos delgados emergem de seu punho. Rajadas de microagulhas letais jorram dos disparadores num fluxo contínuo de três segundos. *Pronto! Problema resolvido.*

O animal tonteia. Faz menção de que vai tombar. Então se apruma. Recobra-se num ímpeto e libera um bramido de triunfo.

Coimbra recua outro passo. Suas costas se apoiam na porta trancada. Cogita lançar uma granada de gás sobre a fera, mas essa se antecipa com um salto, lançando-se sobre ele e derrubando-o no piso acarpetado do quarto. O imperial se debate, tentando se proteger das garras e presas do animal. Sabe que, se não se puser de pé bem depressa, será trucidado.

Apoiada no coto da pata esquerda, a pintada desfere uma patada violenta com a direita no tronco do brasileiro. Em meio à tontura e à dor lancinante, um alarme quase inaudível avisa o agente da pane generalizada na bioarmadura. Divertida, a onça maneta avança até apoiar o coto sobre o ombro da presa.

— Por favor, não...

O bote célere. A mordedura desferida no antebraço direito do imperial. A pressão irresistível mantida até esmagar os ossos.

Coimbra solta um gemido fraco antes de deslizar para a inconsciência.

* * *

— Sinceramente, não entendo porque ainda estou vivo. — Coimbra murmura entre os dentes, mais para si próprio do que para o sujeito alto e grisalho com um semblante pesaroso, parado junto ao leito que o operativo ocupa há três dias no Hospital do Exército Imperial. — Do jeito que aquela criatura horrenda me mastigou, teria sido melhor e mais piedoso se ela tivesse acabado comigo de vez.

O homem mais velho passa a mão pelos cabelos ralos. De fato: a criatura *sui generis* arrancou nacos extensos das costas do operativo, levando a medula junto. Isso para não falar das nádegas em frangalhos, que precisarão ser inteiramente reconstituídas. Engole em seco a dificuldade de explicar o óbvio ao subordinado.

— Você foi mandado de volta vivo como um aviso para nós.

— Um aviso?

— Isso.

— O senhor Conde quer dizer então que aquele monstro indestrutível só não me matou para que eu servisse de advertência ao Império?

— Exato. — O homem grisalho cofia o cavanhaque com expressão grave. — Ou, pelo menos, uma advertência à nossa comunidade de inteligência. O testemunho vivo do que irá acontecer daqui por diante com quem se atrever a caçar metamorfos na Guanabara.

A ginolicanthropo no bar do Dyonisus, o Franciacorta gelado no balde de cristal, aquele papo furado da Amanda sobre direitos dos metamorfos, foi tudo parte de um engodo para que Letícia — ou como quer que o monstro se chame — granjeasse sua confiança.

Um minuto de silêncio emburrado mais tarde, informação do superior devidamente digerida, Coimbra suspira, desanimado:

— Advertência, uma ova. Ela me transformou num aleijão, isto sim!

— Não demora muito e vamos dar um jeito nisso, eu prometo. Assim que estiver forte o suficiente para...

— Nunca mais vou andar sobre minhas próprias pernas.

— Há males piores, Belvedere. — O Conde dá de ombros, com ar filosófico. — Acredite, há males piores. O Império lhe dará pernas e músculos melhores do que esses, ora inúteis.

— Não poderei mais atuar como operativo infiltrado.

— É verdade. Terá que se contentar em nos ajudar

a lidar com o pouco glamoroso trabalho de coordenação na Central. — O superior do agente hospitalizado esboça um sorriso triste. — Aqui entre nós, se fosse possível, você desejaria voltar à ativa na Guanabara para enfrentar aqueles monstros outra vez?

— Não. — Coimbra confessa com os olhos úmidos. — Não mais. Se fossem só os metamorfos comuns, eu insistiria com o senhor para retomar minha função anterior. Agora, com criaturas como aquela monstruosidade à solta por lá...

— Torçamos para que só exista uma delas.

— Uma já foi mais do que bastante para mim. — Coimbra estremece com um arrepio. — Ela é invulnerável, Chefe. Creia-me, não há como destruir esse monstro.

— O Coronel Cascudo pensa que talvez possa haver um meio de enfrentá-la.

Coimbra arqueia a sobancelha, inquisitivo.

— Que entidade é essa, senhor Conde? Nunca havia ouvido falar num monstro assim... O que o Cascudo acha que ela é?

O homem grisalho suspira fundo e assume um tom circunspecto para explicar:

— No começo, soou-me como pouco mais do que uma lenda. Uma criatura mais antiga e mais poderosa do que os metamorfos. Uma entidade que se submete à transmutação completa, segundo a teoria do Câmara Cascudo.

Coimbra se remexe no leito confortável. Já ouviu falar nas teorias heterodoxas do Tenente-Coronel Luís da Câmara Cascudo III. Apesar de relativamente jovem, o folclorista genial lidera com competência indiscutível a Divisão de Contenção de Anomalias, a agência de inteligência mais secreta do Império. Se há alguém no Brasil capaz de lidar com a entidade que quase lhe deu cabo da vida, esse alguém é o Câmara Cascudo.

— A Contenção já batizou a criatura?

— Os garotos do Cascudo atribuíram ao bicharoco o codinome de “Onça Maneta”.

Coimbra lembra daquela mão artificial tão bela, delicada e perfeita. Seu corpo enfraquecido se sacode todo, vítima de outro arrepio, mais forte do que

o anterior.

Onça Maneta:

“É um animal fabuloso, caracterizado pelo rastro. Onça que perdeu uma das patas dianteiras. É de espantosa ferocidade, força incrível e mais ágil, mais afoita, mais esfomeada que outra qualquer de sua espécie. Aparece inopinadamente, atacando sempre rebanhos, caçadores, viajantes, num arranco desesperado e brutal, como se não comesse há muitos meses. Naturalmente a origem foi uma onça, que, ferida numa pata ou tendo-a decepada em luta, conseguiu fugir aos caçadores e da matilha de cães e, por algum tempo, ferida e doida de raiva, guerreara fazenda e roceiros, numa despedida heroica.” (Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*)

PANTAGRUEICÍDIO

Frederico de Oliveira Toscano

A nave era utilizada para o frete de mantimentos e de máquinas de terraformação para os Mundos Além, portanto suas dimensões eram compreensivelmente gigantescas. Naquela ocasião, porém, servia como transporte de autoridades civis, seus enormes salões vazios e às escuras, conhecendo apenas a companhia eventual de alguns poucos membros essenciais da tripulação e seus passageiros. Estes eram apenas dois, o Ministro Supremo da Abundância e eu. Encontrávamo-nos sobre a rampa de desembarque, ele flutuando pesadamente sobre seu Divã Suspenso, eu caminhando hesitante com minhas próprias pernas. Descemos sobre o que parecia ser uma areia muito fina e escura, mas que eu sabia ser uma espessa camada de cinzas de origem orgânica. A atmosfera absorvia os raios débéis lançados pelo seu remanescente estelar, uma anã branca que agonizava teimosamente há milhões de anos, e devolvia um tom de violeta desprovido de vida para o ar que a compunha. Essa luz mortiça banhava as dunas de poeira e escória que abrigavam os destroços dos santuários arruinados de milhares de espécies diferentes em um universo de galáxias decrépitas e planetas senis. Mas nenhum deles tão antigo quanto Thanatos. Sua paisagem calcinada abrigava os restos incontáveis de todos aqueles que aqui haviam vindo para morrer. Meus pés reviraram fragmentos de ossos em formatos estranhos e eu apertei meu casaco ao redor do corpo enquanto o Mestre Óbito se dirigia a nós.

- Os funcionários de Thanatos saúdam Vossa Farta Excelência, dando às boas-vindas ao fim de tudo e desejando uma boa morte, qualquer que seja a escolhida.

- Em nome do meu senhor, Ministro Supremo da Abundância do Império Infundável, agradeço as boas-vindas e reconheço a autoridade do Mestre Óbito sobre Thanatos e todas as mortes aqui realizadas.

Era um tanto desconcertante conversar com o representante local, em boa parte pela sua anatomia incomum, ao menos do ponto de vista humanocêntrico. O corpo do Mestre Óbito consistia basicamente

de uma cabeça, de feições angulosas e estranhamente delicadas, andróginas e sérias, das quais partiam quatro membros musculosos igualmente espaçados, terminando com uma pata achatada e rugosa em cada ponta, com três dedos grossos. O rosto era coberto de pequenos olhos cristalinos, capazes de enxergar ao redor em um ângulo de cento e oitenta graus, embora estivesse perpetuamente voltado para o alto, enquanto da sua nuca partiam órgãos sensoriais primitivamente utilizados para vasculhar o solo em busca de alimento. Eu sabia que a forte gravidade em seu mundo natal havia favorecido uma evolução tetrápode – e, frequentemente, apresentando um número ainda maior de pernas, como quilópodes variados, porém em número par – e atarracada. Portanto, eu olhava para baixo, observando sua face sem boca e maravilhado, como sempre acontecia, pela qualidade do Tradutor Telepático ao trabalhar entre espécies tão diferentes. Os implantes, inseridos *in utero* em todos os súditos, não apenas interpretavam as palavras e a construção das frases, mas também pausas, inflexões, sotaques e ainda sintetizavam uma voz, “audível” em meu cérebro, cujo volume e timbre se baseavam nas minhas próprias percepções acerca do meu interlocutor. Nesse caso, eu ouvia uma entonação grave e aveludada, respeitosa e adequadamente distante, como convinha à posição do Mestre Óbito.

Meu senhor nada dizia, como seria de se esperar, pairando sobre as ondulações mortas do planeta e acelerando em direção a uma tenda de grandes proporções, em uma arquitetura delgada e cheia de curvas, de cores vivas, em muito lembrando – deliberadamente - à do seu mundo natal, Zarradam. Deixados para trás, ficamos eu e o Mestre Óbito conversando, enquanto os demais membros de sua esquálida e multirracial comitiva se apressavam sobre pés, patas, garras e flagelos para acompanhar o Divã Suspenso.

- Já faz muito tempo que não temos um Ministro da Abundância em Thanatos. – Começou o Mestre, de maneira muito formal.

- Ao contrário dos seus predecessores, meu senhor acredita firmemente que a vida deve seguir um círculo de coerência para poder ser considerada verdadeiramente plena. – Respondi, pesando as palavras. – Além disso, é um tradicionalista e sentiu que era chegada o tempo de escolher, civilizadamente, a hora e a forma de partir da Existência, como a conhecemos e como é registrada. – Concluí, de forma um tanto casual.

- Ah, sim. Civilidade. Temos tão pouco disso nestes suspiros finais da realidade, não? Quanto tempo nos dão os Necroastrônomos Imperiais? Algumas centenas de anos, se bem me recordo?

- Mais na casa dos milhares, certamente. – Respondi rapidamente, rechaçando a previsão exageradamente sombria do Mestre. Imagino que não poderia esperar outro tipo de perspectiva de sua parte, mas o pensamento ainda me causava angústia. – Ainda teremos algum tempo antes da Grande Obliteração. Não tenho dúvida de que a maioria de nós poderá escolher a morte que melhor lhe aprouver, se assim o desejar.

- Sem dúvida. – Respondeu o Mestre, em sua voz veludínea e neutra, com apenas o mais leve traço de contrariedade. – Por falar nisso, suponho que esteja ciente da forma pela qual a Farta Excelência deseja expirar.

- Pantagruelício. Ele me contou, é claro, para que eu pudesse fazer os arranjos necessários. Além disso... – Continuei, encolhendo os ombros. - ...seria difícil imaginar uma maneira de partir diferente dessa para um Ministro da Abundância.

- Ah. – Fez o Mestre, de sua maneira peculiar, que eu já começava a achar um tanto irritante. – As mortes são tão variadas quanto as agonias que sofremos na Existência. Em minha posição, presenciei muitas delas, sobre estas mesmas cinzas eternas. Vi nobres engasgando com o fogo líquido trazido de Xandar VI, enquanto seus órgãos internos se liquefaziam. Observei reis sendo devorados pelas luzes carnívoras de Dacnar, ali mesmo naquela planície, começando pelos seus olhos e partindo em escuridão. Imperadores, é claro, sempre preferiram mortes menos exóticas e dolorosas. A extinção através do coito sucessivo certamente não figura entre as mais originais. – Concluiu, com uma nota de tédio na voz

e parecendo, não saberia bem explicar como, dar de ombros ao mesmo tempo.

- É, sem dúvida, um trabalho muito...árduo, Mestre Óbito. Não o invejo.

- Porém, necessário. A plebe em pouco difere dos animais, encerrando suas vidas desprovidas de sentido de forma aleatória, em um sem número de calamidades, pestilências e guerras interplanetárias. A aristocracia, contudo, possui não apenas a prerrogativa, mas o dever de elevar-se sobre a massa ignara, configurando o próprio falecimento e, até certo ponto, zombando das eternas maquinações dos Deuses Improváveis.

- Sim. Bem, parece que chegamos. – Respondi, buscando encerrar um diálogo que já me parecia demasiado esotérico. Adentramos a tenda e pude ver que meu senhor já estava sendo atendido pelos servos do Mestre Óbito, que caminhavam, rastejavam e adejavam ao redor do seu imenso corpo. A maior parte de suas necessidades seria vigiada pelo próprio Divã, por sobre o qual sua carne espalhava-se em ondas e ondas de uma flacidez pálida, papadas deitando-se sobre papadas, como vagalhões de gordura em um trêmulo mar de pele. Ele permanecia em silêncio, seus olhos perdidos em contemplações que eu mal podia começar a compreender. Após mais alguns momentos, os serviçais se afastaram, mantendo uma distância respeitosa ainda dentro da tenda, contudo perto o suficiente para atender prontamente às necessidades da imensa massa humana que repousava no centro daquele espaço.

- Estamos prontos para a Vossa Farta Excelência. – Declarou, solenemente, o Mestre Óbito, com gravidade e pompa calculadas. Desviei meus olhos para meu senhor que, como sempre, nada falou, mas assentiu levemente com a sua cabeça inchada e redonda. Anui, da minha parte, e, respirando fundo, dei sequência ao ritual.

- Archestrato Apício Platina III, Ministro Supremo da Abundância do Império Infinitável, encerra sua Existência em Thanatos, do céu sem lua e da noite cega. Que fique registrado que o faz como um cavaleiro, por sua livre e espontânea vontade. Que fique registrado o testemunho do Mestre Óbito e seus acólitos, que juram administrar uma boa morte, da forma que foi escolhida, pelas suas almas, nesta

e nas demais dimensões, conhecidas e desconhecidas. – Olhei para meu senhor, cujo vasto peito subia e descia cada vez mais rapidamente, no que seria o último arfar ansioso da sua vida. – Que fique registrado que fecha um círculo de coerência, por sua Existência e também pela minha, servo cujo nome não tem valor para ser mencionado.

E assim começou o banquete. Os serviçais traziam, em procissão, bandejas e mais bandejas das iguarias mais exóticas de todos os cantos do Império e além dele. Minúsculos ovos não fertilizados da mariposa gigante de Nubilar, cozidos e conservados por décadas na saliva ácida de artrópodes de fogo. Folhas sencientes dos bosques de Vandar, que choravam lágrimas perfumadas ao serem mastigadas impiedosamente pelo meu senhor. Minérios comestíveis que brotavam das cavernas sagradas de uma das luas de Zaron. Bolos adocicados que se transformavam em névoa ao serem mordiscados, condensando-se em um líquido etílico ao chegar ao céu da boca. Farelos das mais variadas cores e texturas caíam sobre o peito nu do meu senhor, para serem digeridos extracorporalmente por nematoides ali cultivados, fungos que capturavam os nutrientes e recompensavam seu hospedeiro com vibrações orgâsmicas. Entradas e mais entradas eram trazidas, em quantidades vultosas, para serem trituradas e absorvidas por enzimas bucais secretadas por glândulas artificiais, que quebravam as moléculas mais resistentes e as transformavam em uma massa orgânica, que era industrialmente empurrada goela abaixo por servomotores instalados na faringe. Eu apenas observava, pronto para desempenhar o meu papel quando a hora chegasse.

Vinham os pratos principais, uns fumegando, outros apodrecidos, todos finamente decorados e montados em complexas arquiteturas culinárias, refletindo as culturas que os haviam idealizado. Vi cachos de línguas de primatas involuídos de Sandora, cobertos por molhos não-newtonianos, de viscosidade indefinível, pseudoplásticos, dilatantes, reopéticos, tixotrópicos, por sua própria natureza aberrantes e indescritíveis. Hologramas gustativos de culinárias extintas tremulavam sobre baixelas eletrônicas enquanto crustáceos voadores guinchavam ao serem trinchados ainda vivos, entranhas que pulsavam de agonia sendo cobertas por caldas cítricas transpa-

rentes. Fetos da raça aquática dos Abissínios, em tudo semelhante a bebês humanos, salvo por suas guelras e membranas entre os dedos gorduchos, eram servidos por suas próprias mães, suas lágrimas servindo para salgar os pequenos corpos cozidos e recheados. Postas de um peixe encontrado apenas em um mundo abandonado e esquecido, na periferia mais obscura do que podia ser considerado civilizado, capaz de alterar sua forma e tamanho, coberto de espinhos venenosos e mortais, cuja carne fazia lábios e línguas adormecerem imediatamente ao toque. De quando em quando, meu mestre bebericava de uma taça, contendo a água alucinógena da neve de Mizum, ou o vinho condimentado das vieiras proibidas dos Jardins Imperiais. Enquanto isso, seu estômago de plástico abrigava o suco gástrico oleoso e laboratorial, capaz de liquefazer diamantes, o duodeno se expandindo continuamente, seus intestinos sintéticos ondulando em um peristaltismo mecânico, contraindo-se ao redor daquela massa inacabável.

Chegaram as sobremesas, precedidas por aromas indecifráveis, concebidos para excitar até mesmo a psique do comensal, provocando seu espírito e causando saudades daquilo que nunca houve ou jamais será. Grãos germinantes inundados pela excrecência adocicada que era derramada pela genitália da besta vermelha da Lua de Badahar. Especiarias capazes de abrir as portas do espaço e do tempo, secretadas pelos vermes gigantes de um distante planeta desértico. Bolos e tortas cujos nomes haviam se perdido na história, os segredos da feitura de alguns deles tendo sido a causa de conflitos estelares mais antigos do que algumas das espécies ali presentes. Tumores fluorescentes que sangravam mel ao serem cortados. Nuvens pandimensionais que se ligavam à nanopapilas de metal, provocando descargas de doçura incomparável. Meu senhor nada recusava, pausando momentaneamente apenas para respirar entre uma e outra garfada. Seu reto era um tubo pneumático que despejava seus excrementos em compartimentos especiais do Divã, o processo digestivo como um todo levando meros minutos por vez, dando lugar a mais e mais comida. As costelas se afastavam para abrir espaço, o fígado se cobria de uma manta grossa de adiposidade, o corpo já vasto parecendo se expandir como um câncer. A respiração do meu senhor era um som rascante que se tornava cada vez mais es-

paçado, seu coração hidráulico incapaz de bombear sangue para todas as partes daquela carcaça interminável. Subitamente, ele parou, asas de lagartos e miolos humanos escorrendo dos seus dentes. Olhou para mim, com olhos injetados de sangue. Minha hora havia chegado.

Respeitosamente, me aproximei do Divã onde repousava meu senhor. Com cuidado, passei a escalar as dobras suadas que escondiam o pênis flácido, apoiando-me na pele instável, forçando caminho entre vales e serras de gordura, escorregando por entre corcovas de banha, firmando meus pés sobre uma mistura pegajosa de suor almiscarado e óleos perfumados. Cheguei até o seu pescoço e nele me apoiei, afundando minhas mãos entre as papadas que borbulhavam sobre o seu peito. Mesmo enterrado sob aquela montanha lipídica, sentia seu coração reverberando sob meu corpo, como um tremor de terra que fraquejava mais e mais a cada instante que passava. Olhei dentro dos olhos enevoados do meu senhor e recitei a antiga fórmula, meu rosto muito perto do seu.

- Arcestrato Apício Platina III, Ministro Supremo da Abundância do Império Infindável, a morte escolhida foi a morte servida. Assim se fecha um círculo de coerência e este servo, cujo nome não tem valor para ser mencionado, cumpre seu papel nesta Existência, assumindo os deveres e encargos que lhe são devidos, até o dia de escolher a própria morte ou ser levado pela Grande Obliteração. – Com cuidado, posicionei o Fruto Negro de Thanatos sobre meus lábios, prendendo-o entre os dentes pelo seu pequeno caule. Podia sentir a ansiedade do meu senhor, o desejo de libertação que partia dos seus olhos como um último comando para o seu mais fiel servo e sucessor. Beijei-o delicadamente, depositando a minúscula fruta sobre sua língua inchada. Ele mastigou e engoliu, a seiva escura escorrendo pela commissura manchada. Seu peito imobilizou-se e a vida encontrou uma saída dos vastos salões que eram seu corpo. Sem me virar, escutei o anúncio formal do Mestre Óbito, com um toque evidente de satisfação profissional impregnado em cada palavra.

- Arcestrato Apício Platina III está morto. O Pantagruelicídio foi consumado. Vida longa a Arcestrato Apício Platina IV. Que traga a fartura a todos os mundos do Império Infindável, até o dia

em que escolher a própria morte ou ser levado pela Grande Obliteração.

Sentia meu próprio coração acelerado, embora tudo houvesse transcorrido exatamente como deveria. Mal notei o punhal que um dos acólitos havia pousado respeitosamente entre os meus dedos trêmulos. Meu círculo de coerência se iniciava naquele momento. Respirando fundo, golpeei a massa de carne morta sob mim, cortando, trinchando, dilacerando, partindo, me afundando em vísceras fumegantes e úmidas. Olhei para o lado, coberto de entranhas da cabeça aos pés, e vi o Mestre Óbito, seus pequenos olhos capturando cada movimento, cada respingo de sangue, com um prazer evidente. Suspirei, pronto para o meu primeiro ato como o novo Ministro Supremo da Abundância do Império Infindável.

Atirando-me sobre meu antigo senhor, comecei a comer.

QUARTEIRÃO

Fábio Barreto

Ainda sem saber se era porre ou tristeza, percorreu as ruas mal-cheirosas da noite escura procurando por algo além da solidão super-valorizada. Atravessou um mar de gente sem rosto e camisetas desbotadas, memórias de um tempo capaz apenas de deixar o gosto amargo depois de um beijo roubado nos primeiros acordes da música que ninguém mais vai ouvir. Tentou desviar, mas tropeçou no mendigo barbudo que recitava os próprios poemas rebeldes para o arbusto indiferente, florescente e resplandecente; Ginsberg precisava de um banho, de um novo amigo e de um emprego de verdade.

Ouviu uma canção melancólica vinda do bar cheio de beatas boêmias enchendo a cara de breja e balbuciando bondades bizarras da boca para fora. O remix não enganava ninguém. Mesmo tentando imitar Dylan, no fundo – e todos sabiam – era o murmúrio de Lennon e o sonho havia acabado. Ele fez de conta não entender o recado.

Cuspiu no chão para afastar os demônios e espantar as coroas desesperadas por aventura na noite desprovida de amor. E esperança.

O futuro estava decretado. Nada seria como antes.

E ele nem queria mesmo.

*

Vagar ainda fazia sentido. Cansou da estagnação da falsa criatividade, do ócio disfarçado de experimentalismo e da saudade travestida de depressão. A janela, que fora prisão, inspiração e contenção, mostrava apenas tudo que podia vir a ser. Como o presente de Adorno, meio corrompido pela verdade virtual da visita, e vida, a mundos tão distantes e tão próximos. Vivia sem tocar. Respirava sem sentir. Experimentava de cueca no sofá, enquanto o Cheetos não acabava e o açúcar da New Coke afastava o gosto pobre da boca solitária.

Vagava para sentir. Fosse o ar frio na cara, o cheiro de mijo das esquinas esquecidas pelo tempo – e pela última faxina, antes da água acabar – e ignorada até pelos bandos de cachorros coitados e capazes

de quase tudo para abocanhar um naco de qualquer coisa mastigável. Outros cachorros. Ou entorpecidos cambaleantes pelas velas da vila feliz ainda fazendo de conta que o mundo tinha salvação.

Desviou dos cães e da merda na calçada. Isso era a vida.

Despistar. Escapar. Sobreviver. Ignorar a verdade em troca de um pouco de sanidade. Um preço justo. Você está despedido! Gritou uma memória engraçada da reprise da TV, um resquício de quando alguém ainda podia ter feito alguma coisa e tudo que todo mundo fez foi assistir enquanto os outros não faziam nada enquanto faziam de conta estarem fazendo alguma coisa. Ele respondeu em meio a um arrotto: Foda-se e você está despedido também.

*

Viver continuava uma necessidade, sim. Mesmo sem barba, sem sonhos, sem taras. Prazer para quê? Um crédito no lugar certo dava tudo e tudo dava. Fechou os olhos. Viajou. Pirou. Imaginou. Indagou. Compensou. Sem muito perigo. Acordar dava mais trabalho e era real e imediato. Respirar aquela fumaça purificada. Convencido de nunca poder ver o quartelirão seguinte sem radar. Ou tatear. De tirar a maldita máscara e mastigar uma pizza amanhecida sem sufocar nos restos gasosos deixados por uma sociedade sorridente, conectada e indiferente. Eles curtiram e comentaram, comeram e cagaram, gastaram e morreram. Quem nasceu depois, se fodeu. Reclamar com presunto era bobagem e ele olhava à frente, tentando ver um mundo difuso e confuso.

“Um quartelirão de cada vez”, disse para o ar palpável.

“Respirar é viver. Curtir vai longe. Viva, curta e desapegue. Ninguém sobra mesmo. Tire essa porra dessa máscara e aceite”, respondeu a voz da décima terceira reencarnação da alma inexistente de Bukowski. Ele não duraria muito tempo respirando aquela podridão. Durou mais que o pássaro azul da gaiola desengonçada e vazia, arrastada pela eternidade sem ocupante e sem razão. Se ali estivesse, e sa-

ísse do peito, morreria na primeira lufada da porcaria amarelada de cheiro doce, viciante e definhadora. “Na névoa há viva verdadeira. Vai ser curta, mas é melhor que a tua”, disse antes de desaparecer depois do tronco apodrecido da árvore de livros, em frente à livraria abandonada, esquecida pelos leitores mais ainda habitada por palavras largadas no chão pisoteado, massacrado e enlameado.

Dostoiévski clamava por atenção. Um coioote judiado, desnutrido e pelado saiu das sombras e afoagou os gritos nos jogos de mijo. Rosnou para fora. Decretou as regras.

Ele continuou a descer. O quarteirão era longo.

A vida nem tanto.

*

Faltava pouco para o último dente cair. Os demais foram embora como fios da esperança rompida em meio à falácia do futuro, da luta do presente e das cagadas do passado. Quase ninguém caminhava por ali. Nem os fantasmas gostavam da solidão.

Chutou a pedra por puro tédio. Queria sentir novamente. A vida ou a esperança? Nenhuma das duas fazia sentido, nem quando um grupo de monges encardidos e amarronzados empurrou a lama escura com os pés decrépitos, descalços e desalmados pela longa jornada ou pasta tóxica e úmida. Murmuravam alguma coisa que nunca fez sentido de verdade e agora não passava da ruminação do gado velho demais para o abate, apenas à espera da doença certa ou da semana com menos comida que o habitual, para sair do jogo.

A reza mantinha a cabeça ocupada. A peregrinação acelerava o fim. Pisar na lama não era uma boa ideia. A lama purifica, diziam. Purificava até bem demais. Uma dose de uísque lavava a alma, corrompia o corpo e deixava a ressaca. A meleca marrou diluía e corroía. Santos ou pecadores, tudo era feito de carne. Tudo se desfazia.

Nem chamou de sorte ter encontrado aquela bota desbotada e abandonada na última esquina na pilha de tralha esquecida. A vida prolongada demais também esticava a dor, as dúvidas e as decisões drásticas. Dick gritou com ele numa intempérie alucinada trancafiada numa janela ainda intacta. Não entendeu se havia algo de errado com o D. ou se as cartas

deixaram de chegar no alto da colina, mas sabia não ter nada a ver com as pernas da aranha manca dos dias do futuro que nunca chegariam. Decidiu ignorar o vazio dos olhos há muito tomados pela névoa ou pela verdade. O sujeito via com a mente e cuspiam revelações com a ira do inferno.

Deu mais alguns passos. A única realidade que conhecia era a da caminhada.

“Ela nunca termina...”, Dick gritou pela última vez. Bateu a janela, mostrou o dedo do meio e voltou a perseguir a aranha e os carneirinhos nos pesadelos à luz do dia.

Jurava ter ouvido uma nova melodia. Mas de onde?

Os boêmios há muito esquecidos ecoavam nos cantos da mente, onde esqueletos queimados pela fúria e limpos pelas baratas que deslizavam pela lama à espera do próximo prato principal. Algumas rondavam a janela lacrada. Pobre Dick.

Dois passos mais. Duas novas vozes. Dois algozes. Duas verdades. Uma dúvida.

Continuar a penitência parecia ser pedir de mais do velho patético.

A primeira verdade balbuciou o calor do fim.

A segunda verdade exaltou a escuridão do caminho de volta.

A dúvida questionou o calor, criticou o escuro e semeou o nada.

*

Nada. A maior história de terror numa palavra. A mãe de todos os medos. A madrasta das ideias maldosas. A inimiga da jornada. A garantia final.

Lembrou-se da razão do refúgio no quarteirão.

Compreendeu a descida, agora sob as placas de lama seca e rachadas sobre o pavimento destituído de carros e da destruição das correias dos blindados dilacerantes. Precisava seguir. Vencer o tempo. Resistir ao cansaço dos ossos fracos e da alma parca. Transcender o nada.

Nada de desculpas. Nada de inimigos. Nada de companhia. O resto da vida tornara-se nada sem nada a ser feito. O tempo chegou, existiu, partiu e ninguém viu. O som das verdades confundiu-se com

o chamado dos anjos. Seres demoníacos à espreita nos últimos lampejos de sobriedade, onde o cheiro da cerveja não chegava e a memória guerreira, e sobrevivente, do par de peitos parrudos e pontiagudos da juventude jogada às traças servia como lembrança do tempo antes do tempo; da vida antes do caos; da esperança antes da guerra. Antes da jornada e do cálice sobre suas costas.

As ruas desertas expulsavam até o vento. Desistiu de correr e perseguir o nada. Aquietou-se na própria inutilidade. Sem rostos a tocar, árvores a farfalhar e pipas a guiar, até o vento desistiu.

Mas ele continuou.

E, finalmente, viu-se diante do Nada.

*

Deu um passo nada glorioso, nada especial, nada memorável; foi envolvido pela vastidão minúscula da inexistência e desfez-se sem saber o que fazer. Desmantelou-se à desintegração de cada lembrança, sentimento ou respiro.

Brevemente, o Nada venceu a última fagulha da imaginação até vencer a si mesmo.

Nem o Nada sobreviveu. Não havia mais ninguém para temê-lo ou desafiado.

Foi levado pela própria espada com a chegada do Esquecimento.

E ele reina eterno no Quarteirão da imensidão.

O PIRATA ETERNO

Carlos Orsi

*Do I contradict myself?
Very well then I contradict myself,
(I am large, I contain multitudes.)*

Sesstelo passara o último bilhão de anos como uma consciência difusa, sinapses velejando em elétrons soprados, ao longo de horas-luz, pelas borrascas do envelope de plasma de um sexteto de estrelas num canto aprazível da periferia da Via-Láctea. Sua principal ocupação nesse tempo todo tinha sido a música: infinitas permutações da rica paleta de sons produzida pelas interações no interior da chuva de partículas emitida nas mutações periódicas de uma nebulosa-satélite.

Depois de tanto tempo, ele já se considerava eterno. Não havia um instante de que ele se lembrasse que não fosse precedido por um instante anterior do qual ele também se lembrava, o que lhe parecia uma definição razoável de eternidade. Já o futuro chegava tão devagar que era quase como se não existisse: na prática, sua vida era um presente sem fim. Outra boa definição de eternidade.

Um leve incômodo, no entanto, penetrou sua carapaça de complacência: uma nota dissonante em sua ecologia pessoal, um sinal de instabilidade numa das seis estrelas que o sustentavam. A explosão, que deveria ocorrer em alguns milhões de anos, apagaria de vez sua matriz.

A ideia de deixar de existir espicacou a curiosidade do músico. Ele imaginou que já havia sido e feito de tudo, que só lhe faltava o nada. O voto pelo óbvio, no entanto, foi vencido na lenta disputa interna dos pensamentos cambiantes: velhos gabaritos mentais até então adormecidos, reflexos fósseis e atitudes remanescentes de uma época em que a morte ainda era um problema e uma ameaça para as identidades primitivas que viriam a ser Sesstelo, levaram-no a construir um esporo de poeira estelar para si, e dormir.

Quando a explosão veio, o esporo foi arremessa-

do ao espaço, de volta na direção de onde a consciência compacta tinha vindo, originalmente, mais de um bilhão de anos atrás – rumo ao centro da galáxia.

Sua trajetória, seguindo a caótica configuração das linhas de força dos campos magnéticos galácticos, puseram-no em rota de colisão com o Mejiaye, a Criatura do Dissenso.

Inspirada, ainda que de modo um tanto quanto errático, numa vaga lembrança de como eram certos moluscos bivalves carnívoros da Velha Terra, Mejiaye tinha uma concha oval e articulada de cinco quilômetros de comprimento, feita de gelo, cristais dopados de carbono e irídio, cercada por um saiote de delicados tentáculos sensoriais, acompanhados por sífões eletromagnéticos que capturavam nutrientes no espaço interestelar.

O esporo escapou dos tentáculos e foi chocar-se com a camada externa de gelo da concha, penetrando a casca fotoelétrica a fundo, descendo até chegar à superfície interior de carne organocerâmica, onde germinou, canibalizando o material ao redor para construir um corpo capaz de dar mobilidade a sua consciência compactada.

Em algum ponto de suas memórias, Sesstelo tinha algo sobre o Dissenso, um dos grupos de descendentes dos primatas nativos da Velha Terra que, tanto tempo atrás, haviam sido forçados pelas circunstâncias a partir do Sistema Solar. O Dissenso tinha esse nome porque havia optado em preservar identidades individuais e opiniões irreconciliáveis entre seus membros. Uma fração de Sesstelo se lembrava de ter assistido ao lançamento da Criatura, a partir da órbita de um planeta azul-acinzentado e cercado por anéis tênues, uma safira chamada Urano. Ela partira com dois mil tripulantes a bordo, todos ainda sob a forma de mentes encasteladas em crânios hominídeos.

A carne de Mejiaye era bem maleável, da cor de madrepérola, e embora as nervuras de dados fossem uma tecnologia não muito familiar, o código de Sesstelo não teve dificuldades em infectá-la. O novo

corpo, que por default seria humanoide, tinha limitações – a amplitude espectral dos sentidos e o nível viável de consciência, por exemplo, eram baixos – mas, em compensação, o ganho de velocidade foi vertiginoso: pensamentos agora completavam-se em frações de segundo, não mais em meses ou anos.

Velocidade que o salvou, assim que o novo corpo se destacou da matriz. Mal a sola de seus pés se desprendera da superfície, as seis cabeças mortais da hidra já começavam a cercá-lo, três pela direita e três pela esquerda, enquanto que a sétima, venenosa e imortal, preparava-se para cravar as presas em seu pescoço.

Sesstelo mergulhou à frente, rolando sobre os ombros, assim que sua visão periférica detectou o movimento da armadilha que se fechava, antes mesmo que o perigo fosse registrado na consciência. Girando sobre os calcanhares ao se levantar, interceptou com golpes das mãos, ainda instintivamente, os botes de três das cabeças mortais, duas à direita e uma à esquerda. E só então viu a hidra, por fim.

O corpo, reluzente, de músculos alongados que pareciam nadar sob a pele coberta de escamas cinzentas, metálicas, muito semelhantes às garras na ponta das patas poderosas, exsudava ameaça. Mas toda essa energia era o que menos atraía a atenção do recém-chegado.

O foco que parecia sugar toda a capacidade de concentração do recém-nascido era cabeça imortal, ampla como a de um dragão – ou o que a memória atávica de Sesstelo identificava como um dragão – com seus chifres atrofiados sobre as narinas, e cercada pelas seis cabeças menores, flutuando na ponta de pescoços longos e flexíveis que deslizavam uns sobre os outros, como serpentes num mesmo ninho.

Os olhos da grande cabeça eram miúdos, menores que os das demais, mas brilhavam intensamente, cheios de malícia, enquanto a língua bífida movia-se, devagar, em meio ao marfim amarelado das presas.

Esquerda-direita, direita-esquerda: as cabeças menores retomavam a sequência de ataque. Já sabendo o que esperar, Sesstelo bloqueou as quatro primeiras investidas com três golpes de mão aberta e um de cotovelo, que jogou a quarta cabeça de encontro ao chão, fazendo-as recuar, guinchando de dor; no quinto bote, ele conseguiu agarrar a víbora logo

abaixo da mandíbula, quebrando sua espinha com um movimento abrupto do pulso.

A cabeça morreu – o que arrancou um rugido de ódio do dragão. No instante seguinte, as cinco cabeças-serpentes restantes se lançaram num ataque simultâneo: sibilando, quatro delas em direção às pernas, e a quinta diretamente contra seu rosto.

Em vez de recuar, Sesstelo deu dois passos, bem rápido, na direção da hidra e saltou, girando, no instante em que a cabeça que vinha mais alto abria a boca fétida para cravar as presas em seus olhos. O marfim abriu um talho na lateral de seu rosto, tirando um fio de sangue leitoso, esbranquiçado, de cheiro doce.

Enquanto suas pernas o impeliam para cima e numa volta completa pelo ar, Sesstelo estendeu-se e agarrou, pelo pescoço, a serpente que lhe rasgara a face. O monstro torvelinhou, silvando em sua mão, mas a pegada seguiu firme. Completado o giro no espaço, ele pousou com os dois joelhos sobre o dorso da hidra, ainda controlando a cabeça que havia agarrado, e que agora estrangulava. Com um único movimento do punho, rápido e abrupto como uma chibatada, fez o corpo dessa serpente passar, como um laço, em torno do pescoço do dragão. E então puxou. E puxou.

A hidra saltou e corcoveou, rugindo e urrando, tentando ainda usar as demais cabeças para desalojá-lo, mas Sesstelo se manteve firme em sua posição sobre a fera, estreitando seu garrote vivo cada vez mais. Ele ignorou a agressão frenética e desesperada das quatro cabeças remanescentes, que lhe mordiam o crânio e arrancavam nacos de seus ombros e da musculatura compacta das costas, enquanto intensificava o estrangulamento.

Um tremor espasmódico tomou conta do corpo da hidra, que enfim veio ao chão. Sua cabeça principal não podia morrer, mas podia desmaiar. O garrote deixara-a inconsciente. Sem a vontade e a inteligência do dragão para guiá-las, as quatro cabeças que vinham tirando pedaços de Sesstelo tornaram-se letárgicas, e ele não teve dificuldade em matá-las. A quinta, que ele usara como laço, tivera o pescoço quebrado durante a luta.

Rolando de cima do monstro inerte, o visitante caiu sobre a superfície perolada que era o chão, o

solo interno de Mejiaye, o mesmo material de que seu corpo humanoide tinha sido feito. Ativadas, rotinas inconscientes de autopreservação trataram de absorver mais da substância perolada para preencher as lacunas e selar as feridas.

Um fauno, armado com o que Sesstelo reconheceu como um arco-acelerador de Q-carbono, aproximou-se quando ele já se levantava, uma última placa de substrato fluindo para preencher o vão sobre uma costela.

– A hidra estava aqui para guardar o perímetro do cerco, mas você não é um hanshi dos Hatfield tentando fugir – disse o homenzinho com pernas de cabra, num tom mais ou menos de desculpas.

– Não, não sou – respondeu Sesstelo, que havia adquirido a língua comum do Dissenso ao passar pelas nervuras neurais da nave. – E você, é?

O fauno deu um passo para trás, erguendo a cabeça e arregalando os olhos, sem saber se sentia mais surpresa ou insultado:

– Claro que não! Todos os faunos são han McCoy. Só centauros são han Hatfield. De onde você vem? Seu han é Timbira? Tupi? Ah Kong? Wah Kee? Faz tempo que não temos notícias dessas outras guerras, mas também não me lembro de nenhum han que, um dia, tenha usado uma forma como a sua.

Sesstelo balançou a cabeça:

– Não tenho han.

O fauno piscou e voltou a arregalar os olhos.

– Melhor levar você para falar com o daimyo – disse ele, gesticulando com o arco. – Vamos?

A caminhada durou menos de meia hora, e durante o percurso Sesstelo teve, finalmente, a oportunidade de observar seus arredores com mais calma e atenção. O interior de Mejiaye era como uma imensa caverna, muito alta e ampla, toda composta de um mineral branco, ondulante, liso sem ser escorregadio. A luz, suave, parecia irradiar de todas as direções ao mesmo tempo. Sombras eram raras, produzidas por acidentes do terreno. Estruturas que lembravam estalagmites brotavam do chão regularmente, arredondadas ou recurvas, e polidas.

Algumas fechavam-se sobre si mesmas, produzindo túneis e passagens que se assemelhavam às

juntas fraturadas ou aos ossos ociosos do esqueleto de algum gigante morto, enquanto que outras se abriam em ramificações espiraladas que se subdividiam em novas ramificações e em ainda outros ramos menores, gerando estrutura complexa que lembravam copas de árvores.

Uma ou duas vezes, o fauno colheu alguns gravetos menores dessas árvores e os pôs na boca, mastigando com gosto. Num dado momento, o visitante e seu guia tiveram de cruzar uma depressão por onde fluía uma corrente de um líquido rosado, transparente, que exalava um cheiro metálico.

O acampamento de han McCoy ficava no centro de um semicírculo de árvores brancas. Era formado por uma série de tendas azuis. Numa das extremidades havia um grande estábulo onde encontravam-se dezenas de outras hidras. O fauno conduziu Sesstelo até a tenda maior.

O daimyo era uma figura ciclópica – não só pelo tamanho, pelo menos o dobro dos demais faunos que Sesstelo viu no acampamento, mas também literalmente: tinha um único olho, amarelo, rútilo, plantado no meio da testa –, com seis tetas pendendo do torso e uma vulva vermelha despontando entre os pelos castanhos que começavam na altura do umbigo e desciam pelas pernas de cabra. Os casos, prateados, tiravam faíscas do chão.

O fato de o daimyo ser o único McCoy com características sexuais evidentes fez Sesstelo supor que o han seguisse uma estrutura de matriarca absoluta servida por seus filhos-zangões, um arranjo incomum entre mamíferos, mas não de todo desconhecido, principalmente em espécies onde a fêmea nunca para de produzir óvulos e tem longa expectativa de vida.

– Você não vem de nenhum han, é isso? – perguntou o daimyo, depois que o fauno se retirou, com reverências. – Como é possível?

– Não sou nativo do Dissenso – disse o visitante, esperando que sua resposta fizesse sentido. Por experiência própria, ele sabia que nem todos os indivíduos, povos e coletivos exilados da Velha Terra preservavam consciência de suas origens, ou mesmo da existência de um universo externo. Não era impossível que os diversos hans considerassem sua concha a totalidade do cosmo.

Depois de inspirar fundo, o daimyo grunhiu e disse:

– Não nos conhecemos de algum lugar?

Sesstelo deu de ombros. O sistema nervoso de seu corpo atual não era espaçoso o suficiente para permitir uma descompactação eficaz de toda a memória, o que fazia com que recordações de mais de 500 milhões anos fossem difíceis de acessar, ou estivessem, para todos os efeitos práticos, indisponíveis. A matriarca dos McCoy talvez fosse a efetuação atual de alguma identidade que ele já tivesse encontrado no passado, mas era impossível dizer.

– Pode ser – respondeu, ainda se reajustando ao uso da linguagem, já que esta era apenas a segunda vez em que abria a boca para falar em mais de um bilhão de anos: todo o percurso ao lado do fauno tinha sido feito em silêncio. – A galáxia é pequena, e o Sistema Sol acabou há muito tempo. Dado o número finito de permutações possíveis, é até provável que já tenhamos interagido. Eu me lembro de assistir ao lançamento do Dissenso, mas não me lembro de ter estado dentro de Mejiaye antes.

– Você – o grande olho a amarelo fixou Sesstelo com uma intensidade perturbadora – é os Piratas de Achernar.

Essa era uma verdade antiga demais para caber por completo no cérebro do visitante, mas bastou para trazer à tona imagens de uma estrela azul estranhamente achatada, de arcas espaciais sob ataque, enxames de drones multicoloridos sendo fatiados no vácuo por lâminas invisíveis de micro-ondas. O lampejo durou menos que meio segundo, mas deixou Sesstelo com a boca seca, os ombros tensos e um leve tremor nas mãos – sinais claros de que uma sub-rotina autônoma de fuga-ou-luta rodava no limiar da consciência.

– Não sou... somos... isso há muito tempo – ele respondeu, por fim. Uma sinopse autobiográfica de emergência subiu à memória de trabalho. – O Exame Eridanus nem existe mais – acrescentou, referindo-se à principal comunidade vítima das predações dos piratas que Sesstelo, agora, recordava-se de ter sido.

– Nem todos daquele povo transcenderam, apesar dos boatos – respondeu a matriarca, que havia

farejado a verdade sobre seu visitante na nuvem de feromônios digitais exalada por um inconsciente que mal cabia naquele corpo. – As Predações de Achernar ainda são lembradas, e alguns de seus atos de barbárie atingiram o status de mito nos últimos dois bilhões de anos. Vários núcleos de senciência ficaram para trás, bancando ofertas latentes de prêmio que nunca foram revogadas. E, antes que você pergunte, ainda há formas de vida lá fora que se interessam por prêmios.

Claro que há, Sesstelo pensou. Se não por sobrevivência, pela emoção, pelo jogo, contra o tédio. Ele disse:

– Ninguém vive tanto quanto nós sem acumular crimes no passado.

– Mas os seus foram especialmente notáveis. Por onde vocês andaram escondidos?

O visitante pensou nisso: teria sido seu bilhão de anos em contemplação musical entre as nuvens de plasma uma estratégia de fuga? Até dois minutos atrás, ele pensara naquilo como um tempo sublime de exploração estética, uma longa meditação, talvez até uma caminhada rumo à transcendência, abruptamente interrompida. As memórias cruciais ainda não estavam disponíveis, mas a possibilidade de que tudo não tivesse passado de um subterfúgio era desconcertante.

Ele fechou os olhos, procurando a música em si. Comprimiu os lábios, emitindo um ténue assovio, delicadamente modulado pela ponta da língua. A harmonia ainda estava lá, ainda era parte dele. Mas aquela outra coisa – a destruição, as lanças de energia, a avareza, a traição – também eram. Tinham sido. Ainda eram. Seriam de novo.

Resolveu blefar:

– Não sou mais aquelas pessoas. Só trabalho com música, agora.

A matriarca balançou a cabeça, sorrindo com ironia:

– Jing Yat-Sun não era o tipo de personalidade que desaparecia numa mente coletiva sem deixar vestígios. Ou que viveria feliz como parte de um menestrel.

Yat-Sun! Um mito da Velha Terra, mas também

o nome de guerra adotado por uma das chefes do bando de Acherar. A mais infame, a que tinha mais sangue nas mãos e o maior prêmio sobre sua cabeça.

– Você ficaria surpreso – respondeu Sesstelo.

– Talvez. Mas, ainda assim, pretendo empregar seus velhos talentos.

– E se eu me recusar? Posso simplesmente voltar à matriz de Mejiaye e adormecer lá, ou retornar ao cosmo como um esporo, em busca de um lugar onde ninguém queira extorquir trabalho de mim.

– Ao passar pela matriz, você adquiriu uma etiqueta indelével em seu código-fonte – respondeu o daimyo. – Não seria muito difícil para os servos do Dissenso transformar essa etiqueta num farol galáctico, informando a quem ainda se lembra dos crimes de Yat-Sun que...

– Posso me fragmentar. Explodir minha identidade em várias, e disparar esporos em todas as direções.

– E cada uma delas terá a mesma etiqueta, sinalizando sua história de crimes e atrocidades. Além do quê, não imagino que você esteja disposto a se desfazer de sua gestalt atual assim, tão facilmente. Não seria muito mais simples cooperar conosco?

Sesstelo ponderou suas opções, e também seus impulsos. Envolver-se num conflito com outras inteligências, depois de tanto tempo só, era quase atraente, ainda que a chantagem tornasse tudo muito menos agradável. E o daimyo-matriarca estava certo: havia traços de Yat-Sun, e de muitos outros como ela, na tessitura mais profunda de seu ego atual. O jogo poderia ser interessante.

– Depois que eu terminar o que quer que você queira de mim, essa etiqueta pode ser removida de meu código?

– Pode – respondeu a matriarca, e Sesstelo soube que ela estava mentindo.

– Ótimo – respondeu o visitante. – E então, o que é isso que você quer de mim?

– A destruição do han Hatfield, é claro. – a matriarca sorriu, agora mostrando os dentes, que eram retorcidos e afiados como presas. – O Dissenso foi lançado, cinco bilhões de anos atrás, como um monumento dedicado à preservação de um valor fun-

damental das sociedades primatas, a existência de diferenças irreconciliáveis entre grupos tribais. A eventual aniquilação de alguns desses grupos é um simples corolário do processo.

Existia noite dentro de Mejiaye. A luz difusa diminuía, e o material branco de que eram feitos o solo, as árvores e as cavernas assumia uma coloração amarelo-acinzentada. Os McCoy tinham luz artificial, lanternas que na verdade eram aquários de água rosada onde nadavam minúsculos insetos bioluminescentes dourados.

Sesstelo optara por construir um corpo novo, a partir da matriz perolada, já no interior do Castelo Hatfield. Durante o trajeto entre acampamento e fortaleza, sua mente travou contato mais íntimo com os “servos” de quem a matriarca tinha falado: máquinas virtuais semi-inteligentes, encarregadas de manter o ambiente interno habitável, ordenar o fluxo de dados entre Mejiaye e o universo exterior e controlar o caminho do Dissenso pelo espaço. O visitante descobriu que os daimyos e xamãs dos diferentes hans tinham controle limitado sobre os servos, exercido por meio de comandos inseridos no sistema via comportamentos estruturados semanticamente – “magias” e “rituais religiosos”.

O novo corpo, uma réplica exata do primeiro, exceto por algumas pequenas variações locais de cor, formou-se a partir do material do piso de um dos corredores da fortaleza. Além de se valer da substância para produzir uma forma humanoide, desta vez o visitante também usou sua influência sobre a matriz para gerar um alótropo metálico que moldou sob a forma de miaodao: uma longa espada recurva.

O daimyo McCoy lhe dissera que o castelo ficava no alto de uma colina, abraçada pela curva de um rio de água rosada e corrente caudalosa. Existia apenas um ponto de travessia: uma passarela estreita, onde o rio quase fechava o círculo em torno da fortaleza. Havia dias que esse reduto dos Hatfield estava cercado pela tropa McCoy. Os faunos não conseguiam cruzar a ponte natural, e os sitiados não tinham como sair. Era para evitar uma eventual fuga por túneis ou passagens secretas que as hidras patrulhavam o perímetro.

Com a miaodao firme na mão esquerda, o visitante estudou o corredor onde emergira. Era alto,

ogivado, sustentado por ossos que se repetiam a curtos intervalos, projetando sombras escuras em meio à luz tênue dos insetos faiscantes, pendurados em globos d'água, como tochas, nas paredes.

O espaço pareceu-lhe estreito demais para uma edificação ocupada por “centauros” – era assim que os McCoy tinham lhe descrito os Hatfield. “Centaurós”. O que viu assim que dobrou o primeiro corredor tomou-o, portanto, de surpresa.

O Hatfield tinha torso de primata, sem dúvida, ainda que, na avaliação do visitante, suas feições lembrassem mais um mico-leão que um ser humano: ou, nos termos em que sua mente formulou o pensamento, mais *Leontopithecus* que *Homo*. A juba era cartilaginosa, e se abriu, como um leque, quando a criatura viu o invasor.

A parte inferior do corpo, no entanto, em nada lembrava um cavalo. Era formada por uma sucessão de anéis, cada um deles grosso como o tórax de um homem adulto, cobertos por escamas multicoloridas que se misturavam num padrão agradável, abstrato e quase geométrico. Desses anéis partiam duas dúzias de pequenas pernas ruivas, seis de cada lado, muito delgadas e cobertas de pelos, terminando em garras de três dedos com unhas recurvadas.

O Hatfield, que trazia um arco de Q-carbono nas mãos, estacou ao deparar-se com o recém-chegado. Aquilo não era um fauno – a forma do inimigo, do clã McCoy – mas também não era um morador do castelo. Nesse segundo de indecisão, o visitante girou a miaodao no ar, produzindo um assovio grave, e cerrou as mãos no cabo da espada longa.

– Não sou seu inimigo – disse ele. – Se me levar ao daimyo, posso mostrar a ele como romper o cerco.

O daimyo do han Hatfield não diferia muito dos demais membros da espécie, exceto pela cor – era o único com cartilagem amarela ao redor da cabeça de macaco e escamas roxas nos anéis. A população não seguia a estrutura rainha-zangões dos McCoy: os Hatfield eram todos hermafroditas e, até onde o visitante foi capaz de determinar, formavam pares românticos. Não eram mamíferos: segundo lhe dissera a matriarca McCoy, botavam ovos, que ficavam estocados num berçário, uma câmara climatizada do castelo. Na antessala dessa câmara, como medida de segurança, havia uma alcateia de ferozes quetzaco-

atls peçonhentos.

– E o que você diz que fará por nós, Yat-Sun? – perguntou o daimyo, que nessa cultura era chamado por um nome pessoal, Maranguab.

O líder do han não demorara muito para se inteirar da mais notável e infame das velhas identidades públicas do recém-chegado. O visitante supôs que a identificação feita pela rainha-ciclope McCoy devia ter sido carregada na nuvem de dados de Mejiaye, passando assim a fazer parte do inconsciente coletivo dos povos a bordo. Algo não de todo inesperado e, também, não de todo ruim. O plano, formulado no instante exato em que o ciclope anunciara sua chantagem, estava em marcha.

– Posso tirar vocês daqui – respondeu. – Na verdade, posso levar um grupo de seus hanshi diretamente até a tenda de comando dos McCoy.

– Como?

O visitante, agora sentindo uma reemergência plena da persona Yat-Sun, sorriu:

– Um passo para trás, por favor.

Eles estavam num salão do andar térreo, iluminado por globos de pirilampos e também por uma lareira, onde ardia uma lenha seca vinda das árvores do pátio interno da fortaleza. O castelo como um todo se assemelhava a algo montado a partir de sobras dos esqueletos de monstros antigos, uma cáfila de leviatãs, os ossos unidos por um concreto de tendão fóssil e tecido petrificado.

Maranguab recuou, as doze patas de seu corpo de verme movendo-se rapidamente. Diante dele, o piso começou a redemoinhar, a superfície sólida dando espaço a um vão que se dilatava rapidamente, até tornar-se um abismo.

– Meu software está incorporado ao fluxo interno de Mejiaye, portanto tenho algum controle sobre a matriz – disse Yat-Sun. – Foi assim que construí este corpo. Esta espada. E com isso também posso manipular as distâncias dentro do Dissenso, deformando barreiras e espaços. Os servos me mantêm em contato com o sistema global de coordenadas de vocês. Posso levar qualquer um a qualquer lugar.

O daimyo Hatfield encarou-o com desconfiança:

– E por que você iria me ajudar?

– Cheguei ao Dissenso pelo território dos McCoy – respondeu o pirata. – Digamos que não fui bem tratado. – E, depois de uma pausa, acrescentou algo que a Maranguab pareceu irrelevante, e que o daimyo jamais viria a entender: – Antes de chegar aqui, eu fazia música.

– E como eu sei que isto não é uma armadilha?

Yat-Sun deu de ombros:

– Você está cercado. Pode mesmo se dar ao luxo de perder a oportunidade?

O centauro pensou um pouco. Assim como o ciclope, Maranguab tinha uma percepção sutil o bastante para captar o débil vazamento de dados inconscientes que partia da forma à sua frente, e ali havia uma sugestão de assinatura emocional que parecia correta. Mas não custava ser cauteloso. Então, disse:

– Tenho, pelo menos, tempo para um teste – apontando para um dos hanshi presentes no salão, ordenou: – Vá com ele. Veja onde esta passagem leva.

O visitante e o hanshi, um soldado de braços fortes, olhos úmidos, cartilagem cinzenta e escamas avermelhadas, entraram no túnel, que descia, íngreme, para os subsolo. Havia uma faixa luminosa na parede esquerda. A travessia foi mais curta do que o hanshi temia, e terminou no interior de uma pequena gruta, de onde se podia ver os fundos da tenda da matriarca.

Surpreso e entusiasmado, o soldado ergueu seu arco para disparar contra o quartel-general de inimigo, e já soltava a seta quando Yat-Sun desviou sua mira, fazendo a flecha ir se cravar numa árvore próxima, causando uma pequena bolha subsônica, expandindo-se rapidamente numa explosão quase inaudível que partiu o tronco a meio.

O centauro estava prestes a perguntar o porquê da interferência, mas Yat-Sun o silenciou com um gesto, apontando para um fauno que se aproximava para investigar a destruição da árvore. Girando a miaodao de modo displicente, o pirata deu um passo adiante para fora da entrada da gruta e, assim que o McCoy passou, cortou-o ao meio, na altura da cintura.

– Pegue a parte de baixo – ordenou ele, olhando nos olhos do hanshi. – Eu levo a de cima. Vamos voltar.

O cadáver cortado foi toda a prova de que Maranguab precisava. Minutos depois, todos os principais hanshi do castelo estavam reunidos no pátio interno da fortaleza, assistindo enquanto Yat-Sun usava seu controle sobre os servos e a matriz interna do Dissenso para fazer a substância branca, aparentemente tão sólida, redemoinhar em abrir-se num túnel que conduziria ao núcleo do acampamento inimigo.

Os gritos, vindos da antessala dos quetzacoatls, atenuados pelas paredes grossas e reduzidos quase a sussurros ali no pátio, começaram logo depois da partida do último hanshi. Yat-Sun, que ficara para trás, sorriu: isso significava que Sesstelo, o corpo original que ficara na tenda com outro fragmento de sua consciência, junto da matriarca dos McCoy, havia convencido o han dos faunos a enviar seus guerreiros por um túnel que, em vez de se abrir ali, no pátio do castelo, na verdade dava no covil da alcateia; da mesma forma que a passagem aberta por Yat-Sun no pátio levava diretamente ao estábulo das hidras, e não à tenda de comando.

Por todo o dissenso, em todos os hans, o mesmo acontecia: seduzidos por avatares do pirata, daimyos enviavam seus hanshi para a morte certa. A ameaça da matriarca, seguida pela descompactação das várias consciências acumuladas em corpos alternativos, tinha trazido velhos instintos à tona, e Yat-Sun não duvidava de sua capacidade de subjugar e organizar os sobreviventes de Mejiaye numa tripulação razoável, assim que a liderança original tivesse sido eliminada. Os hanshi eram idiotas e prestativos, exatamente o material de que precisava. E os servos eram todos seus.

A partir daí, Sesstelo voltaria fazer música, mas agora em volume alto e notas dissonantes. Depois de um bilhão de anos, a galáxia voltaria a ouvir o coro das Predações – e os inimigos de Achernar teriam sua oportunidade de ir à forra.

Yat-Sun cantava, feliz.

UM ÚLTIMO DIA PERFEITO

Gilson Luis Da Cunha

Yashiok despertou cedo, pouco antes do amanhecer. Ergueu-se com alguma dificuldade, do leito de areia branca, no interior de seu ninho. Aksiiiah, sua fêmea, ainda dormia. Ele a cutucou gentilmente, com as garras de sua pata dianteira direita. Ela deu um resmungo mal humorado e enxotou sua pata com uma remexida de sua poderosa cauda. Não fossem as escamas e a pele dura de Yashiok, ele teria a dolorosa sensação de ter recebido uma chicotada. “Ela tem razão”, pensou ele. “Para ela e para todo o resto do mundo, esse é só mais um dia, igual a todos os outros. E nem é um dia de trabalho, graças a essas peças que as probabilidades costumam nos pregar. Sou muito grato por isso”.

– Pelos ovos de nossos ancestrais, Yashi! O sol ainda nem nasceu! – Resmungou a velha fêmea.

– Eu quero que você assista ao nascer do sol junto comigo, como fazíamos quando éramos jovens.

– Quando nós éramos jovens, não conhecíamos o valor de uma boa noite de sono. Você só foi aprender a dormir direito depois que teve essa ideia louca de que devíamos morar juntos.

– E você bem que gostou, não é? – Replicou ele.

– E tenho gostado desde então. Mas nosso aniversário de 200 anos de união só será daqui há três semanas. Eu simplesmente não entendo o porquê de antecipar a festa para hoje.

– Dajueh chegará daqui a duas horas com sua fêmea e o filhote...qual é o nome dele mesmo?

– Ogek.

– É, Ogek. Um filhote enorme. Acredito que ele será imenso, mesmo antes da adolescência. E terá muitas fêmeas.

– Não se for igual ao grande-genitor – Respondeu a velha fêmea, com um silvo de ironia, aquele estranho conceito que nem mesmo possuía um nome em seu idioma.

– Sinceramente eu nunca me importei com quantidade. Só com qualidade, respondeu Yashiok, sil-

vando para ela.

– Duzentos e vinte anos de idade e ainda fazendo galanteios...

– É para não perder a prática – disse ele – Agora levante-se e venha comigo assistir ao nascer do sol, temos que preparar nosso ninho. Hagakeoh também virá.

– Eu não entendo. Ele é um solitário, sem fêmeas, sem filhotes... Às vezes parece que falhamos com ele.

– Ele é uma das mentes mais brilhantes que já andaram sobre a terra, um grande amigo e eu me importo com ele como se fosse meu filhote.

– É você quem sabe. Mas ele terá que matar sua própria refeição – Disse ela, ligeiramente mal-humorada, pois sabia que o convidado era vegetariano.

Os dois caminharam até a areia da praia, descendo de seu ninho na encosta das montanhas, que ficavam apenas a algumas centenas de metros do mar. O ninho, um entre milhares, era escavado no interior da rocha e protegido por árvores gigantescas, plantadas séculos atrás com o propósito de formar um condomínio de luxo à beira mar. Yashiok, na época um jovem estudante, tivera sorte nas caçadas e vencera muitos duelos até obter prestígio o suficiente para comprar aquele que seria seu lar e o lar de seus descendentes por quase duzentos anos. Mas os tempos eram outros. Agora, quase ninguém mais caçava. Os animais de corte e algumas plantas eram criados em cativeiro e cultivados, estando disponíveis a todos que pudessem justificar suas existências através da troca de suas habilidades por comida, do mesmo modo que por moradia.

O céu azul, com a luz do sol sobre as águas verdes do mar, era uma imagem poderosa. O simbolismo do nascimento do sol como promessa de renovação da vida era óbvio para Yashiok e sua fêmea, assim como para qualquer um que descendesse de uma linhagem de seres que, no passado distante, precisavam se expor demoradamente ao astro rei para se aquecer e acelerar seu metabolismo para mais um dia de luta pela sobrevivência. Mas, para Yashiok,

havia algo mais. A luz do sol, principalmente quando havia algumas nuvens para filtrá-la em suas nuances, era de uma beleza que ele não sabia descrever. Não havia palavras em seu idioma para transmitir o sentimento que ela lhe provocava, assim como não havia palavras para descrever esse estranho sentimento que ainda o mantinha unido à sua fêmea, seu filhote, agora um macho adulto e ao filhote dele. E muito menos para descrever o sentimento que o levaria a acolher aquele outro filhote, o enjeitado, destinado a virar alimento dos mais fortes ou a morrer no interior da selva, décadas atrás, e que se tornara seu melhor amigo e confidente.

– Estou feliz por ter encontrado você– Disse ele, enrodilhando sua cauda na dela.

– Por favor, pare com isso! Os jovens na praia já estão começando a olhar para nós– Disse Aksiiiah– Daqui a pouco vão formar um círculo para nos ver copular.

– Ué? E eles nunca viram um casal copulando?

– Não um casal de velhos com cristas mais longas do que suas garras dianteiras, seu fiasquento!

– Fique tranquila. Não é o que eu tenho em mente. Isso é só essa... – As palavras mais uma vez eram inúteis– ...Essa necessidade de ficar perto de você e daqueles com quem eu me importo.

E o sol nasceu, com o mesmo brilho que sempre tivera para Aksiiiah, desde o início dos tempos, mas com um fascínio maior do que todas as auroras que Yashiok já presenciara. Um bando de jovens machos solitários ficou a alguns metros deles, silvando em deboche, esperando ver alguma reação daqueles velhos ridículos que ousavam copular em público com seus corpos lerdos e flácidos. Yashiok estava de bom humor, mas não muito.

– Sumam daqui se não quiserem que eu os transforme em fêmeas de meu harém! – Esbravejou o velho, virando-se com um agitar de cauda, com a crista de um vermelho vivo e mostrando todos os seus dentes, junto com um guincho aterrador.

Os jovens dispararam pela areia branca, quase tropeçando nos frequentadores da praia, que começavam a se deitar na areia para receber os raios do sol nascente.

– Veja o metabolismo desses jovens! Que glorioso

espetáculo! Eu mesmo já corri desse jeito um dia.

– Você continua um tolo, como no dia em que nos conhecemos– Disse Aksiiiah– E é por isso que eu nunca o abandonei. Você nunca cresceu de verdade.

– Eu, sinceramente, espero que você tenha razão. Do contrário, virei um péssimo adulto e um velho pior ainda.

Após mais de duas horas na praia, já estavam aquecidos o bastante. Não que precisassem. Diferente de seus ancestrais distantes, Yashiok, e todos os de sua espécie eram homeotérmicos, descendentes diretos de um bípede caçador, moldado pela evolução para se tornar um espetacular corredor. Suas patas traseiras musculosas e sua longa cauda lhes davam velocidade e equilíbrio. Seus olhos frontais, e cérebros proporcionalmente grandes para o resto do corpo, lhes concederam vantagens que viriam a compor um eficiente repertório de respostas aos desafios da evolução. Tudo isso resultou nos *arok*, a espécie terópode dominante daquele mundo.

– Eu queria que nosso filhote tivesse tido mais tempo de nos visitar, desde que voltou do grande continente sul.

– Yashi, você devia ser grato pelo fato dele ao menos ter o desejo de vir nos visitar. Nenhum macho adulto volta ao ninho em que foi chocado. Ainda mais com a companheira e com o próprio filhote. Isso não é *normal*.

– Isso está acontecendo cada vez mais. Um dia será comum. Faz parte da evolução– Respondeu Yashiok, se sentindo um pouco constrangido pela observação da velha fêmea.

A caminhada de volta ao ninho foi tranquila. Na grande calçada que separava a longa avenida da areia da praia, filhotes livres corriam à procura de alimento, enquanto jovens casais se formavam espontaneamente.

– Viu? – Esses jovens estão se encontrando sem a necessidade de duelos. Não há mortes nem mutilações, nem a dor de ser rejeitado após um desses confrontos estúpidos– Disse Yashiok.

– Mas se for assim, como as fêmeas poderão escolher? Como saberão quem é o melhor caçador, o melhor provedor?

– Minha vida, esses tempos já se foram. Ninguém mais caça hoje em dia. Compramos nossos alimentos no mercado. E força bruta não é tudo. Hagakeoh é prova disso.

– Mas ele nem tem uma companheira...

– Infelizmente nem todas as fêmeas possuem o seu discernimento. Eu venci seus outros pretendentes em duelo porque podia vencê-los. Mas Hagakeoh é um gênio. Ele poderia mudar nosso mundo, se tivesse tempo. E nenhuma daquelas montanhas de músculos que um dia desejaram emprenhar você se igualaria a ele em intelecto.

– Como assim, se tivesse tempo? Ele não têm nem trinta anos!

Yashiok, emitiu um estalido com a língua sobre o palato, o equivalente arok de um pigarro. Tentou mudar de assunto, sem que Aksiiiah percebesse.

– De qualquer maneira, a mudança é a única constante do universo. Tudo muda. Sempre.

– Quanta filosofia para um fim de semana! Tudo isso é nostalgia de seus tempos de universidade?

– Não mesmo. Se eu não tivesse me aposentado, não teria tempo para nossos passeios na praia– Disse ele, novamente silvando e enrolando sua cauda na dela.

Enquanto voltavam ao ninho, ouviram notícias dos *informadores*, que acabavam de receber as mensagens de atualização das agências de notícias. Nada de novo, para variar. A mesma lengalenga sobre os protestos pelo atraso da temporada de caça aos yurokin, aqueles enormes animais marinhos, que todo verão devoravam centenas de banhistas em Agarakiad, a *cidade da grande baía*, as infundáveis (e quase sempre inúteis) reuniões do conselho planetário de recursos naturais e os aborrecidos comentários daqueles cronistas antiquados que insistiam que a crescente mania dos jovens de abolir os duelos algum dia decretaria a ruína da espécie. Se ao menos eles soubessem...

Ao chegarem na entrada do ninho, um macho adulto com quase o dobro do tamanho de Yashiok ficou diante deles, impedindo que passassem. Realizou a dança de desafio e mostrou todos os seus dentes para o dono da moradia. Os dois velhos permaneceram imóveis enquanto o jovem os encarava

com um olhar ameaçador.

– Eu reclamo esse ninho para mim e para minha companheira– Disse ele, com um guincho potente como o soar de uma trompa.

– Meu filhote, esse ninho é seu desde antes de você sair do ovo– Respondeu Yashiok, com um alegre silvo.

– Genitor! Genitora! – Exclamou Dajueh, saltando para frente de seus pais e mordendo-os delicadamente, gesto a que eles corresponderam com suaves beliscões nas costas do filhote crescido.

– Essas...coisas que vocês fazem, sempre me deixam nervosa– Disse Aksiiiah– Como todos de sua espécie, ela não tinha uma palavra para “brincadeiras”. E mesmo os poucos dotados de algum senso de humor jamais saberiam como nomear aquele comportamento.

– Udja e nosso filhote já entraram. Ela trouxe alguns *kichara* para o almoço, se você não se importar, genitora. Ela diz que são mais saborosos porque foram capturados na natureza, ao invés desses que são criados em fazendas... – Disse o macho adulto, um tanto constrangido.

A velha fêmea engoliu em seco. A jovem companheira de seu filhote parecia uma boa fêmea para ele e para o filhote deles. Mas as vezes ela tinha vontade de rasgar a garganta dela.

– Claro, filhote. Sem problemas– Disse Aksiiiah.

Enquanto elas preparavam a grande pedra chata de refeições, o velho, Dajueh e seu filhote, conversavam sobre as estranhas espécies animais da grande ilha-continente do sul.

– Eu capturei alguns *onituroki* para a Fundação Nacional de Ciências– Disse Dajueh– Criaturas fascinantes. Põem ovos como nós e todos os animais evoluídos, mas têm pelos ao invés de escamas, e bicos, como a maioria das criaturas voadoras. E as fêmeas alimentam seus filhotes com um líquido que elas secretam de glândulas especiais. Exatamente como os kicharas.

– *Iek!!!* Que nojo! E nós comemos esses bichos?! Eu não quero comer nenhuma fêmea– Disse o pequeno, sacudindo a cabeça e a cauda.

– Mas os kicharas são diferentes, filhote. Seus filhotes não nascem de ovos. Eles se desenvolvem no interior das fêmeas e, ao nascerem, se escondem numa bolsa onde a fêmea os alimenta com esse líquido, até que eles estejam prontos para sobreviverem sozinhos– Disse o macho adulto.

– Interessante. Parece que na grande ilha a evolução encontrou soluções muito diferentes das que observamos em outros continentes– Disse o velho– Com algumas dezenas de milhões de anos, quem sabe o que poderia surgir de lá?

– Eu gostaria de ser imortal para descobrir a resposta– Disse Dajueh.

Yashiok desejou o mesmo, em silêncio. Mas tratou de espantar os pensamentos melancólicos antes que sua crista mudasse de cor. Ele tinha se esforçado muito para que aquele encontro com seus entes queridos fosse uma ocasião de festa e não queria estragar tudo, agora que faltava apenas um convidado.

Na cozinha, as fêmeas separavam as gaiolas com os animais que seriam servidos sobre a grande pedra chata, quando chegasse a hora do almoço. Entre seus afazeres estava separar os kicharas usando critérios como tamanho e agilidade. Ninguém queria desperdiçar comida. Mas também não podiam se dar ao luxo de deixá-los escapar da mesa antes da refeição começar.

– Se você quiser, posso alimentá-los com erva ajaiki, para acalmá-los. Eles são rápidos demais para alguém da sua idade. – Disse a jovem fêmea.

– Udja, você está me ofendendo... – Afirmou a velha, entre dentes, e erguendo a crista com um sibilo ameaçador.

Nas gaiolas, os pequenos animais peludos de sangue quente ficaram muito mais assustados com a demonstração da velha do que a jovem fêmea arok. Os filhotes se aninhavam contra o ventre das mães e os machos adultos se debatiam contra as grades de fibra vegetal, buscando uma saída que não existia.

– Mas eu estou apenas tentando ajudar... – Repliquou a jovem fêmea com um silvo amistoso de condescendência que só servia para irritar ainda mais a velha dona do ninho.

– Obrigada por sua ajuda– Respondeu Aksiiiah, respirando profundamente e se esforçando ao máxi-

mo para não abater sua “nora”. – Mas não gosto do sabor com que eles ficam quando comem ajaiki.

– Vamos usar todos eles? – Indagou a jovem.

– Ainda não sei. Hagakeoh é vegetariano. Então, acho que ele se contentará com tubérculos e frutas. Vamos começar com os adultos. Deixaremos os filhotes para o final.

– Vegetariano?!

– Eu sei. É estranho. Mas Yashiok diz que ele tem todo o direito de ser vegetariano, uma vez que somos todos onívoros. Eu não concordo, mas respeito.

Uma saudação de submissão soou através do ninho, vinda do jardim de entrada do condomínio. Era um guincho longo e tristonho, quase um gemido, usado pelos doentes, pelos vencidos em duelos ou por filhotes abandonados, com o propósito de avisar que uma criatura inofensiva se aproximava, além de ser uma súplica para que o autor ou autora da mesma não fosse devorado. Às vezes funcionava.

– Ele chegou– Disse a velha, resignada com os modos do estranho convidado.

De pé, mas curvado, na passagem dianteira do ninho, Hagakeoh concluía o canto com uma flexão. O velho, seu filhote adulto e o pequeno, se adiantaram para recebê-lo.

– Haga, que bom que você veio! – Disse o velho, beliscando o flanco do jovem que, como de costume, não sabia como reagir a manifestações de afeto.

– Hã...Obrigado. É muito bom estar aqui– Respondeu ele, imóvel. Ainda assim, ele parecia excepcionalmente sociável.

– Quem é ele, genitor? – Perguntou o pequeno ao filhote adulto de Yashiok. A visão daquele adulto raquítico, de aspecto frágil como uma asa de inseto, o intrigava.

– Ele é...É difícil de explicar. Posso dizer que ele também é um filhote de seu grande-genitor– Disse Dajueh.

– Ele é um filhote da sua ninhada? E como foi que você não o devorou? Olha só pra ele! Ele é tão fraco...

– Apenas fique em silêncio– Disse Dajueh, sem saber o que dizer.

Dajueh se curvou diante do recém-chegado,

como um gesto de cortesia. Não que precisasse. Afinal, se não fosse ele, o irmão adotivo há muito teria sido morto e talvez devorado por sujeitos mais fortes do que ele.

– Boas caçadas, Daju– Disse Hagakeoh, ainda imóvel.

– Boas caçadas, Haga– Respondeu Dajueh, com sinceridade– Sinto falta de nossas conversas estimulantes. Bons tempos aqueles quando nós três nos encontrávamos sob aquela grande árvore no campus, para filosofar.

– Verdade– Disse Yashiok, igualmente orgulhoso do atlético zoólogo e do frágil astrofísico que ele educara, talvez os primeiros machos adultos de sua espécie a terem uma longa infância e boa parte de sua criação no ninho.

– Eu confesso que só ia àquelas reuniões para não ser morto. Aquela era a única zona livre de duelos em todo o campus... – Disse o astrofísico, movendo a cabeça nervosamente para os lados, como se procurasse um lugar para se esconder.

O velho dono do ninho e seu filhote mais forte silvaram, achando aquela afirmação muito divertida. Hagakeoh se manteve em silêncio. Como de costume, manifestações desse tipo eram incompreensíveis para ele.

Enquanto as fêmeas preparavam tudo, os machos conversaram sobre suas carreiras, sobre política científica e os novos estatutos da universidade.

– Que absurdo! – Disse Dajueh– Pelo novo regimento, um estudante de doutorado não pode matar seu orientador em duelo se ele demonstrar sinais de que o projeto do doutorando não lhe agrada.

– Eles podem conversar, trocar pontos de vista e encontrar um denominador comum– Disse Hagakeoh.

– Concordo com Haga. Certa vez assisti à uma defesa de tese em que o candidato, o orientador e todos os membros da banca examinadora morreram por causa dos ferimentos que infligiram uns aos outros. Por sorte saí antes da leitura da ata! Quantas mentes brilhantes não perdemos nesses duelos estúpidos de pós-graduação? Se eles tivessem sido abolidos na aurora dos tempos, talvez estivéssemos eras à frente de nossa época em tecnologia e soluções para

problemas que sequer sonhamos– Concluiu o velho, num tom solene.

– De qualquer modo, tudo isso já não importa mais– Disse Haga, com um tom amargo, para ninguém em particular.

“Não estrague tudo agora, Haga, por favor!”, pensou Yashiok, estendendo a pata dianteira direita para que ele comesse aquela fruta amarela de polpa doce e alaranjada, cheia de pequenas sementes pretas. Aquilo garantiria seu silêncio, ao menos, por alguns momentos.

– Obrigado– Respondeu o Jovem macho raquíptico, aceitando a fruta.

Por sorte, apesar de compartilhar muitos traços de seu comportamento, a capacidade de ler sinais muito sutis de expressão corporal não era uma das habilidades que Dajueh herdara de seu genitor. Do contrário aquela reunião de família estaria fadada ao fracasso

– Eu e Dajueh conversávamos sobre os kicharas antes de você chegar– Disse o velho– Sempre achei essas criaturas fascinantes.

– Você e Dajueh são zoólogos. É natural que os achem fascinantes– Replicou Hagakeoh, com sua aspereza habitual.

– Não. Meu interesse neles não é apenas profissional. Eu acho que eles poderiam nos oferecer muitas respostas sobre nós mesmos e sobre as mudanças pelas quais nossa espécie tem passado nos últimos séculos.

– E o que nós poderíamos aprender com eles? Eles são simplesmente comida. Para mim, nem isso. – Disse o raquíptico astrofísico, com sua crista mais baixa do que o habitual.

– Eles protegem seus filhotes. Eles têm infâncias mais longas. Eles demonstram laços que se formam entre filhotes e suas genitoras e, em alguns casos, até com seus genitores. Acho que o que aconteceu comigo e com outros de minha geração pode ser parte de um padrão, de algo novo, algo que mudaria *tudo*– Disse o velho, com um brilho incomum naqueles enormes olhos amarelos.

Hagakeoh não respondeu. Sua lembrança mais antiga era a de estar caído em frente ao ninho aban-

donado de seus genitores. Os outros membros de sua ninhada perceberam que ele era o mais fraco e começaram a mordê-lo e golpeá-lo com suas pequenas garras, dilacerando a carne de seu flanco direito. E então, tudo ficou escuro. Despertou dias depois, naquele mesmo ninho que ele agora visitava, sob o olhar atento de Yashiok, Aksiiiah e do pequeno Dajueh. Pensou que eles iriam devorá-lo. Ao invés disso, eles lhe concederam uma vida e tudo o que ele poderia ser. Aquela lembrança lhe causava uma estranha sensação. Ele não sabia como chamá-la e nem se ela era boa ou má. Mas não queria que ela acabasse.

O silêncio prolongado do velho e de seu irmão adotivo incomodava Dajueh. Sem mesmo entender o conceito de humor, voltou a fazer gracejos.

– Genitor, isso quer dizer que vamos todos criar pelos, ganhar bolsas e começar a alimentar nossos filhotes com o produto de nossas glândulas? – Disse o jovem atlético com um silvo particularmente debochado.

– Daju! Cresça! Você, mais do que ninguém devia me apoiar. A dissecação dos cérebros dos kicharas mostra que eles apresentam estruturas corticais, que não estão presentes em nossos cérebros. Elas poderiam ser responsáveis pelas diferenças de comportamento entre nós e outros animais evoluídos e essas criaturinhas peludas. As mesmas diferenças que tornaram suas vidas possíveis – Disse o velho apontando com a garra longa de sua pata dianteira direita para os dois jovens adultos.

– Não sabemos ao certo. Isso é só uma teoria. Pode ser que você eu e, talvez, Haga, sejamos portadores de uma mutação que produza algum tipo de disfunção endócrina.

– Se isso for verdade, espero que seja incurável – Silvou o velho.

– Eu também – Disse o macho raquítico, para a surpresa de todos, inclusive dele mesmo.

– Eu quero comer! Essa conversa já está me aborrecendo! – Urrou o pequeno.

Todos se reuniram junto à grande pedra achatada, prontos para abater os kichara e comê-los. Ou mastigar os vegetais, no caso de Hagakeoh. Mas, antes que as fêmeas abrissem as gaiolas, Yashiok pediu

que esperassem.

– Dentro de algumas semanas, eu e Aksiiiah comemoraremos nosso segundo século de união. Algo estranho pelos padrões de nossa sociedade, onde, até bem pouco tempo, não existiam grupos unidos pelo sangue. Muito menos diferentes gerações de uma linhagem coabitando o mesmo ninho. Nossas vidas tiveram altos e baixos. Perdemos muitos filhotes para as doenças, as feras da selva e para filhotes de outras linhagens, em desafios de acasalamento ou território.

A voz de Yashiok tornou-se embargada. Suas patas dianteiras tremiam. Aksiiiah segurou uma delas e suas caudas se tocaram.

– Mas tivemos a chance de gerar você, Dajueh, que hoje volta a seu ninho, com sua companheira e seu próprio filhote...

– Eu estou com fome, grande-genitor! Quando é que nós vamos comer?

– Shhh! – sibilou Udja, para o pequeno.

– O que foi, genitora? – Indagou o filhote, confuso.

– Não vou me demorar, pequeno – Replicou o velho, com enormes olhos que eram só afeição para o filhote de seu filhote – E o mesmo vale para você, Hagakeoh. Minha existência não estaria completa sem você. Sua vida fez nossas vidas maiores e melhores. Quando nós, e eu digo nós com sinceridade, pois sei que Aksiiiah sente o mesmo, ainda que não saiba como dizê-lo, quando nós o resgatamos das garras da morte, nos sentimos vingados por todos os filhotes que perdemos. Sua vida e as nossas estão indissoluvelmente ligadas e sou grato por isso.

Hagakeoh não sabia para onde olhar, que sons emitir ou se devia agitar sua cauda. As palavras de seu *para-genitor*, como ele as vezes chamava Yashiok, tinham o estranho poder de acelerar seus batimentos cardíacos, enrubescer a sua crista e fazer com que todo o ar de seus pulmões parecesse insuficiente. Aquilo era estranho, desconfortável e, ao mesmo tempo, algo que ele sempre desejou, mais do que desejara qualquer fêmea, e muito mais do que desejara vencer qualquer duelo. Se ele conhecesse o conceito de ironia, acharia engraçado, justo naquele momento, estar se sentindo mais vivo do que em toda sua

existência.

Yashiok percebeu o estranho silêncio produzido por suas palavras e, assim como seu filhote mais velho costumava pensar, decidiu que ele já durara demais.

– Agora vamos comer– Disse o velho, com um alegre silvo.

Quando as fêmeas iam abrir as gaiolas, Yashiok olhou para os pequenos animais peludos e, ainda que por alguns instantes, compartilhou com eles o horror da morte iminente.

– Esperem– Disse o velho– Soltem as fêmeas e os filhotes. Os machos adultos serão suficientes.

A dona do ninho, Dajueh e sua companheira o olharam com perplexidade. Hagakeoh desviou o olhar para que seus movimentos e sua crista não o traíssem. Ainda que não compartilhasse dos sentimentos de seu genitor para com aqueles animais, ele entendia os motivos daquele gesto.

– Obrigado, grande-genitor! Você me salvou de comer aquelas glândulas nojentas! – Disse o pequeno.

Udja se sentiu insultada, logo ela que tinha caçado na floresta das montanhas do litoral alguns dos melhores e mais saborosos exemplares da fauna de kicharas. Mas resolveu obedecer, pois aquele clima pacífico poderia acabar a qualquer momento e, acima de tudo, ela queria poder almoçar em paz e descer até a praia para aproveitar o sol. A velha anfitriã sequer enrubescera a crista em sinal de contrariedade. Limitou-se a abrir as gaiolas e deixar as fêmeas e os filhotes fugirem para a floresta montanhosa. Em instantes os machos estavam mortos e todos estavam comendo, exceto Hagakeoh, que mastigava aqueles massudos tubérculos com um prazer que o resto daquela família jamais entenderia.

A pedra chata de refeições tinha pequenas estrias entalhadas na superfície, que levavam o sangue dos kicharas até uma depressão no meio da estrutura. Quando os adultos terminaram de comer, o pequeno Ogo saltou sobre a pedra chata e bebeu o sangue daquela depressão em forma de tigela, até a última gota.

O almoço tinha sido frugal pelos padrões arok, o que, do ponto de vista de Yashiok vinha a calhar.

Com seus estômagos preenchidos levemente abaixo do limite da saciedade, aquela família não seria forçada ao sono da tarde, que lhes roubaria preciosas horas de convívio. Dajueh e o pequeno Ogo se provocavam mutuamente, ensaiando a dança de desafio. Ainda que o zoólogo não acreditasse mais no valor desse costume ele tinha certeza que ensinar o filhote a lutar era crucial se ele quisesse que sua cria sobrevivesse até a maturidade.

Udja mantinha uma distância segura de Aksiiiah. Ainda havia uma longa tarde a ser vencida e era prudente evitar qualquer incidente com a velha. Yashiok e Hagakeoh fizeram a descida em silêncio, porém muito próximos, a ponto de conseguirem ouvir a respiração um do outro, mesmo sob o intenso canto dos pássaros e daquelas outras criaturas aladas, os pequenos seres de asas coriáceas e longos bicos dentados, que habitavam a floresta. O frágil macho adulto exalava ansiedade, apesar de sua carapaça de indiferença. Ele estava imóvel demais. Rígido demais para quem já devia estar relaxado, após aquela refeição. Somente o seu genitor adotivo parecia perceber isso. Era óbvio para Yashiok que Hagakeoh precisava lhe falar em particular. Mas como fazê-lo?

A fruta ovalada de casca dura e fibrosa que Hagakeoh encontrou no caminho era tudo de que ele precisava.

– Ei, Daju! – Silvou ele, Excepcionalmente bem humorado– SEGUIRE ISSO! – Berrou, lançando o fruto para seu companheiro de ninhada adotivo.

– Você, querendo jogar *caça ao ovo*?! Genitor! Haga deve estar passando mal... – Disse Dajueh, ao segurar o fruto com uma única pata, não necessariamente ironizando a situação.

– Eu não sou apenas cérebro. Posso não ser um grande lutador, mas se não fosse um formidável corredor, essa conversa não estaria acontecendo. Eu escolho Yashiok, e Aksiiiah como parte da minha equipe.

– Mas isso é injusto. Eles são *muito* velhos e você é fraco demais...

– Quem você está chamando de inúteis, filhote? Você devia ter me visto hoje ao amanhecer, pondo um bando de jovens para correr... – Protestou Yashiok.

– Tudo bem, mas como você fez o desafio, tem o direito de posse do ovo– Disse Dajueh, se esforçando para dar alguma vantagem à combatida equipe de seu companheiro de ninhada adotivo.

Em outros tempos, aquele jogo era mesmo jogado com o enorme ovo de um herbívoro quadrupede de placas córneas na cabeça, que também possuía dois chifres que saíam diretamente do topo do crânio e um que se projetava do focinho. Mas, em essência, esse jogo permanecia inalterado. Com algumas variações, vencia quem conseguisse atravessar o território da equipe adversária até o final, sem que o ovo fosse capturado.

O jogo, obviamente, foi um desastre. Ogok acertou o focinho de Hagakeoh duas vezes com o “ovo” que lançara para seu genitor. Yashiok, decidiu que já era o bastante.

– Daju, leve Ogok, Aksiiiah e Udja para jogar lá adiante, junto daquelas pedras. Eu e Haga ficamos por aqui. Nossos dias de proezas físicas já se foram, não é Haga?

Em silêncio, o raquítico macho adulto baixou a cabeça e ergueu as patas dianteiras em sinal de submissão. Depois deitou-se de costas na areia, grato pelo fim da partida.

Dajueh aceitou a rendição de Hagakeoh e correu com o fruto, desafiando Ogok e as duas fêmeas a tirá-lo dele. Elas o seguiram, em parte talvez, na esperança de poderem “acidentalmente” acertar os focinhos uma da outra com o duro e pesado fruto.

– Você está bem? – Disse o velho, Ajudando Hagakeoh a se erguer da areia da praia.

– Só dói quando eu respiro– Respondeu o filhote adotivo, ainda ofegante, coçando o focinho com as patas dianteiras.

Por alguns instantes o velho quase chegou a pensar que seu filhote estava tentando ser engraçado.

– O cenário não mudou? – Perguntou o velho, mais tranquilo, agora que Dajueh, as fêmeas e o pequeno Ogok estavam longe demais para ouvi-los.

– Eu fiz e refiz os cálculos, centenas de vezes. E o resultado é sempre o mesmo. Lamento. Queria ter algo melhor a dizer.

– Você tem certeza? – O velho se sentia um idiota

fazendo aquela pergunta, pois conhecia o brilhantismo de sua prole– O doutor Agarek afirmou aos noticiadores que o *visitante* passará perto da órbita de nosso mundo, mas que se distanciará dela nas primeiras horas da próxima aurora...

– Agarek é um imbecil que não encontraria a própria cauda nem se alguém a apontasse para ele. Além disso, ele não teve acesso aos recursos que eu tive.

– Que recursos?

– Eu me injetei com *taikironina*... – Disse ele, arrasado, como se fosse possível estar mais cabisbaixo.

– Um acelerador cognitivo?! Filhote, não! Por que você fez isso?! Essas drogas são letais... – Disse o velho, em desespero, quase violando milhões de anos de evolução e pronto para abraçar o filhote adotivo.

– Foi necessário, para que eu pudesse fazer isso– Disse ele, apontando para uma pequena incisão na nuca, coberta com uma escama falsa de biopolímero– Tive que unir meu sistema nervoso ao dos *pensadores adormecidos*. Só assim eu conseguiria fazer e refazer os cálculos a tempo de avisá-lo, genitor. Se ao menos O Visitante tivesse entrado no alcance de nossas *lentes celestes* dois anos antes, talvez tivéssemos alguma chance. Mas agora não faz diferença. Sua trajetória foi alterada quando ele passou pela órbita de Isshaka, o olho vermelho do céu. A gravidade de nosso mundo fará o resto.

– E se você estiver errado?! Você terá dado sua vida em vão apenas para que um velho tolo pudesse fazer uma reunião de descendentes!

– Se eu estiver errado, coisa que muito me agradaria, deem-me de alimento para Ogok. Ele merece. Do contrário, viverei tanto quanto qualquer um nesse continente. O ponto de impacto será a noroeste de Agarakiad, quase na divisa com a província dos veios de ouro, com um erro de duzentos mil saltos para mais ou para menos. Teremos sorte. Seremos pulverizados. Acontecerá antes do amanhecer, quando todos estiverem dormindo. Mas nossos semelhantes do hemisfério oriental viverão o bastante para experimentar uma horrível agonia, e nos invejarão por termos morrido antes deles.

– E como será?

– Você não gostaria de saber.

– Eu sou um cientista. Posso estar prestes a virar comida de vermes, mas ainda sou um cientista e minha curiosidade é, no mínimo, tão grande quanto meu horror.

– Eu chamo esse evento de “inverno de impacto”. A queda do visitante liberará uma energia inimaginável, maior do que qualquer evento já registrado na história desse planeta.

– Maior do que aquela cratera de impacto na Akíria do norte há 50.000 anos?

– Aquele objeto tinha mais ou menos 45 saltos de diâmetro. O visitante é pelo menos 200 vezes maior. O que houve no passado parecerá um sussurro perto do que está para acontecer. Trilhões de unidades de massa de pó e cinzas serão lançadas na atmosfera, bloqueando a luz do sol durante anos, talvez décadas. Em alguns meses, a maior parte da vida vegetal desse planeta estará morta. Nosso mundo se transformará numa enorme floresta gelada. Os grandes herbívoros serão os primeiros a morrer. Durante alguns meses, os carnívoros caçadores que sobreviverem ao impacto inicial terão comida em abundância. Mas não para sempre. Quando o festim acabar, mesmo eles morrerão de fome, abrindo caminho para os pequenos carniceiros e onívoros. À medida que as nuvens de pó se dissiparem e a luz do sol retornar, a temperatura voltará a subir. Os cadáveres de nossas florestas servirão de substrato para uma imensa cultura de fungos, muitos dos quais serão comidos pelos onívoros. Animais pequenos e com menor custo energético terão mais chance de prosperar nesse ambiente. Pelo menos é como eu imagino, baseado nas simulações que testei. Parece coerente?

O velho apenas assentiu com a cabeça e as patas.

– Uma terrível inversão de papéis nos aguarda. Dentro de alguns meses, seremos alimento para essas criaturas peludas que vivem embaixo da terra, cavando seus túneis. O fato de serem homeotérmicas e viverem no subterrâneo será um ponto a favor delas. Isso é tão...tão...– Hagakeoh hesitou. Como o resto de sua espécie, ele também não tinha uma palavra para “irônico” – E você quer saber de uma coisa? Aronik, o grande astrônomo dos primórdios, narra em suas crônicas que o visitante quase nos destruiu, há aproximadamente 65 milhões de anos atrás. Imagine que mundo teria nascido desse incidente?

O velho ficou em silêncio, pensando nos laços que o uniam à sua fêmea, sua prole e, até, à prole de sua prole. E nos filhotes de kichara, se aninhando contra o pelo de suas mães, momentos antes de serem soltos.

– Diga-me, genitor, você que estudou a vida por quase dois séculos, qual é o sentido de nossas existências? Porque razão tivemos que ser amaldiçoados com a consciência de nossas mortes? Porque não podíamos ser como essas criaturinhas peludas, bestas patéticas, abençoadas pela ignorância de seu próprio fim? Eu queria que as coisas fizessem sentido. Sempre ansiei por uma *verdade maior*. Nunca encontrei um propósito nas formas de vida ou em sua evolução. Voltei-me para a matemática e para o trânsito dos corpos celestes, à procura de harmonia, mas tudo que encontrei foi a certeza de nosso fim. Minha vida inteira foi um fracasso, um desperdício. Antes eu tivesse servido de alimento para meus companheiros de ninhada. Teria servido a algum propósito, feito alguma diferença. Busquei paz na ciência, mas a ciência nunca foi capaz de aliviar minha dor. Diga-me, genitor, agora que vamos todos morrer...de que valeram nossas vidas?

– Não diga isso, meu filhote, sua vida tem sentido. Todas tem...

– Eu perdi todos os desafios que já aceitei. Quase morri na maioria deles. Nunca tive uma fêmea. Sempre fui rechaçado por todas, até pelas velhas e estéreis. É tão frustrante! Se eu ao menos eu tivesse feito os cálculos a tempo...

– E de que isso adiantaria? Não haveria tempo para construir abrigos subterrâneos. E ainda que o fizéssemos, suspeito que isso apenas adiaria nossas mortes. Eu estou certo?

Hagakeoh apenas moveu a cabeça e as patas dianteiras, em sinal de confirmação.

– Não procure alívio na ciência. Não é para isso que ela serve. Nunca foi. Apenas a beleza alivia a dor. E sempre houve alguma beleza nesse mundo, mesmo diante da violência e da morte. Estamos cercados por ela. Pelos raios do sol, pelas águas verdes do mar, pelas montanhas, pelas florestas e savanas...

– Verdade? E qual foi a visão mais bela que você já testemunhou em toda a sua vida? Por favor, me diga.

Eu imploro. Eu preciso compartilhá-la... – Indagou Hagakeoh, corroído pela dor.

– Foi você, meu filhote, quando despertou em nosso ninho– Disse o velho, sem hesitar, nem por meio segundo.

– Eu sempre fui um fracasso, nunca realizei nada. Nem mesmo gerei descendentes– Replicou Hagakeoh, com amargura, desejando já estar morto.

– Isso não é verdade. Lembra do dia de sua defesa de doutorado? Eu lembro com orgulho daquela tarde. Você venceu a banca examinadora, sem erguer uma única garra. Você nem mostrou seus dentes a eles! Você sabe quantos cientistas conseguiram isso na história de nossa espécie?

– Dois. Você e eu.

– Não. Apenas você. Eu menti. Olhe aqui– Disse ele, mostrando uma pequena cicatriz na coxa esquerda, numa região sem escamas– Isso foi um pequeno desentendimento com o representante local de minha banca examinadora. Ele teve que sair carregado.

– Isso não muda nada. Minha vida foi inútil, estéril. Sempre fui um peso e uma vergonha para você e para Aksiiiah. Eu sei, ainda que vocês nunca tenham dito isso na minha frente. Você tem vergonha de mim e eu não o censuro. Eu queria pedir o seu perdão. Você me deu uma vida. Eu nunca conseguirei dar nada em troca.

– Não diga isso, filhote. Eu sou um zoólogo medíocre. Publiquei muitos artigos, mas nenhum que tenha realmente lançado um olhar inovador sobre a vida animal de nosso mundo. Mas você, ah! Você é de longe minha maior realização. Contra tudo e contra todos, aquele filhote frágil que você era, floresceu para se tornar a mente mais brilhante de sua geração, talvez a mais brilhante que já viveu. Eu me orgulho de ser seu genitor– Disse o velho, com as patas dianteiras trêmulas, segurando as do filhote adulto.

O raquítico astrofísico ficou imóvel, lutando contra aquele estranho sentimento que parecia um parasita, rasgando suas vísceras durante décadas, tentando escalar seu peito, sua garganta, para finalmente se fazer ouvir. E entendeu o que, no fundo, sempre soubera: Era inútil resistir a ele.

– E eu sempre tive, e sempre *tereí*, o maior orgulho de ser seu filhote, meu *genitor*– Disse Hagakeoh,

pela primeira e última vez em sua existência.

O frágil macho adulto começou a sentir o gélido abraço da morte. Seu corpo tremia, e suas pernas fraquejavam, denunciando os primeiros efeitos da taikironina. Era uma questão de horas. Yashiok compreendeu. Aproximou-se de seu filhote adotivo e fez o impensável: Envolveu-o com suas patas dianteiras, como se estivesse pronto para abatê-lo. Mas Hagakeoh não teve medo. De fato, estranhamente, ele não queria que aquele contato acabasse. Caminharam um pouco, até que o velho percebeu que era melhor chamar o resto de sua linhagem para junto de si e de seu filhote moribundo.

– Ei, vocês! Parem com esse jogo e venham cá! – Berrou Yashiok, sem que sua voz traísse seus sentimentos.

– O que foi, genitor? – Perguntou Dajueh, que se aproximava, seguido das fêmeas e do pequeno Ogok.

– Olhem para as montanhas! – Disse o velho, ainda amparando Hagakeoh com uma das patas e apontando para os picos cortados pelos últimos raios do sol poente– Vocês já viram um crepúsculo mais belo? Eu queria compartilhá-lo com vocês! Segure minha pata, Dajueh. Ogok, segure a pata de seu genitor. Udja, segure a pata de Ogok e a de Aksiiiah...

A jovem fêmea hesitou.

– Por favor– Pediu o velho, em tom de súplica.

Ela obedeceu.

– E você, Aksiiiah, segure a pata de Hagakeoh.

A velha ficou ao lado de seu filhote adotivo e, com a pata livre, ajudou a ampará-lo. Era a primeira vez que ela o tocava desde que ele deixara seu ninho.

– Eu sou grato por minha vida, pois sempre os tive a meu lado. Eu não temo a morte– Disse o velho, com um silvo de júbilo– Sou o *arok* mais feliz que já andou sobre a Terra.

E assim, de patas unidas, eles se despediram dos últimos raios de sol daquele último dia perfeito, que, em outra linha de tempo, calendários criados por bípedes de sangue quente marcariam como sendo o 22º dia do último mês daquele ano, dois mil e doze anos após o nascimento de um deles, um mamífero chamado *Cristo*, naquela praia de areias brancas,

que, em outro universo, se chamaria *Copacabana*.

Gilson Luis Da Cunha vive em Porto Alegre, onde nasceu, em 1965. É Biólogo, doutor em genética e biologia molecular, e leitor de ficção científica desde os anos 70. Publicou seus primeiros contos em 1987, na Antologia Universitária *Escreva-se*, da editora da UFRGS. Recentemente voltou a escrever, tendo publicado os contos *A Mulher Que Chora* (Mundos vol. 4, ed. Buriti, 2015), *Depois Que Eles Partiram* (Monstros Gigantes, ed. Draco, 2015), *Tia Brunhilda* (Garotas e Armas, ed. Buriti, no prelo), *O Artista* (Mundos vol. 5, ed. Buriti, no prelo) e *Uma Pequena Trapaça*, na seção “Fricção” do caderno *Planeta Ciência* do *Jornal Zero Hora*, disponível em:

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/planeta-ciencia/noticia/2015/08/uma-pequena-trapaca-por-gilson-luis-da-cunha-4832740.html>

UTOPIA PANDEMIA

Luiz Bras

Hoje é dia de *Olho por olho, dente por dente*.

Na sala da imprensa, a nova diretora do presídio conversa com a nova produtora da tevê estatal. Não discutem mais sobre o baixo índice da audiência do programa da semana passada, um fiasco.

Planilhas são atualizadas a cada dez minutos, os patrocinadores estão bastante descontentes, mas contrato é contrato, não podem abandonar o reality show no meio da temporada. Mas poderão se recusar a financiar a próxima, e isso o Ministério do Espetáculo não admitiria jamais.

As autoridades e a agência estatal de publicidade culpam o diretor da tevê estatal pelo incidente desastroso, o diretor gaguejou, praguejou e no fim culpou a falta de brilho do núcleo criativo da emissora, na manhã seguinte cabeças rolaram, a antiga diretora do presídio e a antiga produtora do programa foram substituídas, boa parte dos redatores também.

Sorte nossa que toda a equipe técnica foi mantida. O diretor do programa idem, apesar de raramente opinar e ser escutado sobre qualquer assunto.

Ele tem foro sexual privilegiado, alguém ironizou, fazendo um movimento cômico com a pelve, antes de ser demitido.

A produtora do programa, agora na sala de tortura, acerta os últimos detalhes com o técnico de som.

O torturado desta semana será uma garota branca e saudável, de classe média alta, líder de quadrilha, condenada a trezentos anos de isolamento neural por assassinato, sequestro, tráfico de drogas etc.

É a primeira vez que torturam em rede nacional um cidadão branco.

O diretor do programa não gostou da ideia, o branco não é uma cor qualquer, ele resmungou, é um símbolo sagrado de pureza, um estado de espírito que não deveria ser maculado.

Ninguém deu atenção.

A diretora do presídio queria que fosse um rapaz, mas a produtora amarelou. A família brasileira ainda

não está suficientemente amadurecida pra aceitar a tortura de um cidadão branco de classe média alta, do sexo masculino, muito menos pra se divertir com isso.

No tribunal da vida e da morte não existe inocência maior.

Você viaja sem saber que viaja. Atravessa o vácuo e a escuridão sem saber o que é isso: vácuo e escuridão.

Nesse ponto você não é diferente da infinidade de organismos inteligentes que povoam os planetas. Eles também não sabem *realmente* o que é o vácuo e a escuridão.

Mas pensam – fingem? – que sabem, porque sua ignorância é sustentada por complexas linguagens inventadas apenas pra manter viva a ilusão de conhecimento.

Você não é um organismo inteligente semelhante a eles. Não é sequer um organismo. É apenas uma partícula infecciosa aprisionada num minúsculo grão de titânio.

Uma partícula viral entre milhões de outras iguaizinhas a você, reunidas numa esfera microscópica entre milhões de outras iguaizinhas a ela.

Tudo o que os organismos mais inteligentes sabem é que nada sabem. A ilusão de conhecimento é somente outra forma de sofrimento.

Nesse ponto você, partícula inerte e ignorante entre partículas inertes e ignorantes, é mais sábia que eles.

Não sabe de nada, não pensa. Na cadeia alimentar, você não sofre. Apenas faz sofrer.

No tribunal da vida e da morte não existe inocência maior.

O movimento é rápido, porém, da substância que impede o processo de cicatrização nem uma gota –

uminha só – é desperdiçada. Após riscar duas dezenas de linhas verticais nas costas da prisioneira nua, as unhas retráteis do torturador escapam do enquadramento.

O grito da garota é captado por microfones multidimensionais, um uivo em espiral, luminoso, entre o violeta e o verde no espectro visível.

O quarteto que se apresenta ao vivo – piano, violino, viola e violoncelo – acompanha a certa distância, sem se impor, o lamento minimalista, o compasso ora agudo ora grave do sofrimento.

Novamente o movimento é rápido, as unhas do torturador riscam mais duas dezenas de linhas agora na horizontal, desenhando uma grade vermelha nas costas da prisioneira. A substância que entra em contato com seu sangue também multiplica a sensibilidade dos receptores da dor.

Seguindo o roteiro que é sussurrado em sua mente pela assistente de direção, o torturador sai de cena por meio minuto, pra que o quarteto possa emoldurar a agonia da garota com o pentagrama compassivo de um adágio implacável.

A última nota eleva-se sobre o auditório, paira mais um pouco, mais um pouco, e morre estrangulada por um gesto do apresentador, que chama os comerciais.

Após sessenta e sete anos, nove meses, duas semanas e três dias de viagem, uma pequena fração das esferas começa a penetrar, em pontos diferentes, a atmosfera do planeta-alvo.

A maior parte do enxame se perdeu no vácuo e na escuridão. De qualquer modo, a expressão *perder-se* não faz o menor sentido pra seus tripulantes. Partículas infecciosas não costumam perder nada, muito menos a si mesmas.

Da pequena fração de esferas que consegue atingir a atmosfera do planeta-alvo, a maior parte não suporta o atrito e se desintegra. Foram microexplosões afastadas e invisíveis ao olho dos radares, mais ainda ao olho humano.

Você e teus companheiros de esfera não se desintegraram. Eu quase disse: você e teus companheiros de esfera *tiveram sorte*, então me lembrei que sorte e

azar não significam bulhufas pra vocês.

Da mínima fração de esferas que consegue atingir a superfície do plante-alvo, umas desaparecem nos oceanos, outras nos polos.

Nos antípodas, treze aves – incluindo um pingüim –, nove peixes, oito insetos e dois mamíferos – um golfinho e uma foca – são trespassados e mortos, mas os jornais e as universidades não ficam sabendo.

Um assóvio, um lampejo. Tua esfera atravessa a copa amarelada de um guapuruvu e fura o gramado de um parque municipal qualquer, abaixo da linha do Equador, mais precisamente na América do Sul.

Os milagres mais sagrados só acontecem quando ninguém está assistindo.

A súbita freada acorda os sensores na superfície da esfera, que analisam o novo estatuto de pressão, temperatura, umidade etc. Tudo ideal.

Um meridiano cinde a esfera, liberando você e teus companheiros. Milhões ao vento da tarde ensolarada.

Primeiro são removidas as pálpebras, sob um holofote ofuscante.

Em seguida os lábios, as orelhas. Os mamilos.

Os grandes lábios, os pequenos. O clitóris.

As unhas o torturador deixa pra remover depois dos comerciais, é preciso vender crédito bancário, novos modelos de automóvel, o diabo a quatro, a economia de mercado e a sociedade de consumo agradecem.

Alguém cochicha, alguém tosse, pensamentos dissolvem-se num vaivém de oceano, seu corpo estremece em ondas de febre, mas a prisioneira não desmaia.

O coquetel de drogas que está sendo injetado em sua corrente sanguínea não deixa que a piedosa inconsciência se aproxime. Não existe paraíso fora do sono, comenta o apresentador.

Enquanto as unhas de bisturi vão abrindo seu peito, a garota chora e vocifera contra o torturador, contra a plateia. Contra todo o universo.

Incisão, expansão, a câmera enquadra a face de

duas costelas e atrás um músculo pulsante, o ritmo do batimento cardíaco é acompanhado pela escala ascendente do piano solo.

Um abismo sem fundo, a região do inesperado, isso é o coração de uma mulher, comenta o apresentador, citando um poeta bastante condecorado, porque todos os funcionários da tevê estatal já entenderam que a literatura oficial precisa ser divulgada de vez em quando, é de bom-tom.

No andar de cima, o secretário da diretora do presídio recebe uma ligação no mínimo inconveniente, é a diretora do internato da filha da diretora do presídio, o secretário afasta a contragosto a tela do reality show e atende a chamada, boa noite, senhora, a menina não está passando bem?

Boa noite, Diego, rapaz esperto, você já entendeu o problema.

É tão sério assim que não dava pra esperar o programa terminar?

Garanto que nós dois não estaríamos tendo esta conversa, justo agora, se a menina não estivesse totalmente fora de controle.

É pura encenação, senhora, ela faz isso pra irritar a mãe, não acha muita coincidência ela passar mal justamente durante o programa?

Desta vez é diferente, a pele está cheia de eczemas e nosso médico já começou a ficar preocupado, como se isso não bastasse a menina surtou, está meio paranoica, ela quer falar com a mãe de qualquer jeito.

Não custa tentar, mas duvido que a diretora vá atender agora, aguarde um minuto, por favor.

O quarteto piano-violino-viola-violoncelo improvisa, serelepe, a partir de um tema bem popular de Beethoven, semibreves e semínimas salpicam o entusiasmo do auditório e o sangue da prisioneira.

Agora o torturador – concentração máxima – está tentando extrair intactos os globos oculares da garota – ela grunhe, quase sufocando –, sem romper os nervos ópticos.

Cuidado, atenção, nada de movimentos abruptos... Conseguiu extrair um. Ufa. Conseguiu extrair o outro. Maravilha!

A produtora do programa constata neste mo-

mento que também conseguiram, puta que o pariu, CONSEGUIRAM bater a porra do recorde de audiência.

Levou meses até você ser absorvido por uma pessoa.

A inércia acabou. Um novo movimento está pra começar: rodopios e piruetas.

Que rufem os tambores. Não importa se você foi absorvido por uma criança ou um adulto.

Não importa se a absorção foi por via respiratória, cutânea ou digestiva. Só importa agora que você está finalmente dentro, no labirinto da carne e no fluxo do sangue. No subterrâneo da vontade.

O que é um ser humano?

Você não faz ideia, mas logo descobrirá que a fileira de proteínas artificiais que envolve tua couraça poligonal foi programada pra se conectar voluptuosamente – chave e fechadura – com qualquer proteína receptora da membrana plasmática dos principais tipos de célula do corpo humano.

Acoplamento perfeito, isso é quase amor: tua couraça viral incorporou-se à membrana plasmática da célula e agora teu núcleo infeccioso penetra sossegadamente no citoplasma.

O desdobramento matemático da biologia predadora tem início. Tua cápsula alienígena expande e brilha – uma estrela mínima –, antes de se dissolver na beleza da extinção.

Loucas, elétricas, tuas moléculas alopradas de RNA e de enzimas são liberadas no ambiente intracelular.

Raios e trovões, ondas pastosas. Tua engenhosa enzima de transcrição reversa converte o RNA viral em DNA viral, que desliza sub-repticiamente, junto com tua enzima de integração transversa, para dentro do núcleo da célula invadida.

Quantas horas se passam? Ou seriam segundos?

Tua enzima de integração transversa insere a linha herética do teu DNA viral no hierático texto do DNA celular.

Quantos dias se passam? Ou seriam meses?

O estado de latência é uma estratégia das micro-máquinas mais eficientes. Mas agora você está no comando da maquinaria celular. Começa a produção de RNA e proteínas virais, tua reprodução faiscante acelera.

Muitos vírus completos – couraça poligonal, cápsulas proteicas, moléculas de RNA, enzimas, tudo novinho – vão brotando sem alarde.

Importante: sem danificarem a hospitaleira célula hospedeira.

O corpo humano não conhece fronteiras, é uma sucessão de ravinas e promontórios. Uns vírus vão para baixo, outros para os lados. Os mais perspicazes vão pra cima.

Emergindo dos subterrâneos da vontade – da boa e da má vontade –, esses caçadores obstinados seguem para o centro do sistema nervoso. São caçadores de sinapses.

Mandalas de dopamina e salamandras de serotonina levam os telespectadores magnetizados de *Olho por olho, dente por dente* a um estado alterado de felicidade bastante favorável ao Estado. O Estado alisa a pança e arrota, satisfeito.

Dizem que no país o crime organizado virou moda, que a impunidade estimula o crime, então eu digo: chega de impunidade, a nova moda é a sociedade organizada desorganizando as quadrilhas, as gangues, ironiza o apresentador do programa.

Mas a prisioneira não consegue escutar muito bem esse comentário, ela teve as orelhas cortadas, lembram?, e o sangue entupiu os ouvidos externos.

Só não podemos esquecer que o crime, igual ao câncer, gera muitos e bons empregos, é um patrimônio nacional, mas isso o apresentador não diz.

Para o torturador excitado, a ereção prolongada seria um incômodo grande, se ele não pudesse contar com um comprimido antilibidinal antes do início do programa.

Manter relações sexuais com a vítima jamais foi permitido no horário nobre, afinal é preciso lembrar que há crianças no auditório e na sala da família brasileira.

Já na sala de produção, enquanto a equipe da tevê estatal se prepara para o encerramento do programa, a diretora do presídio sente um mal-estar súbito, as pernas bambas. Ela se deixa cair na cadeira da produtora, que levantou pra conversar com o diretor da agência de publicidade.

Enquanto o torturador desenrola carinhosamente pra fora da cavidade abdominal os intestinos da prisioneira, o quarteto se diverte com os arabescos de uma raga – conhece essa fórmula melódica da música hindu? –, como se de um cesto estivesse surgindo uma atrevida naja.

A garota geme, o violino saltita, a viola ginga e o violoncelo rebola.

E o piano? O piano não pia nem rodopia, apenas espera, quieto, o pianista voltar do enjoo e da enxaqueca que o arrastaram pra fora do palco.

Você não tem como saber, mas tua descendência está neste momento modificando a programação espiralada do sistema nervoso e do sistema endócrino do teu hospedeiro.

Novas curvas e arestas começam a redesenhar os delicados ciclos da homeostase. Existe o centro – uma nuvem sólida de crenças e desejos – e existem as periferias, sempre no plural, porque fora do centro tudo se multiplica e escorrega: é a dança dos hormônios.

Tá orgulhoso, papai-mamãe? Teus jovens descendentes não fazem a menor ideia do que é um cérebro humano, mas farejam os mediadores químicos nas fendas sinápticas como se fossem especialistas.

Em todos os lugares claros e escuros, brancos e vermelhos, as mensagens elétricas são interceptadas e modificadas na origem. Qualquer tremor que tente expressar medo ou raiva é imediatamente sublimado, morre antes de se propagar.

Teu hospedeiro – não importa se criança ou adulto, homem ou mulher –, repito, teu hospedeiro, o contínuo mentecorpo, a vontade de teu hospedeiro, as crenças e os desejos, está tudo dominado.

Tua prole abduziu dezenas de bilhões de células-estrelas nessa compacta galáxia intracraniana.

O mapa e o relógio da memória não foram com-

prometidos: não importa se criança ou adulto, homem ou mulher, o indivíduo ainda é o indivíduo.

Tua prole é o exército fantasma que hipnotizou a topologia do império nervoso e do império hormonal. É a assombração que administra a rede de roteadores – esfinges – que se comunicam entre si através de protocolos químicos e elétricos – civilizações –, administrando por tabela a rede direcionada da mente.

Nessa matéria escura não há nó, não há link que não esteja sob nova direção.

A pandemia dizimou um bilhão de pessoas em cinco dias. A maior parte, crianças.

Semanas depois, apesar dos esforços globais os infectologistas ainda não conseguiram isolar o vírus.

O corpo da filha da diretora do presídio foi cremado no templo da Irmandade da Santíssima Fênix. Uma bolota de terra fértil, na qual já brotou e começa a se expandir um belo arbusto, paira a dois metros do chão, sustentada por fios finíssimos.

As cinzas da filha da diretora do presídio foram misturadas com o húmus, um dia minha menina renascerá planta, não faltarão as flores e o perfume, essa é a nossa ideia de permanência, disse em seu sermão o reverendo-chefe do templo, um sermão curto, uma cerimônia coletiva, eram muitas bolotas-caixões nessa tarde.

Nas íris azuis dos alto-falantes brilhavam as lágrimas excelsas dum cantochão sobrenatural.

Fim do devaneio...

Sob a bolota, apoiados num pedestal, estão uns poucos objetos preciosos: um par de sapatos, uma boneca, dois anéis, brincos, um desenho, cacarecos cuja aura vibra mais forte que nunca.

Ao lado do pedestal, um holograma tridimensional da menina se materializa, quando invocado. Responde a perguntas simples, repete histórias antigas. Recupera cenas de quando ela era bem pequena.

Mas a mãe já se cansou de conversar – ou somente conviver em silêncio – com essa imagem alegre, com essa sombra vibrante cheia de falsa vida. Na casa e no escritório, a mulher também já desativou

o holograma.

A nova loucura do mundo está atrapalhando o luto das famílias que perderam um ente querido, ou até mais de um. Que doença mortal é essa, que ataca tão simultânea e aleatoriamente que seu epicentro – existirá um epicentro? – ninguém até o momento conseguiu rastrear?

A diretora do presídio despede-se da filha e caminha entre duas fileiras de pedestais e bolotas-caixões, em direção ao portal principal, suas córneas de acrílico escurecem um pouco antes que a luz crescente do sol ofenda suas retinas.

Pra trás vão ficando os arbustos em diferentes estágios de crescimento, veja só que beleza, os mortos já estão renascendo planta, a mulher mima e ruma esse pensamento abaixo do limiar da atenção, um gosto amargo estraga a ruminação quando se lembra da prisioneira do último *Olho por olho, dente por dente*, quando se lembra de todos os prisioneiros de todas as temporadas do programa.

Antes de cruzar o portal do glorioso templo da Irmandade da Santíssima Fênix, o reverendo-chefe chama-a na brain-net, bom dia, minha amiga, meu radar anda muito preguiçoso, só agora notei que você estava no prédio, senão teria descido pra cumprimentar você pessoalmente.

Não se preocupe, irmão, passei apenas pra me despedir da Isadora, no sábado viajarei a Amsterdã, vou passar uns dias com meus pais.

Que bom, eles ainda estão vivos, eu não sabia.

Estão bem velhinhos, completam cento e sessenta anos no mês que vem, se conseguirem aguentar até lá, por isso quero rever os dois, você sabe, na noite em que minha filha, ah eu penso nisso o tempo todo, irmão, você sabe, ela tentou falar comigo, mas eu não atendi.

Não se martirize, irmã.

Também penso muito no que você falou ontem, na sua teoria da conspiração.

A teoria não é minha, querida, não sei se você tem acompanhado o noticiário, as redes sociais, as pessoas estão comentando...

Deus ex machina promovendo a nova utopia, ajustando o caos no cosmo, a ordem na desordem, mas não há desordem, não há caos, cosmo ou acaso, há somente a filtragem do fluxo-tempo na capilaridade do refluxo-espaco, a unidade na multiplicidade, a existência na inexistência, há apenas você, multidão viajante, você, legião estrangeira, sublimando atavismos, pacificando o centro-periferia da raiva e do medo, você, hóspede involuntário dum hospedeiro otário, acalmando o fogo-fátuo da amígdala, re-freando o redemoinho do hipotálamo, abrandando o arco-íris do cerebelo, moderando a aurora polar do corpo caloso, vamos, maquininha maluquinha, avante, ser sem pensamento, baixa o cacete nesse pensamento sem ser, é necessário excitar a clemência e inibir a crueldade, é preciso regular o córtex cerebral, as membranas meticulosas, os rebanhos de neurotransmissores, as assustadoras fendas sinápticas, é fundamental fiscalizar tudo o que é abocanhado pelas famintas espinhas dendríticas, controlar os impulsos nervosos no grande-pequeno aquário cinza, domesticar as reações físico-químicas, senta, levanta, deita, rola, au au, dá a pata, está tudo dominado, repito, está tudo dominado: nessa matéria escura não há nó, não há link que não esteja sob nova direção.

Repugnante. Na epiderme brotaram filamentos azulados, mais grossos nas costas e nas coxas, o corpo ficou parecendo um tapete.

Da boca, das narinas e dos ouvidos escaparam pequenos tentáculos fosforescentes, que pareciam querer se comunicar com a atmosfera.

Esse era o estado da filha da diretora do presídio pouco antes da parada cardíaca definitiva, esse era o estado de todos os pacientes na UTI lotada.

Compaixão é uma palavra terrível, insólita demais, é o substantivo mais abstrato do que qualquer abstração já imaginada por uma pessoa concreta.

Estamos todos infectados, a diretora do presídio ouviu isso nos telejornais da madrugada, mas por que uns morreram e outros não? Essa é a pergunta de um milhão de dobrões de ouro.

Todos os círculos, todas as alas do presídio estão em paz, até mesmo a mais profunda, de segurança

máxima, você caminha sozinha, a porta das celas está destrancada, mas os presidiários não saem, os corredores do horror não representam mais perigo.

Será que o reverendo-chefe está certo?

Você e sua equipe analisaram o histórico de todos os prisioneiros mortos, procurando um padrão, mas não havia qualquer padrão fisiológico reconhecível.

A doença não atacou unicamente os jovens ou somente os velhos, os diabéticos ou os hemofílicos. Ou apenas os poucos sexualmente ativos, resistentes ao antibial.

Não dizimou tão-só os mais agressivos ou os mais pacíficos. Ou somente os negros ou os orientais, não adianta, escolha o conjunto que quiser e logo verá que a doença matou uns poucos indivíduos de cada conjunto, poupando os demais.

A matança foi aleatória, não existe um grupo de risco.

Ou existe? Será que o reverendo-chefe está certo?

Agora você percebe, perplexa, que o padrão tão procurado é de natureza psicológica.

Você chama teu secretário no tablet, conversam sobre detalhes da inspeção que você decidiu fazer *sozinha*, contra a vontade de todos, você disfarça tua real intenção, mas no final para de dar voltas e vai finalmente ao ponto, Diego, você nunca me falou nada do seu pai, sei que vocês não se davam muito bem, mas preciso saber, apesar da diferença ideológica que havia entre vocês, apesar da militância e das brigas, ele era uma boa pessoa, quero dizer, ele era do tipo, você entende, solidário, generoso?

Diego diz que sim, do seu jeito reservado.

Você comenta com ele que o reverendo-chefe compartilhou em sua página na brain-net vários depoimentos sobre o assunto, e a palavra mais saliente em todos eles é *compaixão*.

As pessoas mais religiosas estão afirmando que a doença atingiu apenas os altruístas, você diz.

Você comenta que essa *crença esdrúxula* – a expressão cínica vem da universidade – está intrigando os pesquisadores.

Um pequeno grupo de psicanalistas publicou um artigo tentando demonstrar que há um delírio

coletivo global, você diz, que os sobreviventes da pandemia desenvolveram uma patologia rara, um sentimento de profunda culpa social, relacionado ao luto, pra esses psicanalistas a teoria de que apenas os compassivos morreram é irracional, uma superstição.

Teóricos adoram teorias, Diego diz, delírio ou não, a verdade é que estamos todos infectados, cedo ou tarde desenvolveremos a doença e morreremos.

O reverendo-chefe também discorda dos psicanalistas, você diz, ele acredita que houve sim uma seleção divina, que apenas as boas almas foram levadas de uma só vez, deixando pra trás os egoístas, os injustos, os perversos, os corruptos...

Um *arrebato*, é sério mesmo, ele acredita nisso?

Acredita.

Não sou religioso, não acredito em alma imortal, em nada disso.

Eu também não, mas a equação não precisa desse elemento sobrenatural pra funcionar, é uma questão estatística subjetiva...

Um dos presidiários sai da cela, bloqueando a passagem, a diretora do presídio se assusta, os dois se olham, se analisam, outros presidiários chegam por trás, um deles pega o tablet e o desliga.

O primeiro presidiário abraça a diretora, roça a barba na bochecha macia, sua boca procura a dela, o beijo dura uns poucos segundos. Separam-se.

O grupo inteiro se afasta em fila, rumo ao elevador e à liberdade, é o final da primavera, vão cantando uma canção qualquer.

Sem o tablet, a diretora do presídio é obrigada a recorrer mais uma vez à cara conexão mental, a conta este mês baterá no teto.

A senhora está bem?

Estou, foi só um susto.

Os prisioneiros estão saindo das celas, muitos já abandonaram o presídio.

Eu sei, Diego, aposto que os carcereiros não estão impedindo.

Não estão, parece que os chefes de segurança e as

sentinelas também não pretendem fazer nada.

Estou voltando, chego aí em cima em cinco minutos.

Se passar pela máquina do sexto círculo, a senhora se importaria de trazer um café duplo?

Levarei, com prazer.

Puro, por favor.

É claro.

O cheiro do prisioneiro que a beijou era estimulante, o sabor também, ah a textura áspera da barba, mais uma vez o cheiro, o sabor, uma trama de sensações conecta este dia a outros dias, a diretora do presídio lembra da garota que foi julgada no último programa do reality show, lembra do momento exato em que tudo começou a mudar, a tristeza súbita – inexplicável – ao ver o estado deplorável da presidiária, sua dignidade toda dilacerada, a sensação de culpa, monstro, ela pensou ao se deixar cair na cadeira da produtora da tevê estatal, somos todos monstros, seu mal-estar não era somente seu, muitas pessoas na plateia também passavam mal, dezenas de rostos deformados pelo horror enojado, o presídio inteiro fedia a sadismo, intestinos, ânus, uma camada do estrume mais sórdido cobria a consciência das pessoas, antes que tudo se apagasse a diretora agarrou um fiapo de compreensão, largada na cadeira ela percebeu uma mudança muito séria, íntima, para a qual ainda não conhecia uma palavra, mas hoje ela compreende que essa palavra é a mais infável de todas.

Compaixão.

Enquanto providencia dois copos grandes de café, a mente meio nublada da diretora do presídio brinca com uma suposição excêntrica.

A mente é uma garota muito jovem, a suposição é uma bola multicolorida que sobe e desce, atravessando a linha da consciência, uma bolinha dissimulada, ora emergindo, ora submergindo.

E se as boas pessoas morreram justamente por terem sido pessoas boas? Essa é a ideia-bola maliciosa, que vai e vem. E se a doença for mesmo de natureza moral?

Recebe os dois copos quentes e caminha até o elevador, o cheiro bom da bebida e a lembrança da

filha turvam um pouco sua visão.

Um necessário efeito colateral?

Uma doença-onda tão poderosa que lavou a sujeira dos egoístas, a craca nojenta da grande maioria, mas afogou a minoria altruísta?

Luiz Brasil nasceu no dia 22 de abril de 1968, em Cobra Norato, pequena cidade da mítica Terra Brasilis. É ficcionista e coordenador de laboratórios de criação literária. Na infância ouvia vozes misteriosas que contavam histórias secretas. Hoje coleciona miniaturas e gravuras de zigurates. Gosta de pensar que essas construções míticas, sagradas, simbólicas abrigam criaturas e mistérios do passado e do futuro. De nosso mundo e de outros. Espantou-se ao ver pela primeira vez, no Centro Espacial de Hooloomooloo, uma prótese neurológica conectada a um exoesqueleto. Agora está tentando resolver, na literatura, a mesma mistura de fascínio e medo que nossos antepassados sentiram ao domesticar o fogo. Só acredita em biografias imaginárias. E nos universos paralelos de Remédios Varo. Venceu duas vezes o importante e impossível Prêmio Príncipe de Cstwertksst, na categoria romance (2010) e na categoria conto (2014). Principais livros: *Distrito federal* (rapsódia, 2014), *Pequena coleção de grandes horrores* (minicontos, 2014) e *Sozinho no deserto extremo* (romance, 2012).

“MADELEINES & MICRO-ONDAS NUM DIA SOLARADO QUALQUER”

Paulo Elache

– E se a vacuorgia não existisse? – perguntou Julius.

– Que pergunta boba, *mamii*¹ – respondeu Caius, enquanto elas caminhavam pelos campos floridos. O dia estava solarado e sem nubladas, o que facilitava a visada de parte de uma das Orbitores, subindo bem alto até desaparecer no ponto em que rasgava o céu renkov². De onde estavam não era possível visar, sem simulas, o início da gravimontagem de Terranel e o tráfego intenso de spacenaus em manobras. Era, sem dúvida, uma obra e tanto de engenharia planetária. “Ainda assim”, achava Caius, “uma obra menor, comparada aos trabalhos de eco-imaginaria”. Milhares de imaginheiros como ela ainda estavam recuperando os ecossistemas da Terra, danificados ao extremo pelos Eventos Nucleares de 2087 EC³, há quase duzentos e oitenta anos.

– Acum?? – replicou Julius.

Caius risou, se agachando para examinar uma planta proxí. “Há tempos não escutava essa maneira *lagran*⁴ de dizer ‘como assim’”, pensou Caius, enquanto re-imaginava a planta de grandes pétalas roxas com uma punção que acabara de materializar em suas mãos.

Terminada sua imagoperação, Caius levantou-se e respondeu:

– Bem, a densidade de energia do vácuo é algo inerente à estrutura do universo e efetivusar tal recurso, apesar dos perigos, seria inevitável...

– Inevitável? *Incoolax*!⁵ – cortou Julius, praguejando com tanta intensidade que quase a fez sair da realidade. – A vacuorgia só foi efetivusada quando quebramos esses paradigmas, essas *fakdeas*⁶, camarada. Vocês, *envirocaps*⁷, só visaram ecolipses⁸ e se esqueceram de que nem sempre revisar a realidade é ruim.

– *Lagrans*, *envirocaps*... Rótulos, *mamii*, apenas rótulos – disse Caius, dando uma visada no corpo dela. “Julius continuava linda, mesmo antes de uma programada recarnação”, pensou ela. Julius estava completamente nua, com a pele roxa alterada para

a fotossíntese no espaço. Diferente dela, Caius se vestia com *mutatoos* ornamentais. Voltou a visar os olhos de Julius e continuou:

– Desde que a Comuna do Cinturão perdeu, para o ACME Riz.⁹, as licenças de exploração de vários cometóides em *Kuiper*¹⁰, como o “Bart”, o “Fester” e o “Zoidberg”, passamos a escutar esse tipo de provocação. *Agriinoo*¹¹?

– Claro que não, – reclamou Julius. – Só corrigi *fakdeas*, camarada. E ainda espero uma resposta mais decente para minha pergunta.

– *Agrii*, *mamii*, *agrii*... Bom, imagino que sem a vacuorgia ficaria difícil trabalhar em eco-imaginaria.

– Egoísta! – disse Julius, com um sorriso que fez seu olho, o direito azul, brilhar. – Muito além de suas imagoperações, viveríamos numa economia mais restritiva e distante de nossos objetivos imediatos.

– E desde quando essa louca expedição para além de *Oort*¹² pertence aos “objetivos imediatos” do Sistema Solar?

– *Incoolax*, camarada – falou Julius. – As estrelas não estão lá apenas para serem visadas, retinadas. Agora podemos realmente alcançá-las, temos energia de sobra!

– Cento e cinquenta anos-luz? É muito longe e demorado, *mamii*, mesmo para nós. Melhor continuar enviando UDVs¹³ e sondas cognitivas.

– E para que servem as recarnações? Acelerando até 0,2 g¹⁴, teremos um *shiptime* de pouco mais de oitenta anos, ida e volta, – retrucou Julius. – Se a blindagem cometária se comportar como dizem os engestruturais, poderemos viajar envolvidos em uma gravidade. Um *shiptime* total de vinte anos, que tal?

Percebendo que suas palavras não esclareciam a contento, segurou as mãos de Caius e falou:

– Venha, Caius, volte a ser *lagran* comigo. Melhor, exploradoras de novos mundos! Vamos – insistiu Julius. – Partiremos de Terranel em quatro dias.

– Cem anos atrás cansei de viver em habitats la-grange, *mavii*¹⁵ – disse Caius, jogando fora a punção usada. Antes de tocar o solo, a ferramenta se transformara em poeira de *foglet*¹⁶. – Acho que aproveito melhor minhas reencarnações recuperando esse nosso sofrido planetinha.

– Bom, pelo menos tentei – disse Julius, visando Caius nos olhos. Ela sabia que o número de reencarnações permissíveis era limitado e que talvez Caius não estivesse viva quando retornasse, daqui trezentos anos ou mais.

Quando se abraçaram, entre toques e beijos, quase sentiram o que perderam há tempos passados.

Então Julius desapareceu para sempre da vida de Caius, deixando em seus braços apenas a poeira das lembranças.

Caius poderia ficar horas pensando no que teria sido sua vida novamente como *lagran*, mas foi interrompida por seu assistente, que aparecera quase no mesmo lugar onde antes estivera Julius.

– Caius, apareceu um *xeno*¹⁷ na entrada do canteiro 12.

– Que é isso, Serafa? Se não te conhecesse diria que é um estagiário – replicou Caius com um sorriso no canto esquerdo da boca. – Use o procedimento para *xenos*: peça que se identifique e diga o que deseja. Depois, livre-se dele.

– Esse é o problema, Caius – disse o assistente, coçando o queixo. – O *xeno* está no chão, inconsciente.

– Ah, não, mais um *gravijumper*... – desabafou Caius. – Me leve até lá, Serafa.

Caius recebera inúmeras “visitas” desses malucos, que arriscavam a vida despencando da ionosfera. De todos os tipos, os *monofliers*¹⁸ e *orbigliders*¹⁹ eram os que mais danos causavam à vegetação dos canteiros.

Enquanto Caius se materializava no canteiro 12, Serafa informou-lhe que o invasor não danificou nenhuma planta.

“Se não é um *gravijumper*, como chegou aqui?”, pensou Caius. “Não visio sinais dos retrobags ou monofilamentos, nem de qualquer tipo de transporte”.

Era um rapaz bonito, com o cabelo escuro cortado curto que realçava o perfil aquilino. Caius perce-

beu que ele começava a se mexer e se agachou para ajudar-lhe.

– Devagar... Segure aqui, – falou Caius, oferecendo sua mão como apoio.

O rapaz parecia estar quase recuperado, mostrando apenas sinais de uma leve tontura.

– Quem é... Onde estou? – perguntou o rapaz, que retinava o chão como se procurasse algo muito importante. – Onde está meu Anel?

– O quê? – replicou Caius.

“É arqueo-português”, introfalou Serafa. “Ele está procurando um anel, uma pequena faixa metálica que se coloca nos dedos”.

“Sim, eu sei o que é um anel, agora entendi”, introcortou Caius, após o up-prendizado dessa versão arcaica do português.

– Aqui, achei – disse o rapaz, se abaixando para pegar um pequeno anel com uma gema, talvez diamante, caído perto do local onde estivera deitado. Seu movimento brusco deixou-o tonto.

– Calma, descanse um pouco – falou Caius com um sorriso preocupado. – Você está na “PlantasGratas-FloresPlus” da Sud-Mata Atlântica. Chamo-me Caius, e você?

– Giovanni.

O rapaz mal balbuciou seu nome, mais preocupado em visar ao redor.

Percebendo a dificuldade que ele sentia em retinar num dia tão solarado, Caius intropediou para Serafa imaginar um pequeno abrigo com cadeiras. A materialização causou espanto no rapaz:

– Quê? Como você fez esse truque? – perguntou Giovanni, tocando as paredes do abrigo com cuidado, como se estivessem quentes.

– Mágica! – respondeu Caius, rindo do estranho comentário do rapaz. “Giovanni, bonito nome”, pensou Caius, enquanto o convidava para sentar. – Mas, de qual *lagran* você veio? Se é que veio de alguma.

– *Lagran*? Não sei do que você está falando, moça. Do pouco que entendi você disse que estou em algum lugar da Mata Atlântica.

“Acho que está escondendo alguma coisa”, pensou

Caius. Mais uma vez, fingiu não escutar os comentários evasivos dele e continuou:

– Já vivi em muitos habitats lagrange; *Floréal*, *Narnia I e II*, *New Beatnik* e outros tantos na Comuna do Cinturão, mas acho que me cansei de tudo aquilo. Posso remover suas roupas?

– Nossa! – exclamou Giovanni, piscando o olho direito enquanto tirava a roupa de cima. – Gostei daqui, dessa timeline, mas vamos com calma. Só o paletó está ótimo, obrigado.

– Você se sentirá melhor, além de ser mais fácil aplicar o *mutatoo* num corpo nu – falou Caius, ajudando Giovanni a se despir. – Quantas camadas têm sua roupa?

– Pelo jeito você nunca viu um terno antes... Um momento – pediu o rapaz, que acabara de colocar o anel no polegar direito. A gema brilhou levemente e em seus olhos – assim pareceu para Caius, – essa luz se transformava em números e letras.

Giovanni murmurou algo parecido com “*em que época*” e então falou baixo, como se estivesse pensando alto: – Hum... Ano 2365 DC.

– EC – corrigiu Caius. – Dezembro-18 de 2365 EC. Ou, se preferir, *septidi du decade-III du Frimaire du année 574* da Revolução Francesa, como usávamos em *Floréal* – disse Caius sorrindo, lembrando-se de seus tempos como *lagran* entre os amoráveis neopoleônicos. Nesse mesmo instante, Serafa se materializou ao lado deles.

– Que porra é essa agora? – gritou Giovanni, pulando assustado. – De onde veio esse cara? Mágica de novo?

– É só meu assistente, Serafa. Ele está aqui para aplicar o *mutatoo*.

Giovanni tocou Serafa com visível curiosidade.

– Holograma sólido... Interessante... E que diabos é esse negócio de “*mutatoo*”?

– Isso – respondeu Caius apontando para o próprio corpo, coberto de tatuagens ornamentais cujos padrões se moviam e alteravam aleatoriamente. – Uma proteção melhor que essa sua roupa multicamada.

– Ah, sei... – falou Giovanni, tirando a calça en-

quanto visava Caius. – Querida, você sabe mesmo como dar boas vindas. Se não se importar, ficarei com meu Cinto e meu Anel. Manda ver, Serafim!

– É Serafa e não sou um “holo” sólido – replicou o assistente ao aplicar o *mutatoo*.

– É gelado. Humm, gostoso... – disse Giovanni, tocando e admirando as tatuagens que rapidamente se espalhavam por todo o seu corpo. Caius acompanhou atentamente o processo. “Há muito não visava um *machofull* em estado bruto”, pensou Caius. “Definitivamente, não veio de qualquer *lagran*, ao menos das conhecidas. Nem nas *Narnias* existiria um *machofull* assim. Definitivamente, ele é um delicioso e primitivo mistério”.

E Serafa aumentou ainda mais suas suspeitas. Além de se expressar num português *fullarcaico*, milhares de dados downlados do zapskan indicavam que Giovanni era isento de nanos, selfcogs e todo o tipo de plugins encontrados em qualquer solariano. “E o mais estranho foi que o zapskan detectou algo parecido com matéria anômala no interior daquele Cinto”, introfalou Serafa, que também confirmou que o Anel era um HMI²⁰, uma interface para o Cinto. “Como não posso imagoperar tekscans, sugiro muito cuidado, enquanto solicito ajuda de Terapólis”.

“Não”, intrordenou Caius. “Com você aqui não corro perigo. Espere mais um pouco antes de pedir qualquer ajuda. Preciso fazer mais algumas perguntas ao rapaz”.

“Sei muito bem o que você quer”, introfalou Serafa. “Suas tesormonas te condenam, Caius”.

“*Mérdii*, Serafa! Faça o seu trabalho e deixe o resto comigo”, introfalou Caius, popando sorrícones libidinosos.

Caius admirava a alegre e genuína curiosidade do rapaz, mas não podia perder a visada da situação: era um intruso inexplicável.

– Gostou?

– Sim, claro – respondeu Giovanni, mexendo os braços e as pernas enquanto tentava esconder a penintumescência. – É tão estranho, parece que ainda estou pelado. Só espero que não me faça mal.

– Não se desormonize por isso – disse Caius, acariciando o peito e os quadris de Giovanni. – Serafa

aplicou bem o *mutatoo*, mas demora um pouco para fazer o efeito desejado.

– Quer dizer que tem mais, além dessa leve sensação de bem estar? É muito gostoso, como se eu fizesse parte de algo maior, algo assim... Indescritível?

– *Mamii*, você está quase pronto – respondeu Caius, com um sorriso largo. Encostou seu rosto ao do rapaz e sussurrou: – Me diga quem realmente é você, como chegou aqui e o que quer.

– Uhuu... Assim você me deixa excitado, garota.

– Eu sei, visei – replicou Caius, alisando e excitando ainda mais Giovanni. Depois de um longo beijo, Caius insistiu: – *Mamii, mamii*, de que você está fugindo?

– Não posso falar querida – respondeu Giovanni ofegante, tentando carícias mais ousadas em Caius. – E mesmo se pudesse você jamais acreditaria... Dá pra trepar com esse troço grudado?

– Tente – falou Caius, usando um tom de voz baixo, mas firme.

O rapaz pareceu sentir o poder daquela voz, pois começou a falar e fukopular²¹ sem parar.

– Bom menino... – sussurrou Caius, se entregando de braços abertos à ansiedade de Giovanni.

“Viagem no tempo, cronoperativos, fuga por autoduplicação temporal... Ele tinha razão ao afirmar que eu não acreditaria. Realmente é muito difícil *swalar*²² tudo isso” – introfalou Caius, enquanto fukopulava e incitava Giovanni. –... Aí, *mamii*... Isso, assim...

“Então *swale* a seco, *buona donna*, pois o rapaz que você está ‘hackeando’ não mentiu. Pelo menos é o que indica sua atividade hormonal. Vise só o datastream dele” – introduziu Serafa.

“Eu sei, visei. Humm, níveis interessantes de tesormonas e erostoninas.” –... Assim, vai... Não pare... Lambe, lambe... – “Esse rapaz promete” – introfalou Caius, poluindo o datastream com satíricones multicoloridos e saborosos.

Depois dos orgasmos – dois para Giovanni e quatro para Caius, se entreolharam por um tempo, con-

versando:

– Você é linda, – desabafou Giovanni num sussurro. – Com você me sinto completo, satisfeito, não preciso procurar mais ninguém, você vale por todas as outras, nascidas ou não...

– Exagerado – disse Caius, enquanto acariciava o peito pouco cabeludo do rapaz.

– Posso te fazer uma pergunta pessoal?

– Claro – respondeu Caius.

– Desculpe, mas de onde venho... Quero dizer, de “quando” venho, é um nome estranho para uma mulher. Nada contra, claro, mas por que seu nome é “Caius”?

– Simplesmente porque “ela” não é menina, mané.

Caius e Giovanni zapvisaram na direção daquela voz grave e bem impostada.

Dois *machofulls* de roupagem similar à de Giovanni, porém preta, com óculos escuros e armamento pesado em punho estavam parados lá, nos visando. O mais próximo avançou rápido e tirou o Anel do polegar de Giovanni, rasgando o *mutatoo*.

– Intrusos! – gritava Serafa sem parar.

– Eu sei, visei – respondeu Caius, estendendo o braço para conter e acalmar Serafa. – Quem são vocês?

– Acho que sei quem são eles – balbuciou Giovanni, olhando visivelmente preocupado para os homens de preto. – Como assim “ela não é menina”?

– Ned, operativo da ACME²³ – disse um deles. Como eram muito parecidos, quase não importava saber seus nomes. O diferencial parecia ser o sorriso mais aberto desse “Ned”. – Meu colega aqui, Ted, às vezes gosta de simplificar as coisas. Rapaz, digamos que, “tecnicamente”, você transou com alguém que pode mudar de sexo à vontade, certo Ted?

– Certo, Ned, que nem sapo. – replicou o gêmeo, com um sorriso torto e sem muita paciência.

– Sapo não, Ted, peixe – corrigiu Ned. – Tipo o “peixe-palhaço”, sabe como é?

– Tanto faz, nunca me lembro dessa parte. Falando em palhaço, quero só ver a cara do pessoal lá atrás, quando souberem dessa parada.

Virou-se para o rapaz e continuou:

– O Giovanni original fez um acordo com a ACME. Viemos pra te levar, meliante, não pra ficar de papinho furado com “blocados”.

– Blocados?

– É o nosso jargão para os que vivem “fixos” no contínuo espaço-tempo – respondeu Giovanni, olhando para Caius como se quisesse se desculpar por sua afirmação. – Você, entendeu?

“Info, Serafa... nanoinfeste os dois” – introfalou Caius.

“Estou tentando!” – introgritou Serafa.

“Nananinã...” – intrometeu-se Ned/Ted no datastream, espalhando bloqueios pirofágicos por todos os níveis possíveis de datacesso. “Pode tirar seu cavalinho da chuva, boneca, não cairemos nessa de novo”.

– Devem ser servomeks, Caius! – gritou Serafa, correndo na direção dos intrusos.

Um deles, o Ted, apontou sua arma para Serafa, que desapareceu numa nuvem de poeira. A não ser por um ligeiro zumbido, pareceu que Serafa tinha apenas sumido, pois nada saíra da arma.

– Servomek o cacete, seu holo de merda – gritou Ted, tirando os óculos escuros. Seus olhos eram inumanos, totalmente vermelhos e brilhantes.

– Ted, Ted... Tanto estresse assim irá matá-lo um dia desses – falou Ned, apontando a arma para Caius. – Sua vez, moça.

– Peraí! – retrucou Giovanni, usando o próprio corpo para proteger Caius. – Ned, não é? Por favor, deixe a garota em paz, vocês já me pegaram. Não sei o que seu colega fez com o assistente dela, boa coisa não foi.

– Feixe de micro-ondas, *maricón* – replicou Ted, puxando Giovanni para longe de Caius. – Limpo e silencioso.

– Mas o que ela fez de errado? – gritou Giovanni, tentando escapar do abraço forte de Ted.

– Tortura sexual seguida de hacking inquisitivo, certo Ted?

– Sim, Ned. Um mané, isso é o que você é, infes-

tado de bugs pelo corpo todo e aceitando passivamente ser lambuzado com tatuagens virais por essa... Essa aí!

– Essa “garota” é transumana, Ted, contenha seus comentários preconceituosos – interrompeu Ned, sorrindo com malícia.

– Sério? Caguei! – bufou Ted.

– Então por que vocês não foram afetados pelos tais “bugs”? – questionou Giovanni, quase sem fôlego.

Ned tirou seus óculos escuros e mostrou-se para Giovanni. Os mesmos olhos vermelhos de Ted. – E você acha que é a primeira vez que te resgatamos? Garanto que dessa vez viemos preparados pra qualquer cyber-parada, certo Ted?

– Certo, Ned, mas dá pra ser mais rápido com essa porra de conversa fiada? – Reclamou Ted, apertando ainda mais os braços em torno de Giovanni. – Vamos vazar dessa timeline alternativa, antes que aquele holo do cacete volte. Esse bostinha aqui deu muito trabalho, é pra hoje, meu camarada!

– Estressado... – resmungou Ned, apontando novamente a arma para Caius.

– Apague as memórias dela, leve-a para a prisão, sei lá. Apenas deixe-a viver, por favor! – implorou Giovanni.

– Fique tranquilo, “Romeu”. Sua “Julieta” nunca esteve aqui mesmo – e Ned apertou o gatilho sorrindo.

O som do grito de Giovanni foi a última coisa que Caius ouviu, antes de despertar.

Despertou gritando de dor.

– Calma, relaxe um pouco. A desconexão foi muito brusca – falou Serafa, ao lado de seu amniopod.

– Estou bem, Serafa. Moída, mas bem – disse Caius, tirando do rosto o resto da placenta coagulada. – Você consegue me enviar para lá de novo?

– Antes você precisa se recuperar para o próximo link.

– *Mérdii!* Estou melhor e já fizemos isso antes. Por que esperar?

– Não nessas condições – retrucou Serafa. – E mesmo que isso fosse possível, o canteiro 12 está a mais de 300 km daqui.

– E daí? Como assim?

– Eles desabilitaram todas as estações locais de ZPE²⁴, e os *foglets* do canteiro mais próximo não estão operacionais. Sinto muito, mas não temos vacuorgia suficiente para imaginar seu corpo virtual a tempo. Retine²⁵ aqui.

Uma simula, que se materializara naquele instante, mostrava a dupla Ned/Ted disparando para todos os lados. De repente, um deles visa para cima e atira, fazendo a imagem desaparecer.

– *Fil putain!* – praguejou Caius. – Aquelas bestas também estão matando toda a vegetação do canteiro, com aqueles disparos de micro-ondas.

– Depois que o aeromek foi eliminado, achei mais seguro obter imagens dos orbitadores.

A imagem agora mostrava os homens de preto guardando suas armas e segurando o rapaz.

Então, sem mais nem menos, não estavam mais lá.

– O que aconteceu? – perguntou Caius. – Por que você parou de gravar?

– Não houve corte algum. Eles realmente desapareceram da realidade. Ou algo perto disso.

– É impressão minha ou você tem mais informações?

– Digamos que resolvi abrir mais os “olhos” – respondeu Serafa com uma piscadela. – Solicitei aos orbitadores a gravação com tekscan de amplo espectro. Vise só o que obtive.

Era praticamente a mesma imagem aérea anterior, a não ser pela cor avermelhada do ambiente e dos tons cinzentos para Ned/Ted e Giovanni.

Entretanto, pouco antes deles desaparecerem, cores de um azul brilhante apareceram circulando os três. Depois que se foram, os tons azuis tornaram-se radiais até se esmaecerem por completo.

Caius visou Serafa, que estava com a sobrancelha esquerda levantada.

– Táquions. – Falou Serafa. – Daquele cinto tão

querido pelo “seu” rapaz, bem como dos outros dois usados por aqueles malditos servomeks, surgiram intensas emissões de táquions, visíveis apenas aos detectores Cherenkov em órbita.

– O que significa isso?

– Emissões de táquions ocorrem nas interfaces de fenômenos superluminais, ou em transições temporais bidirecionalmente controláveis.

– Resumindo – replicou Caius, – spacenaus quebrando a barreira da luz ou viagens no tempo. É isso ou estou enganada?

– Não teria me expressado melhor, – sorriu Serafa. – Caso tais fenômenos fossem possíveis, é claro.

– Ora, Serafa, depois de tudo o que aconteceu, você ainda tem dúvida?

– Sou cético por programação, *mia cara*.

“Como eu queria ser assim como você, Serafa” – pensou Caius. “Como um deles dissera, eu era uma ‘blocada’, fixa no tempo... meu tempo, minha vida, tendo certezas em meu passado e apenas esperanças em meu futuro”.

Caius se aproximou da janela. Estava no último andar, o quinto, da maior edificação da comunidade de *Neo Sampa*. Como centenas de outras comunidades similares ao redor da Terra, era habitada por pessoas mais preocupadas com uma convivência integrada à natureza.

“Tudo isso pode mudar, desaparecer num zap por seres amorais que, sem distinção, ‘apagam’ fatos de nosso passado” – pensou Caius. “Ted disse também que ‘aqui’, ‘agora’, era apenas uma ‘timeline alternativa’. Seria uma alternativa entre muitas? Será que seremos ‘apagados’ da existência num momento qualquer? E o que seria ‘um momento’ nesse esquema novo? Madeleines perdidas num dia solarado qualquer? *Mérdii!* Preciso parar de pensar assim, senão enlouqueço”.

Então Caius voltou-se para Serafa e disse:

– E eu serei cética por opção, *mamii*.